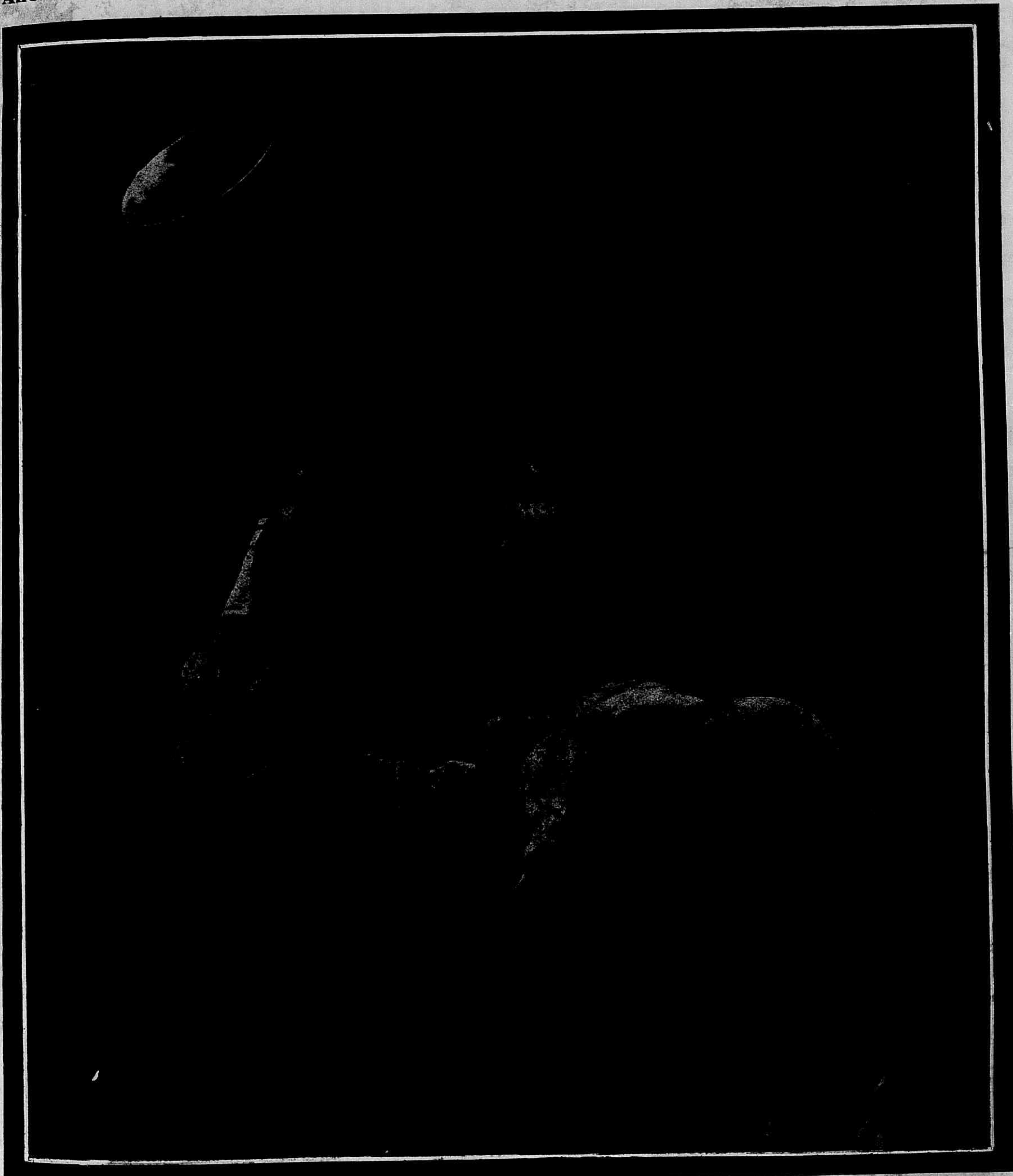


Revista da Semana

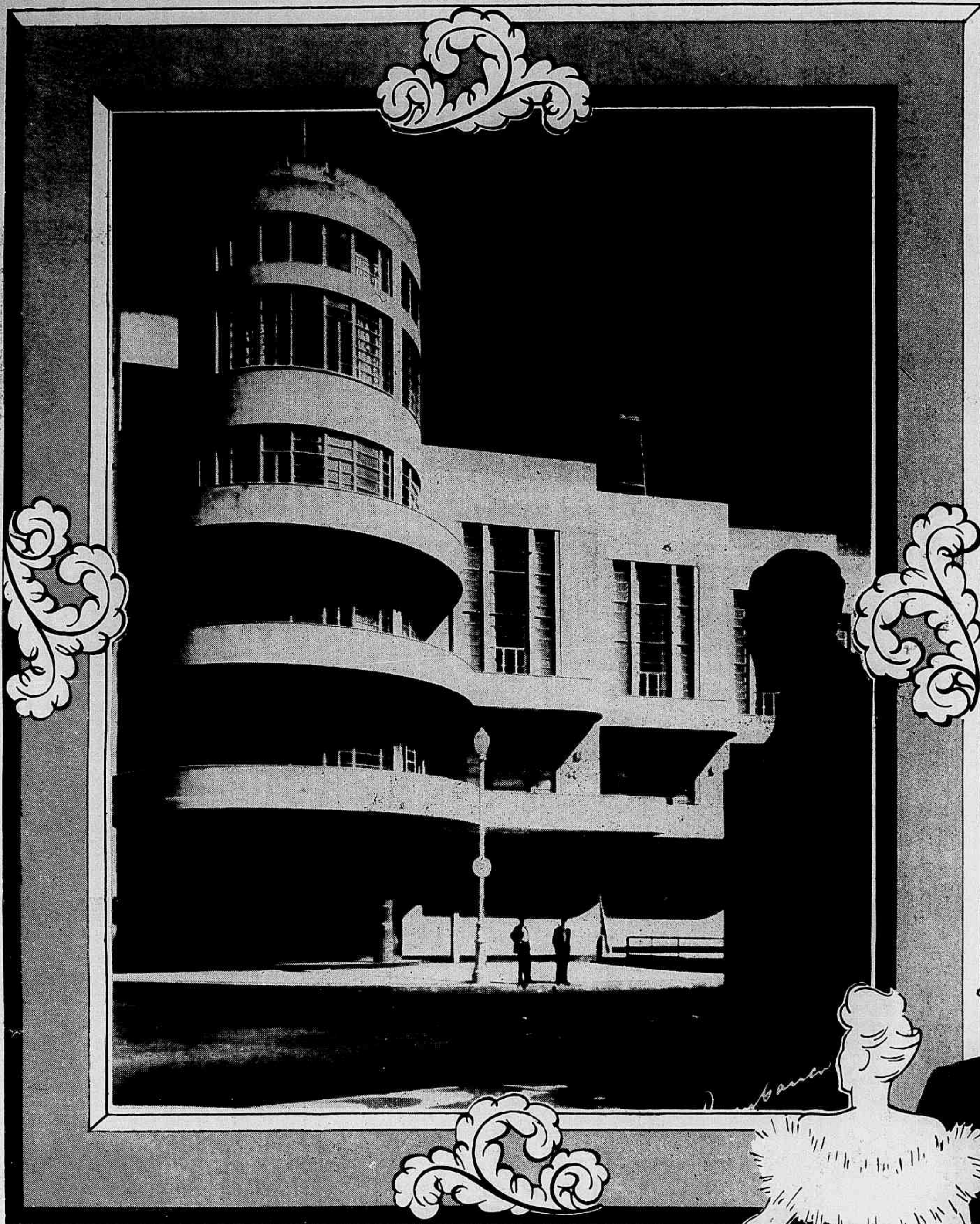
Ano XLVI -- N.º 35 -- Cr\$ 1,50 em todo o Brasil -- 28 de Agosto de 1943



ELES ESTÃO PREPARADOS

Reportagem
no texto

*A bela
"boite"
Carioca*



A "BOITE" DO CASSINO ATLANTICO TEM O SEU "CACHET" ESPECIAL. MUITO SEU. INCONFUNDIVEL. E' UM CONJUNTO HARMONIOSO EM QUE SE AFIRMA A VITORIA DA ARTE MODERNA. SEUS DETALHES IMPRESSIONAM. PELA PUREZA DAS LINHAS PELO SENTIDO DE ACONCHEGO. E' ALI NA "BOITE" DA CIDADE QUE SE REUNE A SOCIEDADE CARIOCA.

C A S I N O
Atlantico

José Arthur Rios

Antes de tudo ela nos apresenta uma visão diferente do mundo. Algo de semelhante encontramos em Marcel Proust e em Charles Morgan. É uma curiosa maneira de aproximação da realidade. As coisas não mais permanecem distantes e estranhas pertencendo a um mundo aparte. São trazidas para dentro de nós, assimiladas ao eu do poeta que lhes infunde uma vida nova e misteriosa. Custamos às vezes a reconhecer esse seres ou coisas que nos são familiares, tão diversa é a visão que deles tem o artista. Um gato, uma boneca, uma parede, por exemplo, cobram na poesia de Rilke uma personalidade estranha e inquietante. Dêles surgem sentidos profundos que alteram por completo a idéia passiva que tínhamos a seu respeito. Pa-

Uma coisa, no entanto, nos surpreende: porque não escolheu a música como meio de expressão? O que não teria êle dito em música! A's vezes sentimos que seu verbo alcança o limite do indizível e que si fôsse mais alem deixaria de ser palavra e, despido de seus ultimos vestigios intelectuais, transformar-se-ia em som, em pura música. Aliás a construção e o desenvolvimento de suas famosas *Elegias de Duino* é todo sinfônico. Quis o destino que Rilke não fôsse músico e sim poeta. Aí está seu sofrimento e sua glória. A sua escolha da palavra, da palavra dura, crespada, rebelde, gasta, cheirando a terra, valoriza ainda mais aos nossos olhos seu titânico trabalho de artista.



A LIRA

ALGUMAS semanas antes de sua morte, em 28 de Março deste ano, Sergei Rachmaninoff consentiu em fazer uma coisa que sempre detestou intensamente: posar para um fotógrafo. Obscuro e inatingível, o grande pianista e compositor russo evitava a publicidade com uma persistência que raramente rendeu-se ao clamor da imprensa e dos admiradores. Ha tres anos, quando o fotógrafo da LIFE, Eric Schaal pediu permissão para tirar esta fotografia, Rachmaninoff hesitou e disse "talvez". Durante mezes, Schaal escreveu-lhe, telefonou-lhe, procurou-o após os concertos. Finalmente, em dezembro ultimo o grande musico recebia Schaal no seu apartamento de Nova York e deu-lhe meia hora do seu repouso matinal.

A enigmática face de máscara refletiu-se no grande retrato da página oposta, familiar aos amantes de concertos durante meio século. Um amigo e discípulo de Tchaikowski, Rachmaninoff começou a tocar piano quando tinha 4 anos e escreveu seu famoso "Preludio" aos vinte anos. Ao tempo em que veio á América em 1918 exilado da Russia foi reconhecido como um dos maiores pianistas e compositores do mundo. Na sua ultima "Tournée" de concertos, pouco antes de sua morte, os criticos admiraram-se de não ter a idade embaçado o brilhantismo de sua técnica. Pois tinha pouco menos de 70 anos quando morreu.



Rachmaninoff no seu apartamento novaiorquino, onde morava com sua esposa.

As mãos de Rachmaninoff são firmes e fortes, com dedos retilíneos. Usava a aliança na mão direita, de acordo com o costume russo.



PARTIDA

ULTIMAS
FOTOGRAFIAS
DE RACHMANINOFF

Atitudes de Rachmaninoff durante um ensaio.

Até o Gênio!

Uma Calamidade!



Muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!

Em certas doenças, até o Gênio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes.

Um martírio!

Para tratar êstes padecimentos, consequências do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use **Regulador Gesteira**.

Regulador Gesteira é o tratamento indicado.

Regulador Gesteira é o Remédio de Confiança para tratar inflamação do Útero, o Catarro do Útero causado pela inflamação, Debilidade, Palidez e Perturbações nervosas provocadas pelo mau funcionamento dos órgãos Útero-ovarianos, a Pouca Menstruação, as Dôres e Cólicas do Útero e Ovários, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação e as irritações causadas pelo peso do Útero congestionado.

Comece hoje mesmo a usar **REGULADOR GESTEIRA**

Revista da Semana

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuerpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr.\$ 63,00; Seis meses — Cr.\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr.\$ 80,00; Seis meses — Cr.\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr.\$ 170,00; Seis meses — Cr.\$ 90,00

O numero avulso custa Cr.\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o numero atrasado: Cr.\$ 2,00

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegrafico: "REVISTA"
Rio de Janeiro

Telefones: — Direção: 22-2622; Gerencia: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do territorio nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este numero consta de 52 páginas.

A nossa capa

Reprodução de uma bellissima fotografia, especialmente cedida pelo *British News Service*, a nossa capa revela o escoteiro numa feição bem característica do seu entusiasmo. Ei-lo de pé, feições firmes e fortes, numa magnífica antecipação do homem de amanhã, lançando ao ar, pela voz da corneta, um claro chamado de alerta, um brado de reunir.

Um povo que tem a seguí-lo, como esplendida recompensa, a alegria franca dos seus filhos, educados na escola nobre do trabalho que não visa outra recompensa, além da satisfação mesma de bem servir, de ser útil á patria que receberão dos seus maiores, grande e soberana, como o mais esplendido dos legados, pode ir tranquilo por todos os caminhos. Velam os filhos, prontos para a mesma luta, para a mesma missão.

Como conservar a DENTADURA POSTIÇA com firmeza na boca

Sua dentadura postiça o incomoda, caindo quando come, fala ou ri? Passe sobre ela uma camada de **FIXODENT**. Este pó alcalino (não ácido) mantém a dentadura postiça com maior firmeza e comodidade na boca. Não deixa nenhuma sensação pegajosa. Não amarga a boca. Perfuma o hálito.

Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio de Janeiro



ZIMOLACTOL

Granado

FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTESTINAIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO-ENTERITES

T. TARGUINO

COMPRAR

Para o homem que não resiste à tentação de comprar — e comprar é sempre um prazer — tudo que agrada aos sentidos, o seguro de vida apresenta-se como o caminho fácil para prosseguir nesse hábito, uma vez garantida a velhice — e aí também está garantida a família — todas as sobras de dinheiro podem ser empregadas no prazer do supérfluo.

SUL AMERICA

Companhia Nacional de Seguros de Vida

CAIXA POSTAL, 971 RIO DE JANEIRO

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

OS FOLES---



De ferreiro



De fogão



De gaita



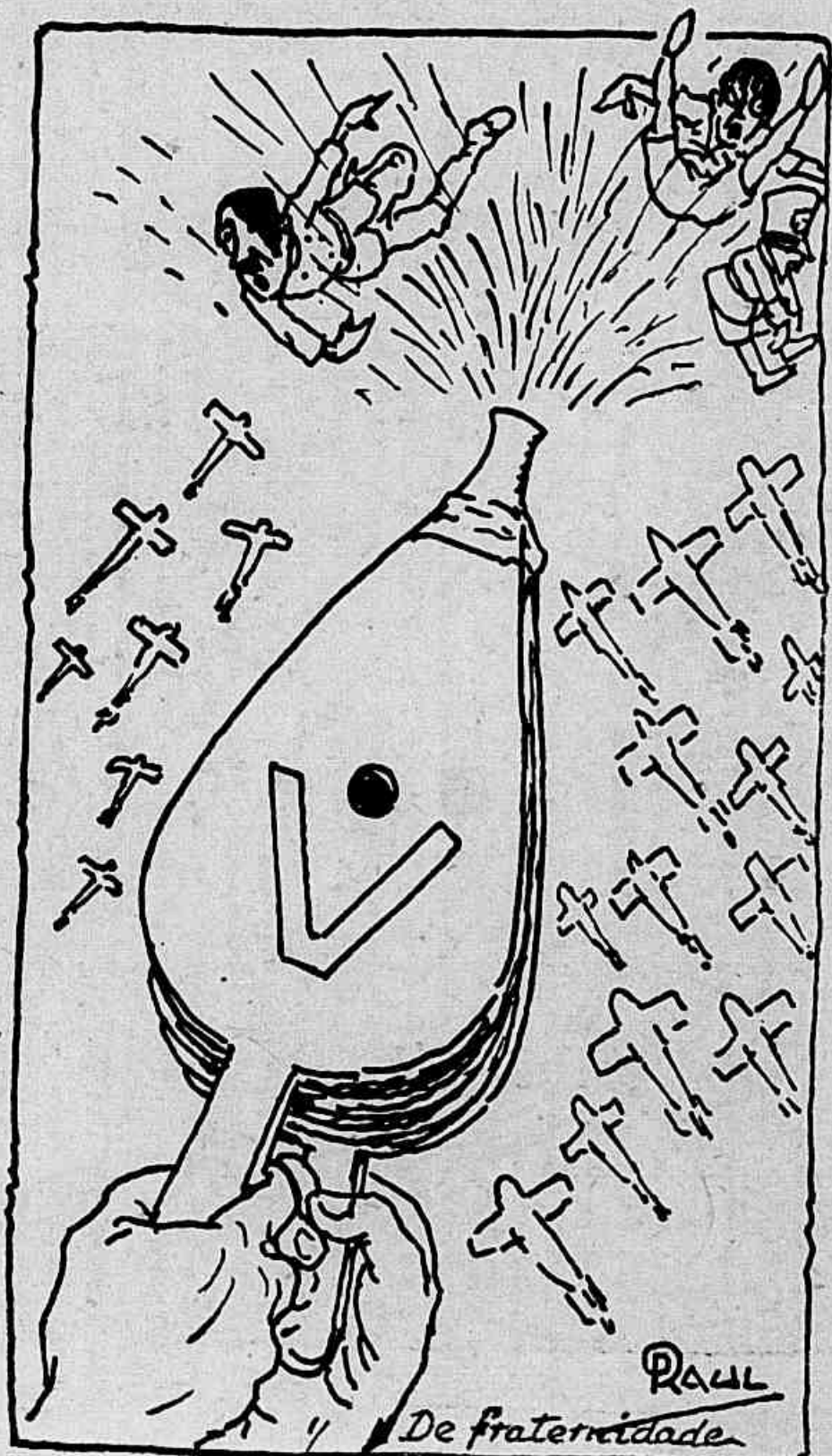
De pianola



De órgão



De engrossamento



De fraternidade

PAUL

O assassinato supérfluo

MILWARD KENNEDY

(Traduzida especialmente do inglês para a REVISTA DA SEMANA)

Quando o trem parou e ele saltou do carro, John Mansbridge estava admirado da calma de seus nervos. Fazia muito tempo que não se sentia tão calmo e sereno. Talvez fosse porque tivesse atingido uma resolução definitiva, depois de semanas de dúvida e de medo angustiosos. E no entanto não adotara ainda uma resolução absolutamente definitiva. Não pretendia que sua visita terminasse com o assassinato do primo, caso houvesse qualquer dificuldade, por mais leve que fosse, no seu plano cuidadoso e ao mesmo tempo tão simples.

De acordo com esse plano, entrou em conversa com o coletor das passagens acerca dum embrulho mitológico que pretendia ter deixado na plataforma, por ocasião de sua última visita, há cerca de um mês. Naturalmente, não pôde ter nenhuma notícia dele, porém gastou tempo suficiente para deixar a estação uns bons cinco minutos depois que os poucos passageiros que haviam descido do trem em Gorse Hill tivessem partido dentro da noite.

— Por Júpiter! — disse ao coletor de passagens, olhando para o relógio da estação — já é tão tarde? Meu primo, Mr. Felix Mansbridge, deve estar imaginando o que pode ter-me acontecido, e eu vou gastar uns bons três quartos de hora, para andar até a casa dele.

— Nunca menos, "sir", numa noite destas — disse o empregado da estação, e lhe deu boa noite no tom mais cordial possível, depois do shilling que lhe fôra metido na mão.

John Mansbridge largou-se da estação, rapidamente, atirando-se pelo caminho na direção da aldeia. Ótimo. Dois fatos havia frizado, a saber: o tempo em que deixara a estação e seu propósito de fazer a pé o trajeto até a casa do primo.

Seguiu rapidamente para a aldeia e parou em "Quatro Penas", para repetir sua indagação a respeito do embrulho — havia talvez uma possibilidade, sugeriu, de o ter deixado ali. De novo teve cuidado de marcar a hora de sua visita; era justamente hora de fechar, portanto bebeu seu "drink" ligeiro. Para si mesmo refletiu que o whisky lhe poria no espírito as coisas nos devidos eixos.

Depois retomou o caminho e no fim da aldeia deu um boa noite animado ao policial de serviço nesses pontos. Sorriu na treva, ao refletir que o sistema policial fazia parte integrante de seu plano. Dentro de uma hora mais ou menos, o polícia seria revezado e seu substituto viria descendo da colina solitária, por diante da casa de Felix.

Marchou firmemente, batendo os pés com força, para que o polícia o ouvisse, até que este virou o quarteirão vizinho. Então rodou os calcanhares até a relva à margem do caminho, pulou um portão à esquerda e se meteu por um sulco de carroça que levava ao outro lado da aldeia. Não o seguiu até o fim, porém dobrou por um campo de ervagens descobrindo sem dificuldade o caminho para uma alpendrada em ruínas. Empurrou a porta e, tirando do bolso uma lâmpada elétrica, correu o interior com o jato de luz antes de entrar. Soltou um involuntário suspiro de satisfação — a poeira estava intacta desde sua última visita; parecia certo que a presença da bicicleta não fôra notada.

Tivera muito trabalho com essa bicicleta — comprara-a de segunda mão e no entanto em boas condições, com pneumáticos bem gastos (para que não deixassem rastros visíveis) mas ainda bem resistentes. O negociante, na distante cidade de Gloucestershire, que a vendera, não tomara nenhum interesse particular na transação, e seu transporte para Gorse Hill fôra feito em lentos e disfarçados estágios — o último deles para o alpendre



desmoronado, sob o manto das trevas. O montículo de areia dentro do alpendre fornecia meios admiráveis para encobrir todos os sinais do uso que fôra dado ao abrigo.

Repetiu as precauções, furtando-se a uma tendência a se apressar. A bicicleta foi cuidadosamente levantada e carregada para fora do alpendre e encostada à parede; o monte de terra servia para apagar as marcas dos pés; o próprio montículo foi artisticamente arranjado. Depois carregou a bicicleta até a estrada de pedestres por trás do alpendre e montou.

Escuro como estava a noite, foi-lhe fácil seguir a vereda. Graças ao verão, o caminho era duro e firme e ele seguiu em boa velocidade. Não somente isso, mas tinha confiança de que haveria poucos ou nenhuns traços de sua passagem. O vento, soprando-lhe nas costas, ajudava-o também nos seus designios.

Não ouviu nem viu viv'alma; mesmo os cães, numa fazenda que contornou a alguma distância, aparentemente, não o notaram. Quasi antes de avistá-lo, um brilho fosco indicou-lhe que havia atingido o primeiro objetivo, a lagoa. Desmontou e, empurrando a bicicleta, marchou cautelosamente até o ponto previamente marcado como adequado a seu fim — onde a margem era coberta de erva seca e curta e onde a água tinha perto de metro e meio de profundidade, mesmo na borda.

Ajoelhou-se e enfiou a bicicleta silenciosamente dentro da lagoa. Foi um pouco mais difícil do que havia pensado, mas apesar disso o plano cumpriu-se à risca. A bicicleta desaparecera; ficaria invisível na água turva e em breve afundaria profundamente na lama branda e no limo. Pelo que pôde julgar, a vegetação da superfície não pareceria ter sido muito violentamente perturbada. Deliberadamente, fez o que pôde para melhorar essa impressão.

Mas não podia retardar-se; na segunda parte de sua jornada o tempo era de importância vital. Deixou a vereda, atingiu o outro extremo do poço, saltou outro portão e correu através do campo que ficava adiante. Na outra extremidade, avistou a casa do primo. Uma luz branda brilhava das janelas do escritório, mas fora disso não havia sinal de vida. Era isso mesmo; o casal que servia a Felix estava de férias e ele era servido por uma mulher da aldeia que vinha durante o dia.

John Mansbridge seguiu ligeiro até alcançar o portão na extremidade do jardim. Aqui conteve-se numa pausa, para recuperar o fôlego. O coração estava batendo contra as costelas — isso atribuiu firmemente aos esforços físicos mas não à excitação.

Muito cautelosamente tirou o relógio e acendeu a lanterna sobre o mostrador. Novamente suspirou, desta vez não tão satisfeito, uma vez que o Destino parecia tê-lo impedido à façanha. "Ganhara" uns bons vinte minutos — noutras palavras, na evidência que havia criado, chegara à casa cerca de vinte minutos antes da hora em que era possível ter chegado. Estava satisfeito de ter chegado em completo segredo e por ter ganhado mais dois minutos.

Abriu o portão e o fechou depois tão cuidadosamente que o trinco não deu um som. Marchou furtivamente pelo passeio — ou melhor — pela grama da borda — até que chegou ao terreiro. Cruzou-o nas pontas dos pés na direção das janelas. Estavam fechadas e as leves cortinas vermelhas corridas. Inclinou-se. Encostou-se bem no vidro, em-

GALLY

OS PÓS DE ARROZ QUE DESAFIAM CONFRONTO!

Pós de Arroz
GALLY
Realçam a beleza!

RÊVE ROSE ORYGAM NARCISO AZUL

A VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

hora com o cuidado de não lhe tocar, e com um choque percebeu o som de uma voz que lhe pareceu estranha. Todo seu plano iria esboçar-se num simples escolho?

Esqueceu-se até a janela do outro lado. Estava aberta e embora esse lado fosse obrigado da brisa, a cortina havia escorrido bastante para lhe dar uma clara visão da maior parte da sala. Simultaneamente os lábios sorriram e o coração deu um salto. A "voz estranha" era a do alto falante, pronunciando uma conferência sobre a cerâmica de Babilônia. Aparentemente tivera como resultado adormecer Felix.

Ele estava sentado numa poltrona funda; estava de costas para a porta, de maneira que ficava de perfil para a janela através da qual John Mansbridge espiava. A cabeça calva descansava confortavelmente numa pequena almofada e tinha os olhos fechados. As mãos finas apertavam os braços da cadeira. Parecia doente e cansado e o primo quase teve pena dele, até notar o leve sorriso trocista nos seus lábios. Na mesa ao lado havia um copo e uma lâmpada de leitura com um ou dois papéis. Numa mesa ao meio da sala uma bandeja com uma pequena garrafa de whisky, um sifão e mais um par de copos.

A raiva apossou-se de John Mansbridge. Como Felix era comodista e presumido! Sempre tão cheio de conselhos e proteção e ao mesmo tempo mesquinho como o pecado!

Tudo muito bem quanto a "aconselhar você, meu caro John, a se entregar a um trabalho firme, estável; abandonar a vida noturna e a existência de melodrama". Como se ele não soubesse perfeitamente bem que se Felix não tivesse um medo tão infernal de se prejudicar e àquele coração que ele pretendia ser tão fraco (coisa que muito naturalmente não seria verdade), Felix teria feito o diabo neste mundo. A menos que fosse pela sovínice. Positivamente doia-lhe dispendir meio penny. Sempre se queixando de não ter dinheiro. Que diabo, ele, John, não tinha visto o testamento do velho? Sabia muito bem que Felix havia herdado uma gorda fortuna. E quando o único parente vivo lhe pedia uma ou duas centenas de libras, para ajeitar as coisas, dizia que não podia. Estava pagando dívidas do pai.

Uma mentira dos diabos — era o que aquilo era. Bastante para fazer uma criatura — bem — assinar o nome falso num cheque. Isso devia ensinar a Felix, mas era provável que o levasse a achar que uma conferência sobre moralidade estaria bem indicada. Estava muito bem que se fosse honesto, quando se tem mais dinheiro do que se quer e se detesta gastar qualquer coisa. Hipócrita refinado era o que Felix era; piedosamente jurando que era um homem pobre. "Tudo o que posso fazer, John, é manter um avultado seguro de vida. E tenho que pagar uma taxa elevada — foi só assim que consegui que a companhia me aceitasse. Meu coração, você sabe. Todavia, eu queria fazer o que pudesse por você e provavelmente não viverei muito".

Não, provavelmente ele não viveria muito, porém não seria o coração que desse cabo dele. E quando escrevera aquele bilhete, pedindo ao primo que viesse vê-lo qual-quer dia da outra semana "a respeito dum cheque que não compreendia muito bem", havia finalmente traçado seu próprio destino. Se o choque pelo que o primo dissesse não bastasse para fazê-lo esticar a cama (o que não era provável, pois não tinha nada no coração, absolutamente), então outra coisa bastaria. E John Mansbridge sentia-se quasi agradecido ao primo por ser tão fraco e tão mole; não aguentaria muito numa luta mesmo para defender a vida.

Esses pensamentos, que o obcecavam durante várias semanas, flamejaram através do espírito de John Mansbridge, no espaço de um ou dois segundos que passou na janela. Serviram-lhe para lhe dar fresca energia e determinação.

Um novo pensamento assaltou-o. Ali estava Felix, com todas as aparências de profundamente adormecido. Se penetrasse sem barulho, podia acabar com ele ali, na cadeira. Seria fácil fingir sinais de luta em seguida. Aquela clava indiana pendente do hall. Mas, imaginemos que Felix acordasse e o visse? Bem, isso serviria apenas para encurtar a entrevista. Na verdade, ele tinha pena de não declamar o pequeno sermão que havia ensaiado, porém isso não tinha muita importância. Diabos o levem, eliminaria esse ponto.

Acocorou-se na relva e tirou os sapatos; amarrando os dois cordões juntos, para mais facilmente carregá-los. Enfiou as luvas que estavam no bolso e tirou do bolso da lapela a chave de trinco sobressalente, que havia com tanto êxito surrupiado, quando viera a Gorse Hill. Andou de gatas até a porta da frente, depositou os sapatos na soleira e, com infinita precaução enfiou a chave na fechadura Yale. Para sua alegria, a porta abriu silenciosamente. Não teve coragem de acender a luz do hall mas havia suficiente iluminação vinda pela porta entreaberta do escritório para lhe mostrar tudo o que precisava ver.

Houve um leve rangido, quando retirou a chave. Fez uma pausa, mas não viu nenhum rumor do escritório. Um segundo depois a porta da rua estava fechada de novo e em segurança. Apanhou uma clava indiana (não a primeira, porém uma perto da sala de jantar), e lhe tentou o peso com um sorriso feroz. Enfiando então a chave no bolso, avançou silenciosamente pelo escritório.

Felix não se movera — um bom modo de receber o primo! Lá estava a cabeça calva tentadoramente visível acima do espaldar da cadeira. John deu um passo adiante e levantou a maça...

Pronto. Todos os agravos antigos liquidados. Inútil certificar-se do resultado — e inútil olhar para ele. A gente fazia essas coisas na guerra e não sentia nada de mais. Engraçado que diferença fazia, mas vinha tudo a dar no mesmo. No entanto, não havia tempo a perder. Nada adiantava tornar-se sentimental. Achar o cheque essa era a pri-

meira coisa. Isso não devia ser difícil, Felix com certeza o teria à mão, pronto para a entrevista; provavelmente na gaveta de cima da secretária. Deu um pulo, quando percebeu de repente que a voz do perito babilônico enchia a sala, e com uma praga desligou o rádio. Agora ao cheque.

Mas não havia cheque falsificado na gaveta de cima nem qualquer outra gaveta. Começou a rasgar envelopes, febrilmente; escancarou o armário debaixo dos livros; correu mesmo até o quarto de Felix. Onde diabo poderia estar? Olhou para o relógio e um desespero mortal o invadiu. Tinha apenas sete minutos para deixar a casa e uma porção de coisas ainda a fazer.

Santo Deus! talvez estivesse no bolso de Felix. Que louco não pensar logo nisso! Na verdade havia pensado, porém pusera de lado a idéia; não queria tocar no cadáver. Bem, não havia outro remédio.

No bolso de cima não havia nada além dum caderninho de notas. Bem, as notas poderiam ser de alguma utilidade. Tomou-o e jogou fora de novo o caderninho. Depois, no bolso direito do casaco seus dedos tatearam um envelope. Puxou-o e involuntariamente soltou um assobio de surpresa. O envelope era dirigido a ele, e estava fechado. Abriu o envelope. O cheque estava dentro, encerrado, aparentemente, numa carta. Soltou um suspiro de alívio, e enfiou o envelope no próprio bolso. Tinha pensado em destruir o cheque imediatamente, porém seu programa devia ser ligeiramente modificado. A mudança envolvia apenas um risco muito pequeno.

Pôs a chave de sobressalência na gaveta de cima da secretária, de onde originalmente a subtraira; empurrou-a bem para trás, no meio de alguns papéis, para o caso que sua falta tivesse sido descoberta, e de maneira a sugerir que tinha estado escondida na gaveta o tempo todo. Não podia ter muito cuidado a respeito de detalhes. Depois dirigiu-se à porta da rua e a deixou aberta cuidadosamente escorada com o capacho. Saiu e com uma bengala do hall rompeu uma vidraça na janela da sala de jantar. Meteu a mão por ela, abriu a janela e a deixou escancarada. Voltou à casa e novamente fechou a porta da frente. Desta vez trouxe os sapatos consigo.

Apressadamente escancarou o buffet da sala de jantar, tomou algumas colheres e garfos, enrolou-os depressa numa tira de baeta verde que estava no armário e fez o embrulho em cima da mesa. Isso era o bastante, pensou.

Então outra vez de volta ao escritório, para a última e mais desagradável tarefa. Levantou o braço do primo, com um arrepio relutante e lhe pôs para trás o relógio pulseira até que este marcasse cinco minutos depois da hora em que ele, John, tinha deixado o bolequim da aldeia. Carregou o corpo do primo para fora da cadeira e arranjou de modo a sugerir que ele tivesse estado em pé ao lado da lareira, quando fora atacado. Deitou o corpo do lado direito; o braço esquerdo descaído sobre o anteparo do fogão, e verificou que o golpe tinha parado o relógio. Levantou-se de novo e passou a vista pela sala. Derrubou no chão uma pequena cadeira, mas observou que a busca dada por ele havia produzido uma excelente apresentação de luta. A clava ficou largada ao pé do fogão.

Olhou para o relógio. Tudo muito bem. Estava de novo dentro do horário predeterminedo. Calçou os sapatos, amarrando os cordões muito bem, à despeito do involuntário tremor das mãos e saiu da casa silenciosamente pela janela aberta da sala de jantar. O pulo que deu levou-o até junto do canteiro de flores que ficava em baixo da janela, sobre o passeio desgastado que ia do portão à porta da frente. Então deu volta correndo em torno da casa, tornou ao portão do jardim, cruzou o gramado à esquerda e por uma abertura na cerca meteu-se no caminho que vinha da aldeia. Nesse ponto o caminho afundava entre duas colinas. Tirou as luvas e marchou rapidamente cerca de trinta metros subindo a colina em direção à aldeia, seguindo pela grama ao lado do caminho. Parou e tirou do bolso um cachimbo, fumo e uma caixa de fósforos de prata. Encheu o cachimbo e acendeu um dos fósforos de cera. O vento apagou-o imediatamente e ele o jogou fora. Riscou mais três antes do cachimbo ficar bem aceso, e então começou a regressar lentamente, descendo a colina em direção à casa. Marchava ao lado do caminho e tinha o cuidado de bater os pés nas pedras soltas. Devia chegar com os sapatos empoeirados, e não se preocupava absolutamente em conservar sua segunda chegada silenciosa como a primeira.

Alcançou o portão e fez uma parada ansiosa. O polícia de guarda devia passar agora a qualquer momento. A direção do vento pela primeira vez se tornava uma leve desvantagem. Contudo não devia arriscar-se. Dirigiu-se para a porta da frente, tocou a campainha; esperou e tocou de novo. Depois bateu. Após um ligeiro intervalo marchou para o portão dos fundos e escutou atentamente. Para sua alegria, percebeu o som de passadas. Correu de novo para a casa e berrou "Felix! Felix!" em tons de crescente excitação. Ouvia os passos alcançarem o portão e fez uma pausa. "Felix! Felix!" gritou. "Você está aí?"

A areia rangeu sob um par de botas pesadas.

— Que é que há? — perguntou uma voz profunda e confortante.

— O que? Quem está aí? — John Mansbridge pensou que havia parecido intrigado.

— Polícia, "sir". Que é que há?

John Mansbridge depressa explicou sua identidade.

— E' a casa de meu primo. Mr. Felix Mansbridge.

— Perfeitamente, "sir".

— Ele me convidou a vir vê-lo e passar a noite — eu faço isso uma vez por outra. Conservo um pijama aqui, não sabe? e acabo de vir a pé da estação, bem... e não consigo que ele atenda... ou outra pessoa. Eu sei que ele está à minha espera. E —

olhe ali! O polícia tinha alcançado a porta e, instigado pelo primo nervoso, espiava pela janela aberta.

— Um momento — disse ele. — Eu vou dar uma espiada...

— Tome, eu tenho uma lâmpada — disse John e tirou a sua do bolso. O polícia tomou-a com uma palavra de agradecimento. Correu o jato de luz pela janela e soltou um grunhido de surpresa. Parecia incerto sobre o que deveria fazer em seguida.

Mansbridge tocou de novo o botão da campainha; depois os dois homens aguçaram o ouvido, ou pelo menos um deles assim fez.

— Eu estou pensando se uma das outras janelas... — lembrou Mansbridge. O polícia agarrou-se à idéia e abriu caminho rapidamente, rodeando a casa até al-

(Continua na pág. 47).

aso NA CABEÇA

20 anos MENOS NA APARÊNCIA

aso

SEM PINTAR DEVOLVE AOS CABELOS BRANCOS A CÔR NATURAL.

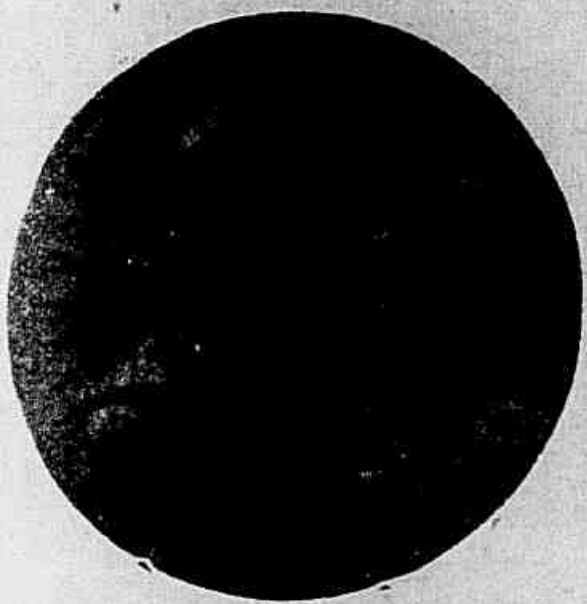
À VENDA EM TODO O BRASIL

Peçam prospectos grátis aos LABORATORIOS ASO - R. Marquês S. Vicente, 219 - RIO

A 4 de Dezembro de 1642, em Paris onde nascera, morria Richelieu. O cardial contava cinquenta e sete anos de idade, a mór parte gastos no serviço da França. Empregara-os no indagar onde cumpria engrandecel-a ou defendel-a. Cançara vista inclinado sobre o mapa da Europa e quando fechára os olhos nela ainda ia acesa a guerra dos Trinta Anos talando continente.

A' sombra de Luís XIII, rei nada apagado, amestrára-se Richelieu na ciência de mandar, sem replica para ser obedido sem tugar nem entredizer.

Entrementes num discípulo preparava um sucessor. Chamava-se Julio



Medalha com a effigie de Mazarino.

Mazarini. Viéra da Italia sempre atenta ás perfidas lições de Machiavel. Nasceu Mazarino nos montanhosos Abruzzos, servira no exercito pontificio, encostára-se a uma nunciatura, bôa escola de diplomacia ou arte da palavra para véo de pensamento.

Irmanados no sangue latino mas de índoles opostas e de opostos processos de viver, Richelieu e Mazarino entenderam-se à maravilha completando-se. O que num faltava no outro havia para equilibrio.

De progeie fidalga, Richelieu era *grand seigneur* até-a ponta das unhas. Majestoso de porte, sabia tomar essas atitudes hieraticas que tanta gente de alta Igreja mantem decorativamente.

Richelieu adiantava-se a obstaculos e adversarios. Homens da ofensiva, dizia "ceifar tudo" cobrindo violencias a bem do Estado com o manto cardinalficio em tinta de sangue.

Mazarino, homem da defensiva, sorria aos obices, esperava os contrarios para esmagal-os *piano piano*, confiante nas mudanças da sôrte. Vencia suave e vendia-se amavel, em continuo appetite de riquezas. Com o que lhe punham na direita e com o que apanhava pela esquerda Mazarino formava coleção de quadros preciosos e de livros raros.

A historia do seculo XVII gravou em alto relevo a imagem olimpica de Richelieu. Mazarino contentou-se com a sua em baixo relevo, notavel se bem inciso.

Os defeitos grandes de Mazarino compensava as suas grandes qualidades, os seus prestimos à patria de emprestimo. De francêses o italiano tirou não pouco, em serviços ele deu muito à França.

Richelieu batalhando no exterior comprimira no interior semeando ventos. As tempestades havia de colhel-as Mazarino, bispo-auxiliar politico do desassombrado cardial.

Mazarino colheu tempestades nas refregas da Fronda, nas pelejas da guerra dos Trinta Anos. Na minoridade de Luís XIV, exaltado ao trono aos cinco

ESCRAGNOLLE DORIA

Vida de Mazarino

anos, Mazarino, decaído ou figura de prôa, foi sustentado sempre pela regente Ana d'Austria zelando os interesses do filho infante na conservação do ministrio.

Amargando luta, perseguição, exílio, Mazarino triunfa de vez em 1853 para oito anos de poderio inteiro, desse que á mingua de cabeças altivas encontra tantas espinhas dorsais em arca.

A principio achacadiço, depois definhando a olhos vistos, na enfermidade crescente Mazarino sentio proximos apertos de mórte. Recorreu á medicina. Doze medicos se reuniram em conferencia para estudar o estado do cardial. Ao facultativo mais notavel, a sós com ele, perguntou Mazarino: Que tempo tenho de vida? Quénaud teve de responder: Ao menos dous mezes. E' quanto basta, replicou Mazarino.

Semana antes de obito, o enfermo, de cadeirinha, visitou suas galerias de arte, sua biblioteca. No adeus suspirou para murmurar: Ter de deixar tudo isto. Todo colecionador é um avarento especial.

A 9 de Março de 1661 expirava Julio Mazarino, no fim de seus dias fugindo do espelho a fim de não o refletir espectral. Entretanto para morrer quiz-se faceiro, apurou traje, mandou frisar o bigode.

Foi-se da vida sem um suspiro assim passando á serenidade suprema quem sobremaneira se agitára. Tinha o cardial cinquenta e nove anos, mais do que Richelieu, seu mestre e protetor.

Em França, Mazarino não existira só. Acolhera familia colateral, a de sete sobrinhas, duas filhas de sua irmã casada com Jeronimo Martinuzzi, e



Maria Mancini, sobrinha de Mazarino, retrato de Mignard.

cinco filhas de sua outra irmã esposa de Lourenço Mancini.

Umas sobrinhas chegaram a Paris em plena Fronda, outrás quando o tio já onipotente. Em Paris casariam seis sobrinhas do cardial e nas corbelhas nupciais da meia duzia de coirmãs a Fortuna depositou corôas nobiliarquicas de feito e ornato diverso; uma corôa principesca, quatro corôas ducaes, uma corôa de condessa. Na "tombola conjugal" uma das Mancini não se vio premiada, ficou sem corôa. Por um triz do amor escaparia de cingir a corôa de rainha de França.

A mais velha das Martinozzi, Ana Maria, desposou Armando de Bourbon, principe de Conti. Figura turbulenta da Fronda aquietou-se no himeneu levando ao lar uma das componentes do grupo formoso das sobrinhas de Mazarino.

O principe e a princesa de Conti acabaram devotos, inclinados à austeridade, amigos dos jansenistas, os rispidos sem cilicio. Ana Maria morreria aos vinte e dois anos e sobretudo para uma belidade é muito para desaparecer. Figurada no esqueleto a morte é sem entranhas.

Laura, a outra Martinozzi, unio-se ao duque de Modena, enviuvou cedo, e regeu ducado pequeno como se empunhasse cetro grande e sobre hombros sustivesse manto régio.

Em paga de serviços, Richelieu obtivera cardinalato para Mazarino sem ordens sacerdotais. Quando se trata de canonisar, a Igreja admite um dos seus como advogado do Diabo para melhor apurar no exame de vida a excelsitude dos santificaveis. O principe das trevas pregou uma peça a Mazarino, principe da Igreja, entrando o demo no corpo de algumas das Mazarinas levianas.

A mais bela era Hortencia, duqueza de La Meilleraie, e predileta do tio Por que? *Chi lo sa?* diria ele. A propria velhice, tão de assalto ao que foi formosura, poupou a de Hortencia de encantos resistentes. O marido, ciumentissimo, andava-lhe nos passos e tambem nos das filhas que, para não desmentirem a mãe, antes a continuando, mostravam-se formosas desde berço.

Hortencia não esteve pelos autos e para melhor demonstral-o fugio à vigilância marital. Deixando o lar. Perseguiu-a o esposo, de pouso em pouso, até perder folego e convencer-se de estar a perder tempo e voltar às filhas; a esposa podendo correr Europa à vontade.

Olimpia Mancini, condessa de Soissons, na vida conjugal lembra comparação muito aplicada ao matrimonio, praça cercada da qual os sitiados forcejam por sahir e os sitiantes por entrar. Da praça a condessa de Soissons saio de vez, preferindo ser andeja e mundana.

A mais velha das Mancini, Laura, por vida regrada pleitearia junto ao céo o perdão das culpas das irmãs doidivas. Esposa exemplar do duque de Mercoeur, com o marido se afez à piedade. O duque mereceria sentida oração de S. Francisco de Salles, o bispo sabsiano, o santo consorciador da fé e da doçura. A duqueza de Mercoeur bem podia comprehender o prelado de Genebra, como bôa cristã amavel e prazenteira.

Em outra Mancini, Maria Ana, duqueza de Bouillon às graças corporeas se ajuntavam as menos pereciveis do espirito. Chistosa e respondona, aprazia-lhe a sociedade dos letrados. Admirava e protegia La Fontaine, que só nas suas fabulas constituiu por assim dizer uma lingua e uma gramatica tantas as fôrmas, tão especial a sintaxe de seus apologos.

La Fontaine, "o distraído", na gratidão era muito atento à amizade, para ele estivesse o amigo no alto da prosperidade ou no raso da desventura.

O fabulista, que até imitando foi inimitavel, tinha por amigos a duqueza de Bouillon e Racine. A' protetora dedicou versos encantadores, encontrou o amigo fiel dando-lhe assistencia a ultimos momentos. Eram os de um grande espirito a trocar o mundo pela immortalidade, a verdadeira, a unica, a do genio, a que cada seculo traspassa ao seguinte qual legado sem par.

Sete foram as sobrinhas de Mazarino ele e elas importados da Italia para a França. Já o tinham sido duas Medicis para trono e para regentes de reino, Catarina e Maria de Medicis, as florentinas da ilustre familia que para ingresso na Historia bastaria ter Leão X a dar nome a um seculo.

A lista das venustas, Mancini está incompleta, falta uma, a que mais faz falar de si na Historia. Está nomeada Maria Mancini, mencionada ultima quando escapou de ser socialmente a primeira das irmãs.

As mães das Mancinis e das Martinozzi eram irmãs de Mazarino. A genitora de Maria Mancini, ao morrer, rogára o irmão de fazel-a freira, talvez a religião, a vida conventual lhes modificassem indole. Lourenço Mancini, pai de Maria, chegára a ser insigne astrologo e pelas lições e avisos suspensos dos astros soubéra que a filha causaria grandes males.

O primeiro talvez, o principal em todo caso, foi o mal de amor por Maria inspirado a Luís XIV adolescente, na idade do acordar dos sentidos ao chamado das curiosidades da vida em desabrocho.

Luís XIV e Maria Mancini conviveram, agradaram-se, amaram-se. Os tempos dos tres verbos de conjugação diferente resumem o progresso de todos os amores do universo.

Inteligente, se a menos formosa das irmãs, a joven Maria Mancini deu a Luís XIV moço o gosto pelas letras. Enamorado e patriota induzio-o a aprender italiano para lêr Petrarca, logo Petrarca, o amoroso. Depois do cantor humanista viria sem duvida Dante, o poeta das sombras do inferno e das claridades do paraíso. Que perigoso curso de literatura! Passaria pelo episodio de Paolo e Francesca. Inclínados sobre a mesma pagina, ao envez daqueles leriam adiante Luís XIV e Maria Mancini.

Alem do amor às letras, a Mancini incutiu ao rei a dileção pelos romances, o gosto pela conversa, arte tão difficil de praticar entre espirito e cortezia.

O amor crescente dos dois jovens alarmou duas pessoas, Ana d'Austria e Mazarino. Concertaram-se para sustar o idílio. Luís XIV tinha casamento projetado com uma infanta espanhola, necessario pois o sacrificio da Mancini. Participando dele o tio mostrou-se inexoravel e grandioso vetando o amor da sobrinha na razão de Estado.

Maria Mancini saio de Paris. Chorou, Luís XIV tambem. Da separação ficou uma frase da Mancini, frase de versões diferentes, a mais repetida esta:



Hortencia Mancini, sobrinha de Mazarino; retrato de Lély.

vous êtes, roi, vous pleurez et j'ai pitié!

Em tragedia sua, Racine, no adeus de Berenice a Tito imperador, aludio transparentemente à frase mais divulgada da despedida da Mancini.

Ela partio para a Italia onde desposou o condestavel Colonna. Desaveio-se com o marido, fugio-lhe, ele a correr atraz dela em pega e larga até cansar, até de todo desaparecerem ambos na Historia.

Lourenço Mancini, o pai astrologo, predisse certo, filha maleficio, bem os astros o tinham anunciado.

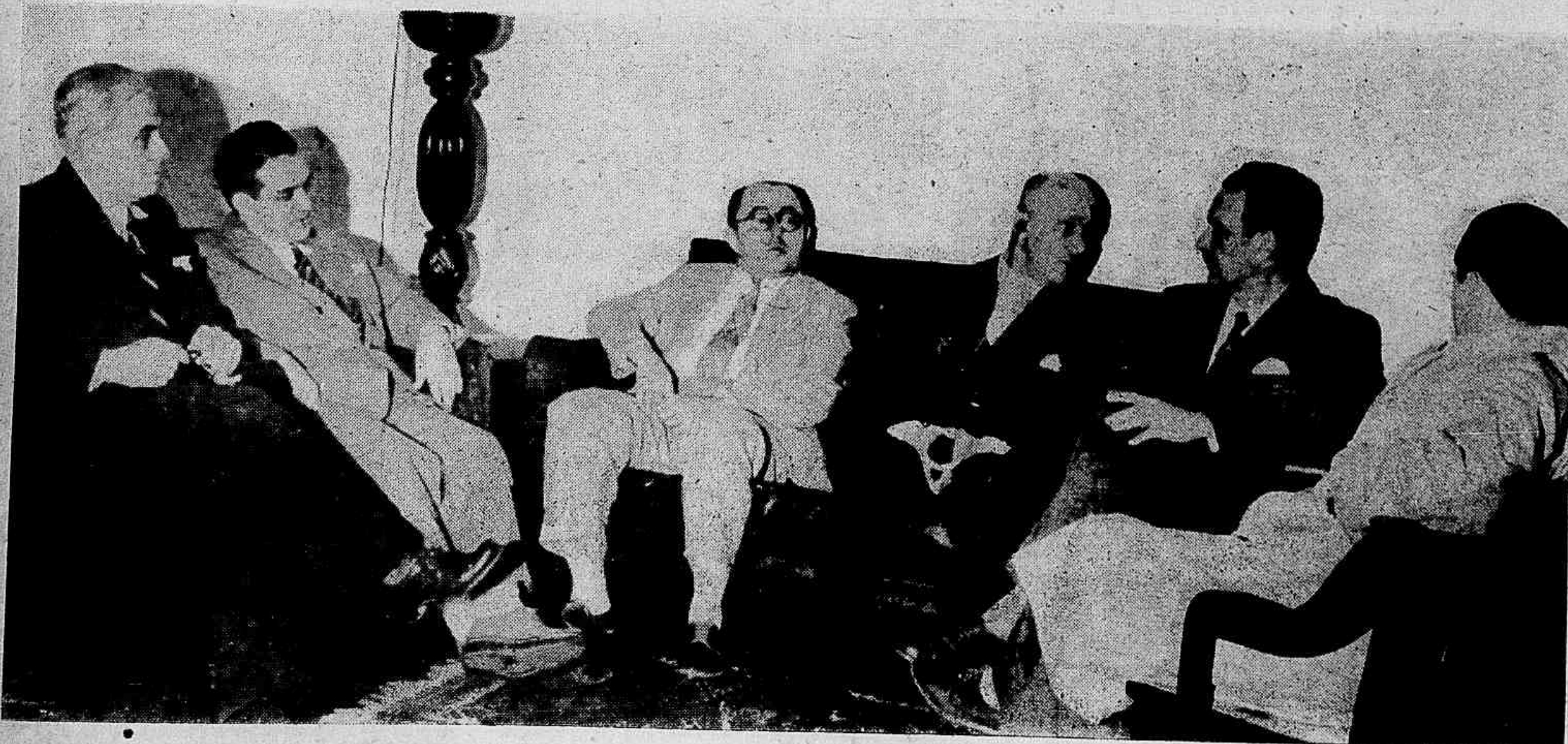
Figuras e Fatos



O PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL RECEBIDO NO PREGÃO IMOBILIÁRIO — Numa das suas ultimas reuniões semanaes, recebeu o Pregão Imobiliário a visita que, na qualidade de convidado de honra, fez a essa vitoriosa instituição o sr. João Daut de Oliveira, presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro. O ilustre visitante assistiu aos pregões com projecções luminosas dos imóveis apregoados, sendo saudado pelo sr. A. Couto Brito, respondendo, de improviso, á saudação do presidente do Pregão. A' mesa tomaram parte, entre outras pessoas, os srs. Gudesteu Pires, banqueiro, Heitor Beltrão, vice-presidente da Associação Comercial, Oscar Santana, banqueiro, J. Baylongue e Adriano Mauricio, industriais, e Milton Ferreira de Carvalho, presidente do Conselho Deliberativo do Pregão Imobiliário. Consideravel assistencia, como sempre, enchia o local das sessões, no Salão Nobre do Lyceu Literário Português. Ao alto vê-se a mesa que presidiu a reunião e um flagrante do sr. João Daut quando falava.



O GREMIO PARAENSE COMEMORA BRILHANTEMENTE O "15 DE AGOSTO" — Foi brilhantemente comemorado nesta Capital o dia 15 de agosto, data que marca a adesão da antiga provincia do Pará ao Governo Soberano do Brasil. O presidente do Gremio Paraense desta Capital, Dr. Hugo Carneiro ofereceu nessa data, em seu palacete, á Avenida Fonte da Saudade, 31, um almoço íntimo ao Interventor Magalhães Barata, que ora se encontra nesta Capital. A' noite, o Gremio Paraense fez realizar, tambem na residencia de seu presidente uma brilhante sessão artistica comemorativa da gloriosa efêmeride. Por membros da colonia do Pará foram executados ao piano e ao violino bellos numeros classicos e romanticos, integrando o programa peças declamatorias, brilhantemente interpretadas. Esta soirée de arte realizou-se em homenagem ao Interventor Coronel Magalhães Barata, que foi saudado em brilhante oração, perante o seletto auditorio pelo Dr. Hugo Carneiro. Agradecendo essa manifestação expontanea de solidariedade, o Coronel Magalhães Barata pronunciou eloquente discurso que terminou sob calorosos aplausos. Nas fotos acima fixamos tres aspectos da comemoração do "15 de Agosto" no Rio, vendo-se parte da assistencia da sessão artistica, um aspecto da mesa que presidiu a solenidade quando falava o Dr. Hugo Carneiro e o Coronel Magalhães Barata pronunciando o seu discurso.



Visita dos membros do Sindicato dos Jornalistas ao major Felinto Muller, presidente do Conselho Nacional do Trabalho.



HOMENAGEADO O SR. T. J. O'SHEA NO ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROPAGANDA
— No dia 10 do corrente, teve lugar no Automovel Clube do Brasil o almoço de confraternização da Associação Brasileira de Propaganda, durante o qual foi alvo de expressiva homenagem o Sr. T. J. O'Shea. Saudou o Sr. O'Shea, oferecendo-lhe a homenagem, o Sr. Almerindo Ramos, Presidente da A. B. P., que, em brilhantes palavras discorreu sobre a pessoa do homenageado. Em aplaudido discurso, o Sr. T. J. O'Shea agradeceu a manifestação de simpatia de que era alvo. Falaram ainda, apelando para os presentes no sentido de redobriarem seus esforços em prol do engrandecimento da A. B. P., os Srs. Custódio Leite de Abreu e Sales Guerra. A foto acima fixa um aspecto do almoço de confraternização da A. B. P., que transcorreu num ambiente de franca alegria e cordialidade.



A foto acima, apanhada no Palácio da Liberdade em Belo Horizonte, fixa um flagrante da visita que fizeram ao Governador Benedito Valadares os membros do Serviço Especial de Saúde Pública, encarregado da obra de saneamento do Vale do Rio Doce.



Após o despacho, no Café, com o Presidente da República, o Ministro da Guerra levou à presença de S. Excia. os gen. C. N. Lido Caldas, Zacarias de Assunção e Olimpio Falconiere, que acabam de ser promovidos. Também foi recebido pelo Presidente Getulio Vargas, o gal. Heitor Augusto Borges, que acaba de atingir o mais alto posto do Exército.



No Iate Club Fluminense realizou-se o almoço que os auxiliares de Gabinete do Ministro da Guerra, ofereceram ao general Candido Caldas, ex-chefe desse gabinete, recentemente promovido a general por ato do chefe do Governo.



Flagrante tomado no Palácio da Guerra, durante a cerimonia da entrega das condecorações com as quais o governo da Republica Dominicana distinguiu o general Eurico Dutra.

RESTAURANTE E BAR
CHURRASCOS TÍPICOS A GAUCHA
COSINHA INTERNACIONAL

CHURRASCARIA
SÃO BORJA

EXECUTAM-SE CHURRASCOS EXTERNOS
PRAIA DO FLAMENGO, 64-A, Fone-25-5134
ABERTO DIA E NOITE

Livros Novos

OBRAS DE OVIDIO, traduções de Antônio Feliciano de Castilho — São Paulo, 1945.

As "Edições Cultura" de São Paulo acabam de incluir na sua Série Classica Universal as traduções feitas pelo mestre humanista e mestic poeta Antônio Feliciano de Castilho.

Esta publicação vem atrair o interesse do publico para trabalhos de alta valia, cercados no seu tempo de excepcional admiração e que, no Brasil, pelo menos, foram ficando, a bem dizer, esquecidos. As traduções não só dos clássicos latinos mas também de Molere e de Goethe, labores que representam vasta cultura e paciente esmero estético, deram a Castilho uma notoriedade, ao mesmo tempo que honrosa, prejudicial. Porque, tornando-o insigne como tradutor, relegaram para segundo plano as obras de sua legítima autoria, que antes haviam sido, não admiradas apenas pela elevação e a beleza, mas consideradas um dos factores da revolução operada nas letras portuguesas na primeira metade do século XIX e para o qual igualmente cooperaram Garrett e Alexandre Herculano. As *Cartas e Eco de Narciso*, que valeram ao poeta uma aventura romanesca, elevando-o à categoria de heroi amoroso, semeador de paixões; o outro poemeto: *Amor e melancolia*, que, foi mais ou menos decorado por toda a gente; os *Ciumes do bardo*, os trabalhos de história, de crítica, de polémica — tudo isso sofreu com o êxito das versões de Molere *O Avaro*, *As Sabichonas* (*les Précieuses ridicules*) que o teatro normal português, D. Maria II, consagrou em centenas de representações, e com a divulgação das *Metamorfoses*, dos *Pastos*, que todos os poetas novos quizeram conhecer e foram ter à mesa de todos os estudantes de latim. Pela força da concorrência, o tradutor se tornou deveras um inimigo do autor — para sempre. E assim, num momento em que apesar do enorme desenvolvimento operado na industria brasileira do livro, ninguém se lembraria de reimprimir a *Noite do Castelo* ou os *Quadros históricos*, eis este volume compreendendo, no vernáculo austero e apurado de Antonio Feliciano *Os Pastos, Os Amores*.

OVIDIO
obras

e *A Arte de amar*.

Decididamente, daqui a mais algum tempo, só indivíduos muito eruditos ou insaciavelmente estudiosos conhecerão, da obra de Castilho, alguma coisa além das obras dos outros.

PORTUGAL NO BRASIL, por Jorge Alves Ribeiro — Rio de Janeiro, 1945.

O Sr. Jorge Alves Ribeiro organizou uma poliantea de grande vulto e poderosa expressão. Não fez questão apenas da quantidade mas também e principalmente da qualidade daqueles a quem se havia de dirigir, perguntando-lhes a sua maneira de pensar acerca de Portugal em principio e especialmente dos portugueses que veem viver no Brasil. Bem diversamente dos resultados obtidos, em geral, pelos empreendedores de tal genero de publicações, a quem sobretudo respondem cidadãos medíocres, em busca de qualquer ensejo de exibição, foi o sr. Jorge Ribeiro atendido por personagens dos mais altamente representativos da atualidade brasileira. Assim este livro encerra opiniões ou observações para ele expressamente redigidas por ministros de Estado, Intervenores Federais, ministros do Supremo Tribunal, desembargadores e outros magistrados, homens de ciência, homens de letras, toda a sorte de homens

de qualquer ensejo de exibição, foi o sr. Jorge Ribeiro atendido por personagens dos mais altamente representativos da atualidade brasileira. Assim este livro encerra opiniões ou observações para ele expressamente redigidas por ministros de Estado, Intervenores Federais, ministros do Supremo Tribunal, desembargadores e outros magistrados, homens de ciência, homens de letras, toda a sorte de homens



ilustres. Do Presidente Getúlio Vargas foi reproduzido o excelente discurso proferido no Gabinete Portuguez de Leitura, por ocasião da homenagem ali prestada a S. Ex. em Junho de 1938. E o sr. Ministro Oswaldo Aranha escreveu para a coletânea estas linhas modelares:

"Em inúmeros discursos tenho declarado que não considero os portugueses do Brasil como estrangeiros. Não o são hoje, como não o eram ontem. Os que chegaram ao Brasil depois da independência política, em 1822, encontraram a nação já formada, com o seu caráter próprio; mas a sua contribuição espiritual e material representa a continuação de um processo de enriquecimento incessante, para o mesmo sangue, a mesma fé religiosa, o mesmo espírito americano e o mesmo trabalho civilizador. E' seiva da

mesma raça e do mesmo solo, para a alma e o corpo do mesmo povo. Assim, não são e não serão nunca estrangeiros. Estão no próprio lar da sua família".

OLHO D'ÁGUA, poesia, de João Accioli — Rio de Janeiro, 1945.

O sr. João Accioli é um poeta cujos surtos de inspiração e cujos enlevos de realização podem variar dum dia para o outro ou duma hora para a outra — como o pensamento e a sensibilidade de toda gente. Dir-se-ia, às vezes, que anda à procura ainda dum ideal e uma forma que o satisfaçam plenamente, dando-lhe a impressão ou a ilusão da beleza definitiva. Mas o conjunto destas cento e cinquenta páginas nos fazem concluir que não é essa a razão, o objectivo dos seus versos — nem das composições em que, perante as regras da poética, ele deixa de fazer verdadeiros versos. Evidentemente a sua "poesia" é espontânea; o autor de *Olho d'água* deixa que ela se faça por si, em prosa ou versos, como queira em cada momento. E assim ele depois nos oferece límpidos e bem trabalhados sonetos do tipo clássicos; composições em metros vários e com as rimas arbitrárias distribuídas; e ainda fantasias sobre assuntos singelos e criaturas humildes, na linguagem em que estas mesmas se poderiam exprimir — como, por exemplo a ingenua e enternecedora página de *Mãe Chica*.

Mãe Chica viu o mundo na Vila dos Corrêas
a que o povo mais tarde batizou:

— Campo Formoso.

Mãe Chica foi mãe de uma filharada preta
e sem juízo como negro-preto marido de Mãe Chica
Mãe Chica teve filhos, teve casa
e teve de mudar quando o prefeito
condenou a casa do porão.

Mãe Chica viu nascer um disparate de meninos ricos!
Viu casar. Viu morrer. Viu mudar outro mundão de gente
a quem deu de mamar e ajudou a carregar nos braços.

Mãe Chica esqueceu no meio do caminho
a idade dela mesma.

Os meninos choram lá fóra
porque a gripe levou pra terra os cabelos brancos
de Mãe Chica.
E sem Mãe Chica não há mais Campo Formoso.
Mãe Chica morreu.

A MONTANHA MÁGICA, de THOMAS MANN, tradução de Otto Silveira — Rio de Janeiro, 1945.

O autor desta obra não a classificou entre os romances. Absteve-se de a incluir em qualquer categoria literária. E' uma longa história, longa não pela sucessão dos episódios, mas pela intensidade e minúcia da exposição. Passada numa daquelas eminências da Suíça para onde enfermos cheios de esperança ou quasi totalmente desenganados afluem de todas as partes do mundo, desenvolve-se uma trama semelhante ao dos *Embarcões* de Michel Cordaz. Mas este, escritor procedeu antes diretamente, como novelista, procurando tirar da luta daquelas criaturas enfermas contra a febre do sangue e a febre do amor, todo o possível efeito dramático, sensacional. O autor da *Montanha mágica* formou um plano mais amplo e muito mais complexo; e bem diversa lhe saíu a tarefa de narrador.

Em Thomas Mann ha um temperamento especial deveras — como o caráter mesmo do presente livro — e difícil de definir. A sua estirpe é das mais complicadas. Como vem assinalando no prefácio desta edição brasileira, a mãe de Thomas Mann, filha de pai alemão e mãe brasileira nasceu no Brasil e a avó materna do escritor tinha sangue português e índio. De tudo isso resultou uma individualidade ao mesmo tempo sonhadora e resolvida, tendente a criar a obra firme e forte por entre toda a sorte de delongas e divagações: uma pujança, acompanhada duma espécie de dúvida e que, tendo realizado alguma coisa correspondente a mais de quinhentas páginas de grande formato, lhe não dá a qualificação de romance — nem outra qualquer. Talvez, porém, nessa complicação, nesse mistério resida o motivo principal do êxito da *Montanha*, êxito enorme, mundial. Tudo contribue para esse prestígio estranho, inclusive a linguagem mesma do autor, da qual o tradutor, Sr. Otto Silveira cujo trabalho merece largos encômios, diz o seguinte: "Além a dificuldade que encontra o estrangeiro na devida compreensão do romance, tem que ser levada em conta a quasi impossibilidade de traduzir o estilo de Thomas Mann, "estilo de chancelaria", com frases quilométricas e termos que em vão se procurariam em qualquer dicionário". E agora, em português, não faltará de certo quem deseje ver se absorve e assimila aquilo que segundo o escritor mesmo, não entra sem grande esforço já citada conferência aos estudantes da universidade de Princeton, pede duas e não apenas uma leitura da obra para se chegar à penetração suficientemente profunda para a devida avaliação das suas idéias e dos seus objectivos."

A pesar de tudo isso, repetimos, não faltará quem queira experimentar.

J. L.



Malas,
Capas e

ARTIGOS
PARA
VIAGEM

★

VISITEM
NOSSA EXPOSIÇÃO

Mesbla

SOCIEDADE ANÔNIMA

Rua do Passeio, 48/56

PRISÃO DO VENTRE?
Pilulas
ALOICAS
REGULAM O INTESTINO SEM TONTURA-LOG.

DOR DO ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISEPSIA - ULCERAS
Popolo
BANKETS

O sacerdote católico em dois romances modernos

ELZEÁRIO SCHMITT, Lajes.

1 — O DIÁRIO DE UM PÁROCO DE ALDEIA de Georges Bernanos.

Não há um ano ainda, apareceram no Brasil dois romances que têm como figura central o sacerdote católico. Entre o aparecimento de um e de outro medeiaram três meses. Foi uma invasão benéfica no meio do dilúvio da literatura de tradução, biografias, romances, livros de guerra, que atulha os mostruários. O assunto de ambos os livros escapa a qualquer assunto literário em voga. É uma novidade! Sobre esses milhares de livros e leitores, tão terra-a-terra, foi, a seu modo, uma irrupção do alto, uma espécie de graça ao alcance da mão. Pois precisamente no Brasil, onde o sacerdote tem o seu suor e o seu sangue ligados ao destino da pátria como ninguém, dois livros estrangeiros, cada um de modo diferente, vêm mostrar-nos como acima de qualquer coisa humana é sobrehumana, portanto divina a missão do homem de quem o Sacramento da Ordem fez um outro Cristo, isto é, o ser mais sagrado que pisa esta terra.

Vai para seis anos que se encontra no Brasil um dos romancistas mais célebres da França contemporânea, Georges Bernanos, autor de "Sous le soleil de Satan" e, além de outros romances famosos, "Journal d'un curé de campagne", ambos romances de padres. O "DIÁRIO DE UM PÁROCO DE ALDEIA" (1), que em 1936 obteve o Grande Prêmio da Academia Francesa, significa o ápice da arte de Bernanos. Falo aqui duma arte particular, que é só a deste francês, revelada já em quasi todos os seus romances anteriores, e que gira em torno do *mistério sacerdotal*.

A complexidade dos problemas dentro dos quais se estorcem as personagens de Bernanos é por demais espantosa para permitir uma síntese. Já seria precisa uma análise metódica, como a fez o sacerdote alemão Karl Pfleger, a qual também no Brasil já foi traduzida e divulgada. Nos principais livros de Bernanos está no centro sempre a figura do sacerdote. A esse ungido do Senhor, que é por natureza, isto é, por essência e vocação o inimigo do mal, antolha-se, em todos os seus caminhos, o mistério do pecado, *mysterium iniquitatis*, sob todas as formas e com crueldade por vezes alucinante! Logo aqui, se nos deparam duas coisas extraordinárias: o assunto mais dramático do mundo e menos dramatizável a mortais é aqui dramatizado e este espetáculo é-nos apresentado por um leigo, por um não-teólogo. Trata-se, porém, de um católico quasi fanático, que estudou e escolheu por mestre a León Bloy. Bernanos é um romancista desconcertante no mais alto grau. (Não falo aqui do que este homem tem escrito desde que está no Brasil, o que às vezes é muito discutível. O certo é que com seu último romance, o "Diário", Bernanos fez maior bem às almas do que com tudo o que, escreveu nestes seis anos!) Não se infere que, por não ser teólogo, Bernanos não conheça a fundo a mística: para isso, basta ser discípulo de Bloy! Dir-se-ia que por intuição por um dom de todo invulgar, quasi dizia carismático, o romancista rasga diante de nós profundezas d'alma, que não há escapar á impressão de que a teologia, diante disso, ao menos em vários de seus aspectos, se desconjunta! Por isso dizia que a sequência "Sous le soleil de Satan", "L'imposture", "Un Crime" e "Journal d'un curé de campagne" nos desconcerta, porque nos atira. A crítica alemã chegou a dizer que, se desde Dante existe o Inferno, desde Bernanos existe o Demônio. E, como se o contraste não fosse ainda suficientemente grande, este conflito titânico entre o mistério do pecado e o mistério da graça fere-se na alma de sacerdotes excêntricos, que se arrastam pela enfermidade herdada e sem cura, em tudo desaprovados pelo ambiente, tipos socialmente fracassados até à nulidade completa. Assim, o mistério sacerdotal irrompe em sua plenitude através dum trapo de homem! Em face do que representa o padre concio da graça de sua sacralíssima ordenação, o desprezo pelo tipo "representativo" é levado ao ridículo, às vezes ao paroxismo: em "Un crime" u'a mulher diabólica, filha e assassina de sacerdote, representa por certo tempo tão bem "o papel" do vigário assassinado, que toda a paróquia está encantada com o novo pastor!

Bernanos vê o mistério do pecado na mentira, e essencialmente na mentira quando ela é atitude fundamental que dá forma a toda a vida de um homem! "Que uma criatura — como Mouchette em "Sob o sol de Satanaz" — se entregue à carne, não é nisso que está o decisivo; é que esse indivíduo queira tomar sobre si, exclusivamente como ato de seu livre espírito, o crime em que entram também acaso e inditosa tara hereditária, é isto o que constitui a sua perdição." E' por isso que "a mentira", também em nosso romance, ocupa tão destacado lugar é a mentira que reduz este mundo a essa misérrima "pobreza". A força inimaginável que na obra de Leon Bloy e Georges Bernanos possuem estas duas palavras, "mentira" e "pobreza", só o estudo desta mesma obra poderá desvendar.

No "Diário" apresenta-se-nos um mísero pároco moço, sem "credenciais" absolutamente nenhuma, a não ser a paixão das almas. Não tem nome. Também isto é característico. Sua paróquia também mal tem nome (parece que são três aldeias). As localidades nomeadas, poucas, pertencem aos mais obscuros povoados e encontram-se disseminadas pelo vasto mapa de França, às mais das vezes nas proximidades duma grande cidade. No mundo há só mesmo esse país, privilegiado entre todos, onde são imagináveis heróis e romancistas da superioridade deste "pároco de aldeia" e deste francês finíssimo que é Bernanos.

E', portanto, um romance sem geografia, apesar dos nomes, porque sua geografia é o mundo... Logo na primeira página desenhavam-se este palco e este clima: "Minha paróquia — assim começa o diário — é uma paróquia como as outras. Todas as paróquias se parecem. As paróquias de hoje naturalmente. Minha paróquia é decorada pelo tédio, eis a palavra. Como tantas outras paróquias! O tédio as devora sob as nossas vistas e nada podemos fazer. (...) A idéia me veio ontem na estrada. (...) Pensava no gado que ouvia mugir em meio á cerração e que o vaqueirinho... ia conduzindo, através do pasto úmido, para o curral quente, cheiroso... E ela, a pequena aldeia (minha paróquia) parecia aguardar também — sem grande esperança — depois de tantas noites passadas na lama, um dono que a conduzisse para algum improvável, inimaginável asilo."

Quão "improvável", impossível, é este asilo e sem cura este tédio vê-se por este romance terrível: um catecismo sem resultado (não há nenhuma primeira comunhão, a não ser uma miserável preparação), uma "sociedade esportiva", depois transformada em "círculo de estudos", com quatro inscrições, uma condessa — alma inflexível — preparada para a morte súbita, e o resto... a vida toda do mais pobre dos párocos, pão e vinho, acessos de tosse, dores de estomago. Aquele vinho miserável, e o cancro, tara indelevel de antepassados bebedores.

E, se "todas as paróquias se parecem, não temos aqui a situação do mundo inteiro, dividido em paróquias? "Por mais que se esforce, a Santa Igreja não conseguirá transformar este pobre mundo em ostensório do Corpo de Deus!" E por cima disso, logo na primeira página também, um pároco-tipo, apresentado com uma ironia e uma tristeza a que nada falta. O vigário de Norenfontes "é um bom cura, muito benevolente, muito paternal e que passa mesmo, no Arcebispo, por um espírito forte, um tanto perigoso. Suas troças fazem a alegria dos presbitérios e ele as apoia com um olhar que desejaria vivo, mas que eu acho, no fundo, tão gasto, tão cansado, que me dá vontade de chorar."

Porém o que faz esta paróquia não ser em nada semelhante às outras é o seu novo pároco, que é um... fracasso, mas um autentico sacerdote, uma alma pura, em que brilha "a alegria"! Não a terrena, nem mesmo a espiritual ou mística; uma de bem outra espécie, sem classificação. Oh! eu bem sei que para a esmagadora maioria dos leitores, no Brasil, este livro será um enigma de sete chaves! Digo seria, pois quem é que o lê?

(Conclua na pagina seguinte)

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



T. TARQUINO

FRAQUEZA CEREBRAL, DISPEPSIA NERVOSA, NEURASTENIA, FALTA DE MEMORIA E PERDA DE APETITE.

Neurobiol
O TONICO DO CEREBRO
A VENDA EM TODO O BRASIL

MENTHOLATUM
Acalma
QUEIMADURAS
Contusões e Ferimentos

'DEPRESSA, MARY! TRAGA-ME MENTHOLATUM'

OS INGLESES VENCEM NO ATLANTICO

Copyright B. N. S. especial
para a REVISTA DA SEMANA.

LONDRES. — Numa ação qualificada pelo Almirantado como "uma das maiores batalhas navais do inverno", os contra-torpedeiros britânicos atacaram e esmagaram uma *alcateia* de submarinos germanicos em tres noites de continuos combates maritimos.

Acompanhando um importante comboio, em pleno Atlantico, os contra-torpedeiros *Beverley* e *Vimy* avistaram um submarino a uma distancia de cerca de sete milhas. Teve então inicio uma das mais intensas e largas batalhas de submarinos da guerra. O *Beverley* acelerou a marcha até se encontrar a 2½ milhas do inimigo e, tendo chamado o *Vimy*, deu começo à caçada. O submarino percebeu o perigo mas, quando mergulhou, já o *Vimy* estava quasi sobre ele. Não querendo deixar nada ao acaso o *Beverley* ficou de atalaia, enquanto o *Vimy* despejava cargas de profundidade que explodiam sem cessar.



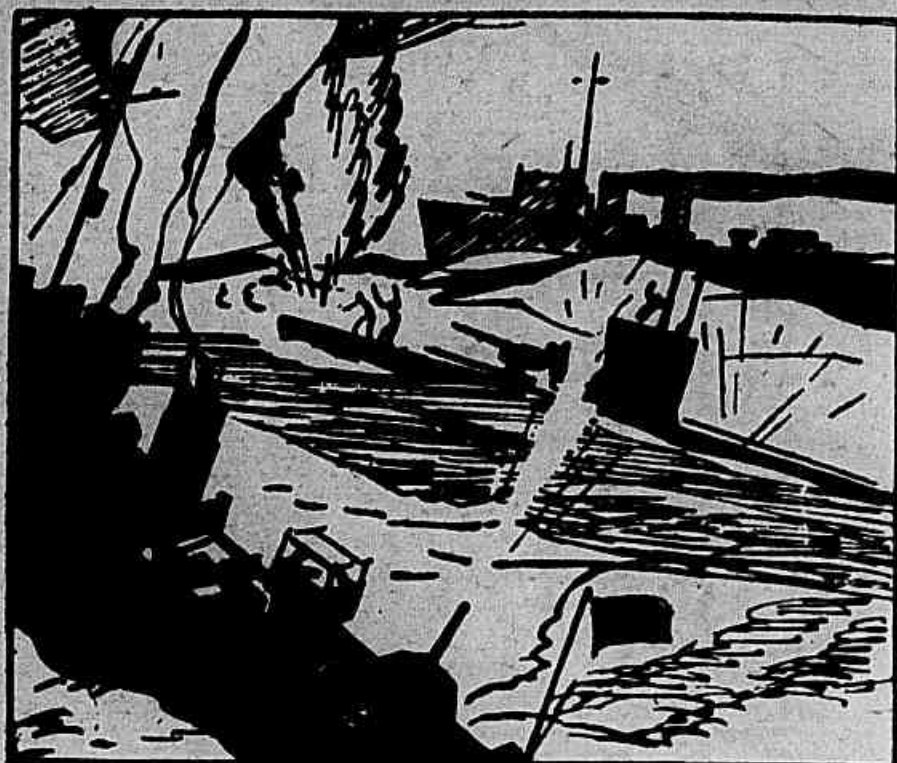
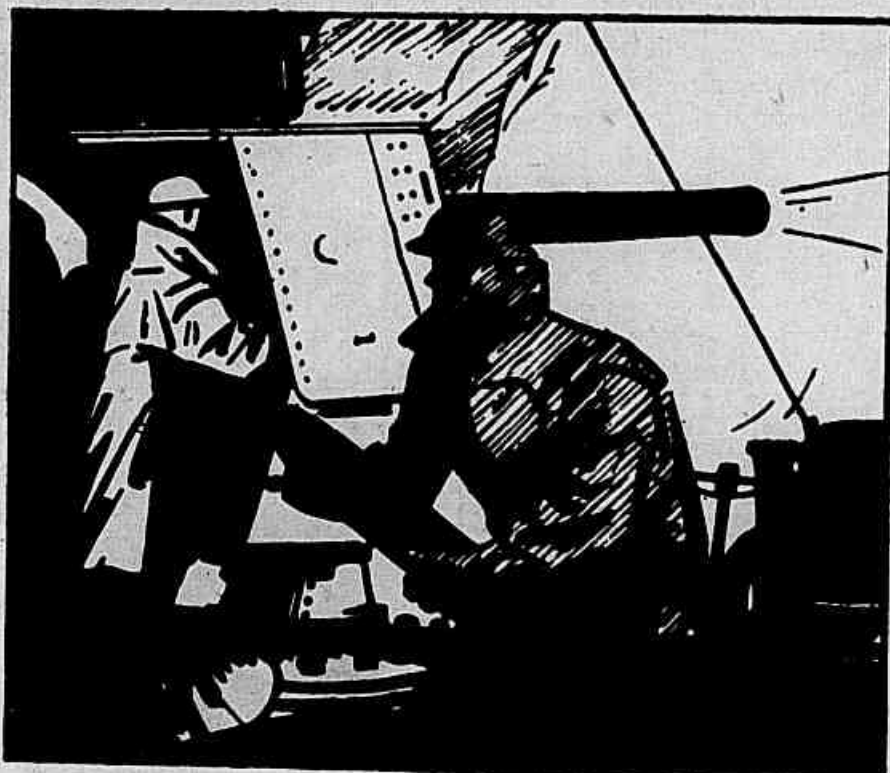
O ataque forçou o barco inimigo a subir novamente à superfície, mas estava ainda colocado entre os dois contra-torpedeiros britânicos e o seu destino ficou selado. Os navios de guerra britânicos abriram simultaneamente um terrível fogo e os marinheiros germanicos podiam ser ocasionalmente avistados entre a densa cortina de água e espuma, quando saltavam desesperadamente para o mar agitado. Pouco tempo depois um tiro certo terminava a tarefa e somente a curva do submarino se destacava perigosamente acima da água oleosa; após um obuz final e fatal do *Vimy*, o malfadado corsario afundou lentamente e desapareceu para sempre. Os sobreviventes foram recolhidos pelos contra-torpedeiros.

O comboio prosseguiu durante algumas horas na sua rota mas, ao cair a noite, protegido pela grande escuridão, um outro submarino voltou ousadamente ao ataque, trazendo consigo quatro outros corsarios. Depois disso a "alcateia" foi aos poucos aumentando em número. Desta vez o *Beverley* seguiu para a caça e, sosinho, enfrentou os cinco primeiros submersíveis. Com a leva de prisioneiros do submarino afundado, inquietos e impressionados sob o tombadilho, o contra-torpedeiro conseguiu aproximar-se até 200 jardas do primeiro inimigo que, à superfície, zigzagueava e desaparecia, para tornar a aparecer mais longe, em tentativas desesperadas para evitar o destino que o aguardava.

Graças a projetis luminosos lançados pelos seus



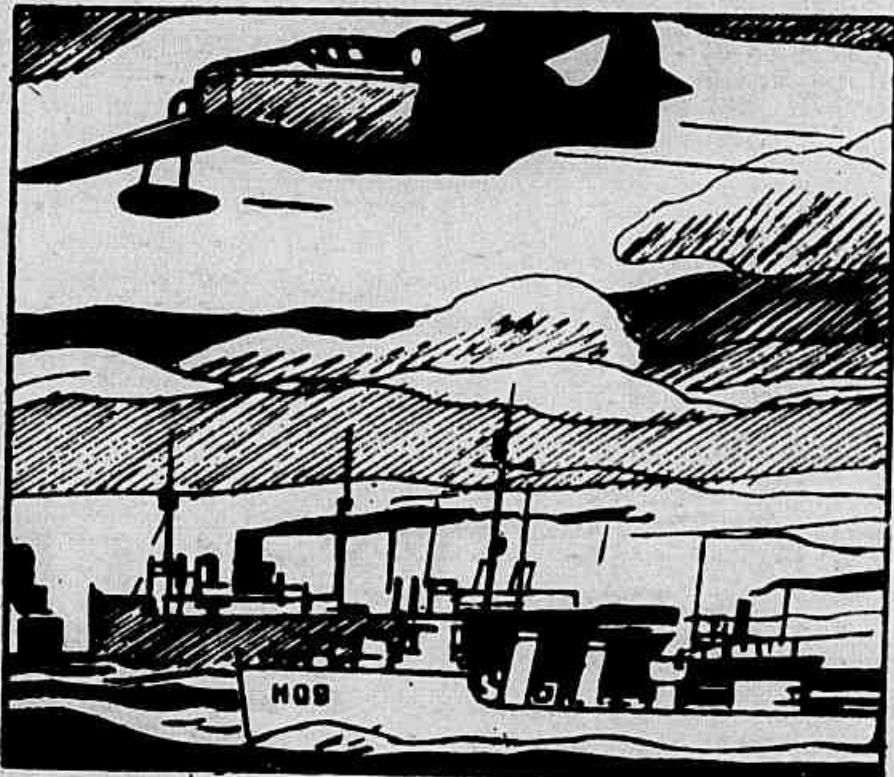
canhões o *Beverley* lançou-se a toda a velocidade contra o submarino, que então mergulhou para se salvar, mas fo-



ram lançadas varias bombas de profundidade num circulo sempre mais estreito, e é improvavel que tivesse escapado. Quando o *Beverley* voltava para o comboio viu um novo submersivel a 500 jardas de distancia e tornou a iniciar a perseguição, disparando os canhões de perto e mais um barco inimigo foi severa e, talvez, fatalmente punido.

Na manhã do terceiro dia o contra-torpedeiro se achava mais uma vez em ação, desta vez atacando dois submarinos que navegavam à tona. Todos os homens de bordo, até as sentinelas que guardavam os prisioneiros, tiveram de tomar parte na luta, cuja intensidade aumentava. Mais uma vez os canhões do *Beverley* fizeram fogo, com resultado mortal para as duas unidades contrarias. Certo finalmente de que a rota estava livre, o contra-torpedeiro reuniu-se sem demora ao comboio, com os seus tripulantes satisfeitos por terem infligido tantas perdas ao adversario.

Nesse meio tempo, durante os tres dias aludidos foram intercetados outros ataques contra o comboio com êxito igual pelo *Vimy*, pelas corvetas britânicas e francesas e pelo contra-torpedeiro norte-americano *Bahbil*. Antes de terminada a balha e de todos os submarinos terem sido afugentados, seriamente danificados ou completamente destruidos até a força aerea participou das últimas fases da luta, com os *Liberators* e os *Sunderlands* voando em círculos como moscardos furiosos. O resto da viagem decorreu sem incidentes e o comboio chegou ao destino sem perda de um só navio aliado.



O SACERDOTE CATOLICO...

(Continuação da pag. anterior)

"Por três vezes o lil Li-o com profunda satisfação, com verdadeiro orgulho de pertencer a um credo, cuja inaudita dinamica resolve problemas que levam o mundo incrédulo ao desespero. Eu o li com uma convicção, de novo evidente, de que não há nem pode haver salvação, quer temporal, quer eterna, para nós e todo o mundo possível, senão aquela que neste livro se descreve e vivamente se sente." (K. Pfeleger.)

Estranha vocação! Nosso pároco atrai a todos, ninguém escapa ao ímã dos olhos e das palavras em que transparece — força irresistível — uma alma sacerdotil de brilho ofuscante. Há o vigário de Torcy, seu paternal amigo e conselheiro, o homem velho das idéas "avançadas" em teologia pastoral, um místico que olha fundo para dentro das almas, o padre que só fala em sentenças lapidares-figura muitíssimo simpática. "Um sacerdote — diz-lhe — que desce do púlpito da verdade com a boca afilada como traseiro de galinha, apenas um pouco acalorado, mas intimamente satisfeito, este não prégou, quando muito cacarejou. (...) Quanto a mim, quando Deus me arranca uma palavra destinada a fazer bem às almas, eu o sinto pela dor que me causa."

Há o cônego de la Motte Breuvon, tio do conde. "Que quer, meu filho? Essa gente não odeia sua simplicidade, defende-se dela: sua simplicidade é como um fogo que os queima. O senhor passeia pelo mundo, com seu pobre sorriso humilde que pede perdão, carregando uma tocha acesa, que toma, ao que parece, por um cajado de pastor. Nove vezes sobre dez, arrancar-lhe-ão das mãos e o pisarão."

Há Olivier. "O senhor é um admirável rapaz. Não quereria outro padre junto a meu leito de morte." "E beijou-me, á maneira das crianças, nas duas faces." Mas depois, fuge. — Há Serafita, uma criança do catecismo, transviada e fugidia. "Você me escuta com tanta atenção!" lhe diz o pároco. "E porque o senhor tem uns olhos tão bonitos?" — Há o deão de Blangermont, que dá conselhos "econômicos" num presbitério em que nada existe por economizar. — Há o conego Durieux. "Você tem a vocação da amizade. Tome cuidado que a amizade não se transforme em paixão. De todas as paixões, é esta a única incurável."

Há o Castelo: o conde, a condessa, a preceptora, a senhorita Chantal. — Há os médicos, o dr. Delbende, o dr. Laville. Há outros... Mas todos lhe escapam, todos lhe fogem, por uma outra porta... ou pelo abandono, pós lutas inúteis, ou pela morte, ou pelo suicídio... Estranha vocação! Até depois da morte, o unico amigo fiel será ainda o vigário de Torcy. Ele vira no pároco infeliz brilhar a face de Cristo.

Neste romance não há acontecimentos. Há apenas diálogos intermináveis, com antagonistas de todos os matizes, nos quais o pároco se vê olho em olho com "a pobreza" aterradora deste mundo, desespero, luxuria, descrença, ódio, estupidez, obstinação... Alguns homens que não têm fé. Algumas mulheres que julgam tê-la... E há — consequência dos diálogos — as notas tristes de um diário... Se Bernanos chama a isto de romance, vai nesta palavra tanta ironia como na fundação de um "club de esportistas" em vez de associações religiosas... A unica atividade "pastoral" desse grande caçador de Deus consiste em um catecismo ridículo e em visitas a alguns moribundos, através da lama...

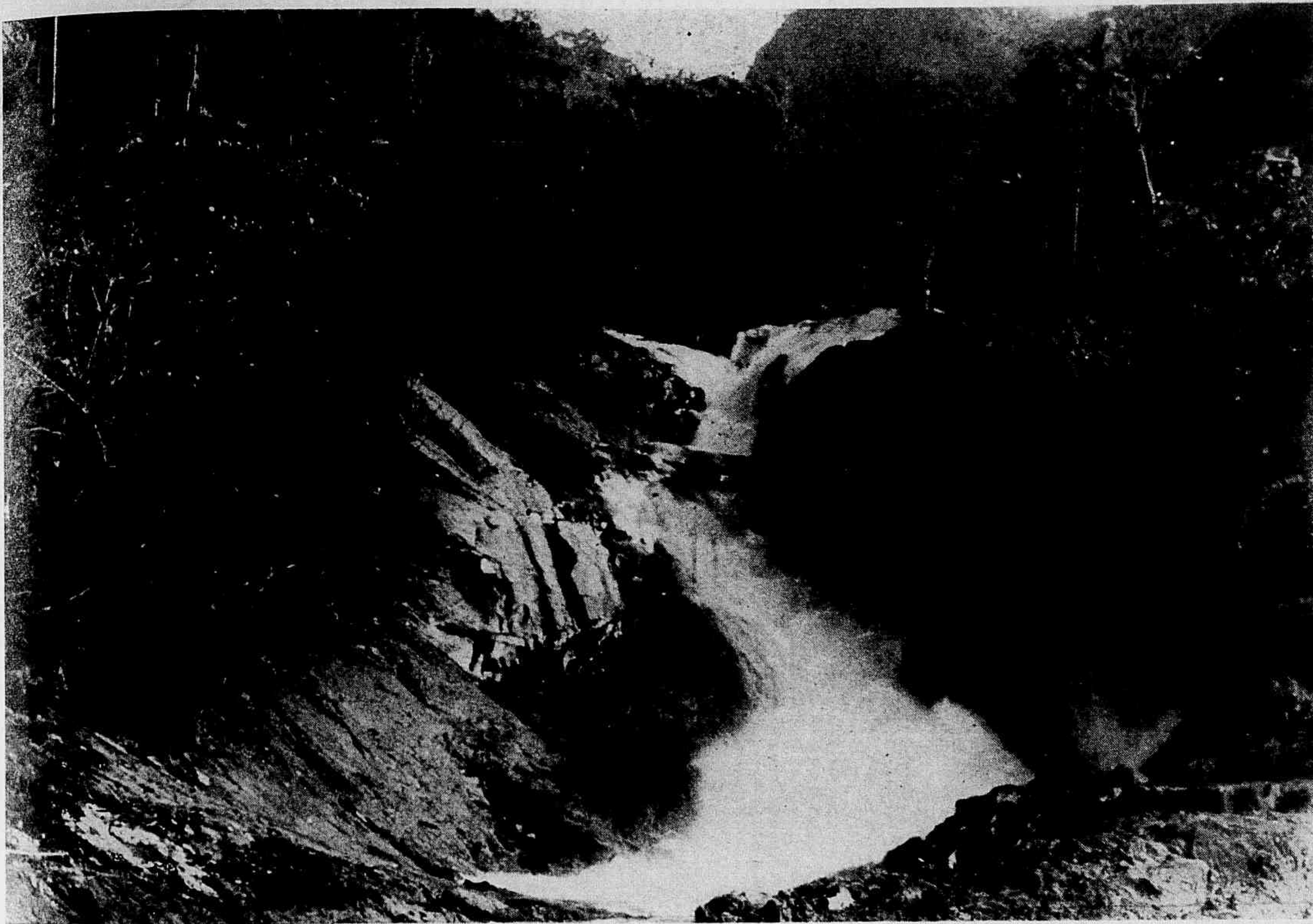
E não obstante, este estranho pároco vive uma vida fundamentalmente e espantosamente sacerdotil. Já se disse que este romance não pode ser escrito senão sob a inspiração do Espírito Santo! Os diálogos com a condessa e com a senhorita Chantal pertencem certamente ao que de mais sublime e...terrível existe na literatura universal! E é apenas a luta de um santo sacerdote contra a imbecilidade feminina.

E quando chega o fim, após a hemoptise, no leito daquele corredor imundo, com um bico de gás a cuspir por cima de sua cabeça, como o sacerdote chamado tarda, nosso pároco de aldeia, humildemente e infantilmente como vivera, pede a absolvição ao proprietário daquela taverna, o apóstata seu antigo companheiro de Seminário, agora um vendedor de drogas... "Que importa isso?, lhe diz. Tudo é graça!"

Formidável!

Este é o romance do sacerdote católico! Uma leitura que nos deixa enregelados de comoção!

(1) Tradução de Edgar G. da Mata Machado, redator-chefe de "O Diário", de Belo Horizonte, Atlantica Editora, Praça Getulio Vargas, Edifício Odeon, 3.º andar, Rio, 1942



OLTA no ar, como um anúncio mágico batido de sól, cheio de cintilações esiranhas e soberbas, fagulhas suspensas como estrelas, a branca poeira das águas.

Imprecisa e vária, ao sabor do vento que passa, guarda toda a beleza docemente ingenua, de um perfumado lencinho provinciano no simbolismo adolescente de um adeus.

Em baixo, muito longe, longe como um pensamento perdido num tropel de pensamentos, o abismo enorme povoado de águas.

E as árvores verdes. Inteiramente verdes.

A fotografia, de surpreendente efeito pitórico, nos foi cedida pelo capitão Nicenor Paiva. E nos mostra de um ângulo diversamente belo, a Cachoeira da Fumaça, no rio Santa Maria, município de Santa Leopoldina no Estado do Espírito Santo.

Cachoeira da Fumaça



Prenuncio de Tempestade

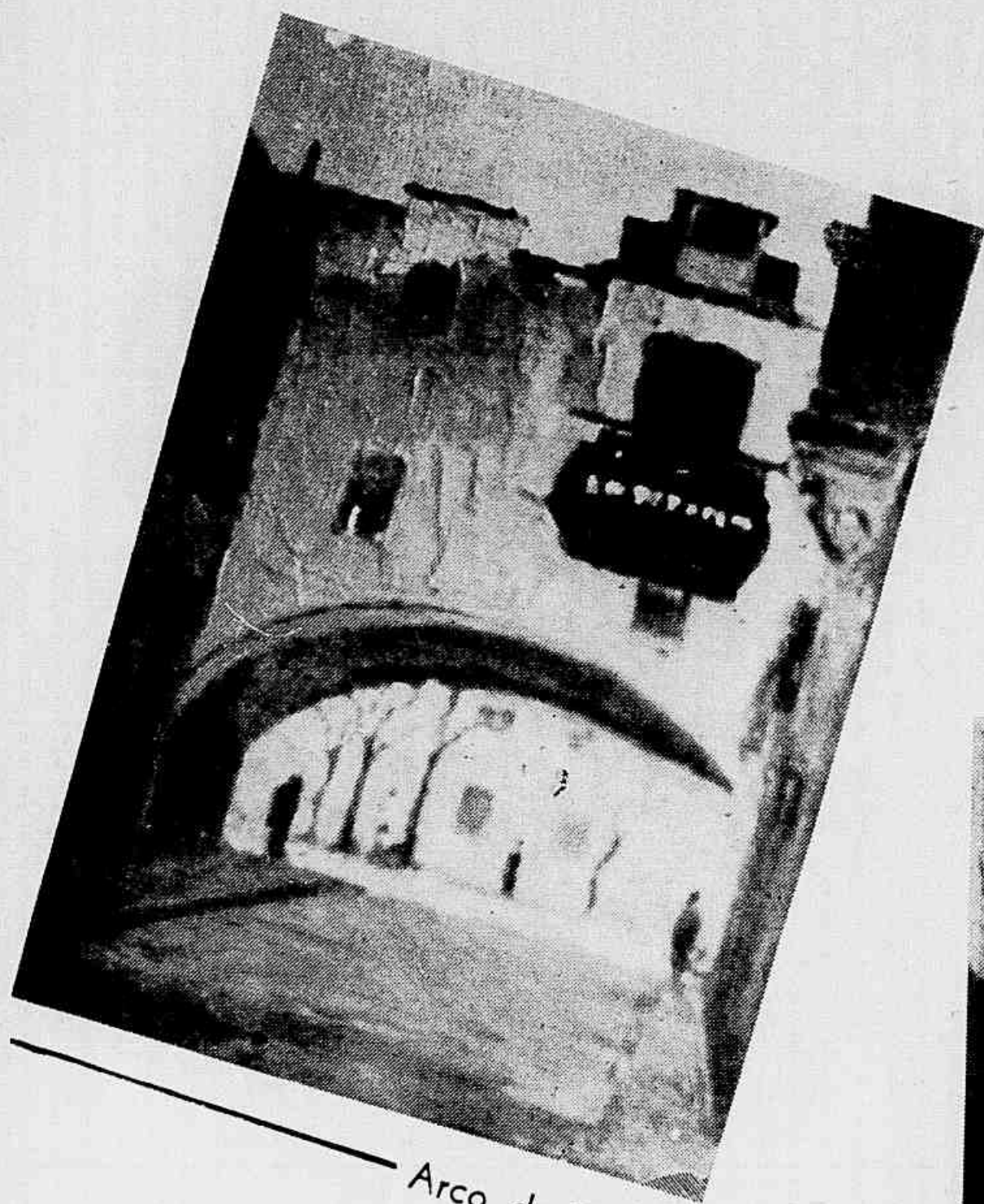
EXPOSIÇÃO O HEITOR PINHO



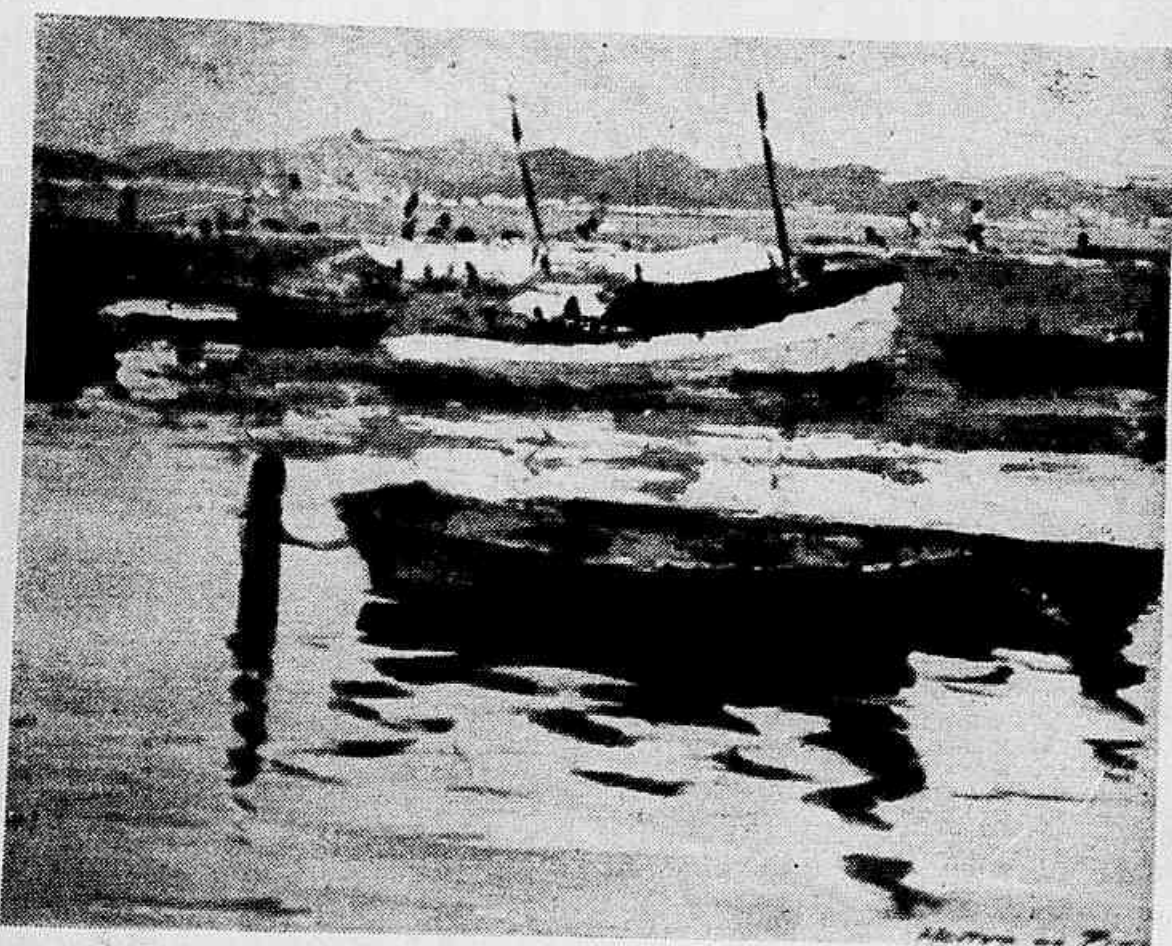
Tarde de Primavera

NO Salão Nobre do Palace Hotel, sob os auspícios da Sociedade Brasileira de Belas Artes, vem de expor, marcando invulgar acontecimento artístico, Heitor de Pinho, sem dúvida nenhuma, um dos mais inspirados marinhistas contemporâneos.

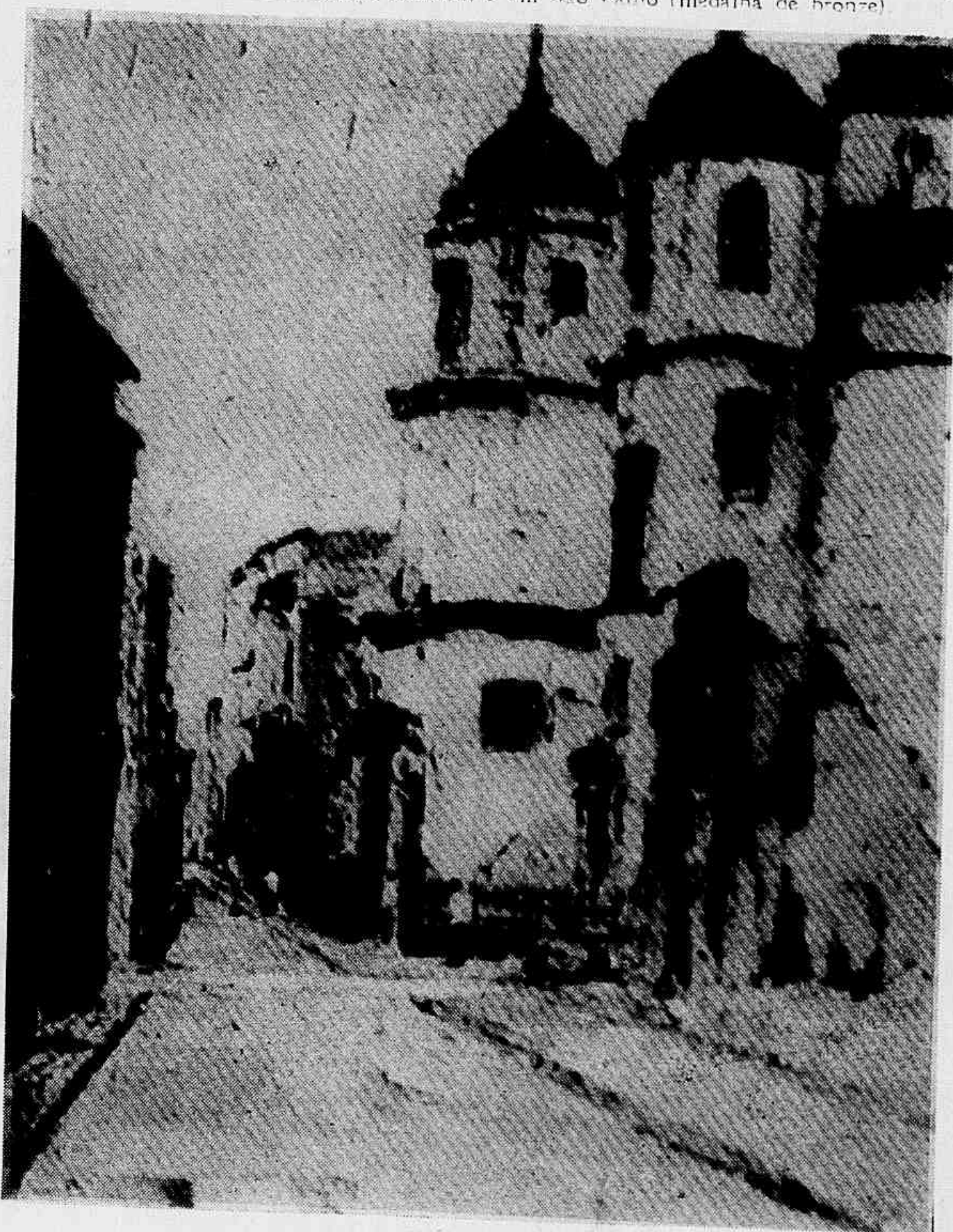
O artista reúne nos seus quadros a graça policromica da cidade que lhe serviu de berço. O mar de ondas enormes rolando, os quietos remansos onde a água é mais verde e as primeiras sombras quietas da tarde, como azas que se abatem. Das suas pinturas, a poesia nasce, fácil e clara, como das flores o perfume, simplesmente porque aí está. Aluno da Escola Nacional de Belas Artes, teve ainda como mestres Chamberlain e Baptista da Costa. Garcia Bento, seu amigo, marinista de uma pureza sem jaça, foi por certo quem mais influencia teve na formação do artista. Heitor de Pinho, obteve menção honrosa no Salão Nacional de Belas Artes em 1930, medalha de bronze em 1936, em 1940, medalha de prata. Nos anos seguintes expõe com invulgar sucesso, no Rio Grande do Sul (menção honrosa) e em São Paulo (medalha de bronze).



Arco de Telles



Barcos



Igreja de S. Pedro

"Nosso Barco - Nossa Alma"



VESTA guerra, como na guerra de 1914/18, tem sido prodigioso o esforço da Marinha de Guerra Britânica. Através dos sete mares do mundo as unidades da Royal Navy navegam dia e noite na sua faina incansável de proteger os comboios e garantir a liberdade dos mares. Sem o controle naval não teria sido possível aos aliados resistirem ao formidável impeto da máquina de guerra nazista. Foram as belonaves britânicas que mantiveram abertas as rotas do Atlântico e do Mediterrâneo no decurso do ano terrível que se seguiu à queda da França, a Grã-Bretanha enfrentou sozinha o poderio da Alemanha e da Itália.

Hoje, outras esquadras se juntaram à Royal Navy na luta titânica contra os agressores totalitários. E a guerra aos corsários submarinos vai tomando um rumo cada vez mais avorável para as Nações Unidas.

Mas não devemos esquecer a epopéia dos homens do mar, epopéia essa que atingiu o seu ponto culminante durante aqueles meses sombrios da guerra, quando as matilhas de submarinos do Eixo infestavam todos os oceanos, ameaçando cortar as comunicações vitais entre a Inglaterra — base avançada das forças libertadoras — e os países que lhe forneciam os meios indispensáveis para prosseguir na sua luta heroica contra os conquistadores sem escrúpulos que pretendiam escravizar o mundo. E nessa guerra sem tréguas aos piratas do Eixo, ninguém se destacou com maior brilhantismo do que os tripulantes dos pequenos destroyers que, navegando em todas as latitudes, e enfrentando as condições climáticas mais variadas e severas, multiplicaram os seus esforços e contribuíram decisivamente para a derrota final do inimigo, para a derrota que hoje já se descolina no horizonte.

"Meu Barco - Minha Alma" — é um filme inglês que historia de maneira comovente a vida de uma dessas velozes unidades navais, bem como a dos homens que formam sua tripulação. É um filme que se caracteriza não só pelo seu profundo realismo como pela sua perfeição técnica. Diferente de todos os filmes de guerra, apresenta um enredo simples, porém impregnado de um espírito de sinceridade que transcende ao romantismo artificial e filício da maioria das películas que abordam esse assunto apocalíptico que é o da guerra em geral, e principalmente o da guerra que ora assola os cinco continentes da terra. Porque "Meu Barco - Minha Alma" narra com impressionante fidelidade os sentimentos daqueles homens que, embora, dedicando o melhor da sua capacidade e do seu amor ao serviço da pátria — transformada na dedicação ao seu navio, eram afinal homens que ao enfrentarem mil vezes a morte, tinham sempre no fundo do coração a angústia de saber que em algum cantinho do seu país haviam deixado entes queridos que constituíam os mais estreitos laços que os prendiam à existência.

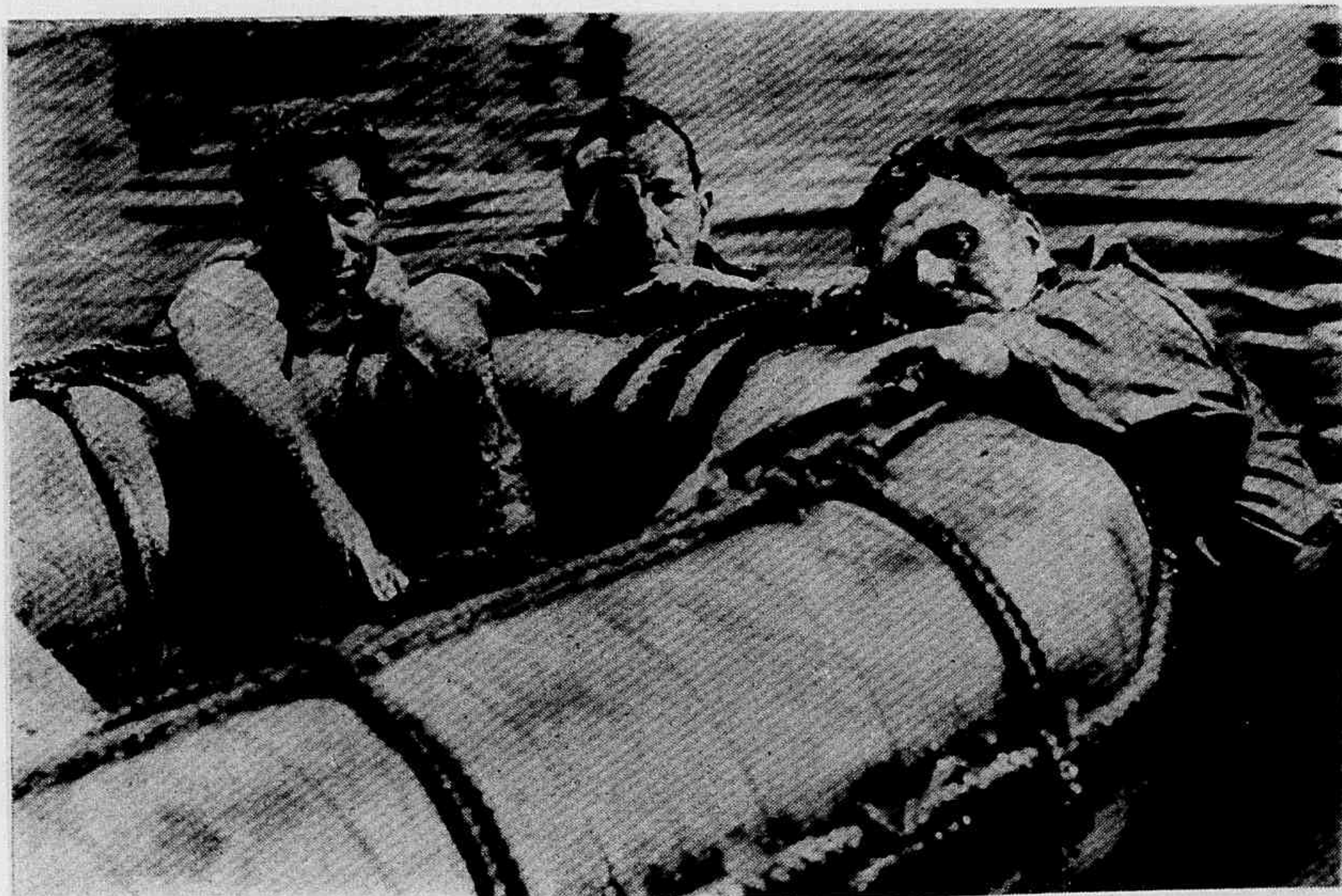
E sem dúvida uma tarefa árdua e complexa essa de apresentar o espírito do mais ardente patriotismo e o estoicismo no cumprimento do dever, sem incorrer na tendência para dogmatizar preceitos de moral. Por outro lado, ante as monstruosas proporções da guerra, é difícil abordar pequenos e insignificantes detalhes da vida humana sem acarretar a sequência enfadonha de cenas monótonas pela sua banalidade. Mas em "Meu Barco - Minha Alma", foi realizada essa harmonia de sentimentos que constituem afinal a vida do homem. Aliando o grandioso ao trivial, o trágico ao hilariante, o sério ao grotesco, essa película consegue despertar aos espectadores justamente esses sentimentos que formam todo esse conjunto da vida humana. E por isso as platéias parecem viver as cenas que se vão desenrolando na tela. Não assistem apenas a um espetáculo. Sentem as emoções, as alegrias e as tristezas dos protagonistas como se os próprios assistentes as houvessem vivido.

"Meu Barco - Minha Alma" é o primeiro filme de Noel Coward, o maior dos dramaturgos ingleses da atualidade. Coward não só escreveu a peça, como compôs a partitura musical e dirigiu a filmagem, escolheu os artistas, e desempenhou ainda o papel do Capitão Kinross, principal personagem da película. O elenco é composto de artistas de renome no cinema britânico, e à maneira com que representam durante o variado desenrolar

das várias sequências contrastantes da obra é impressionante pela interpretação impecável dos atores e a precisão cronométrica da direção.

Sem receio de incorrer em exagero otimístico, podemos afirmar que essa produção do cinema britânico, que o Rio brevemente assistirá está destinada a assinalar um êxito memorável entre os "fans" cinematográficos cariocas.

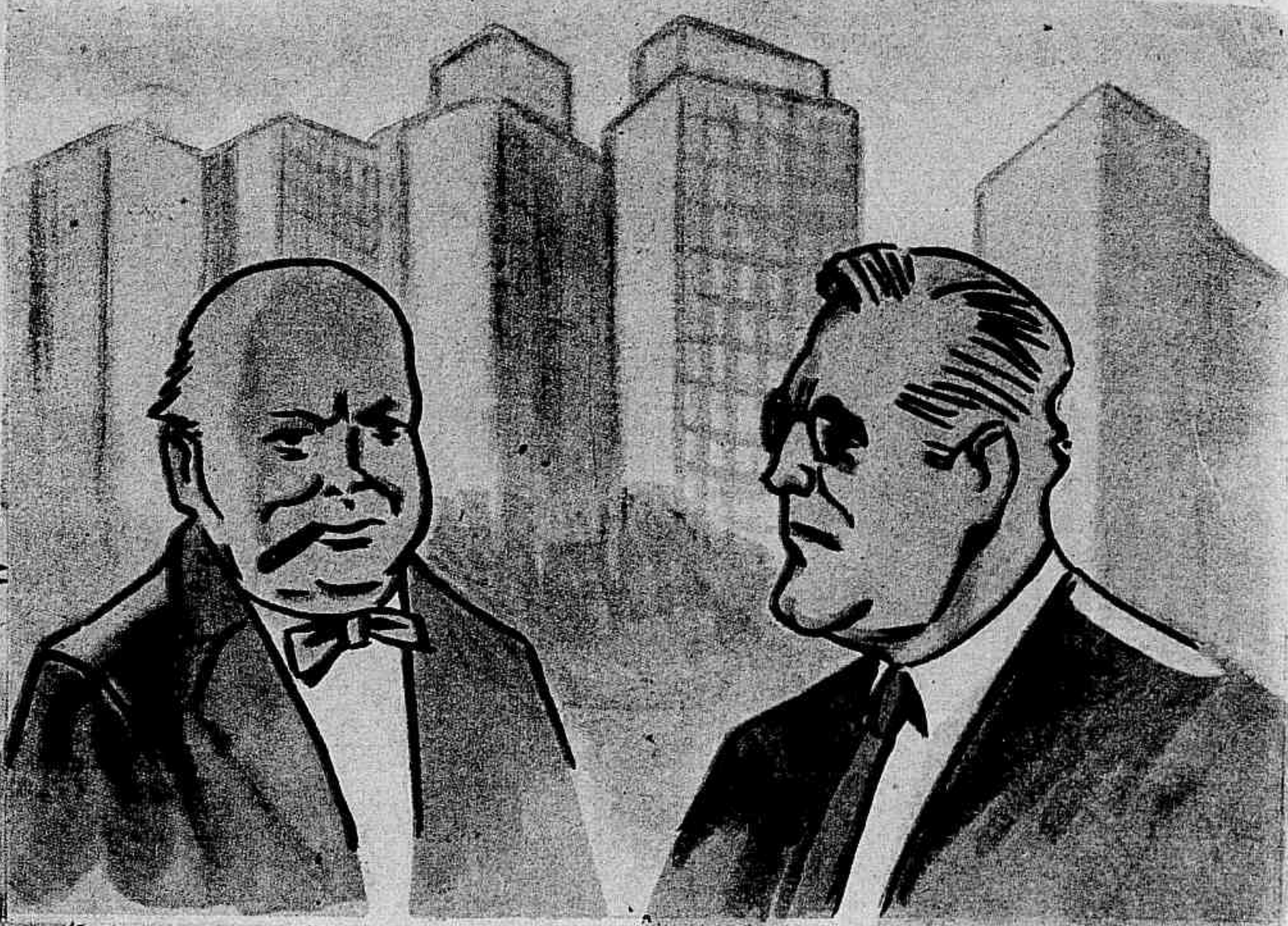
(Do B. N. S. para a REVISTA DA SEMANA).



Bate-Papo de Guerra

Legendas de SONIA REGINA
Desenhos de LUIZ GOULART

Filmes e interpretes:



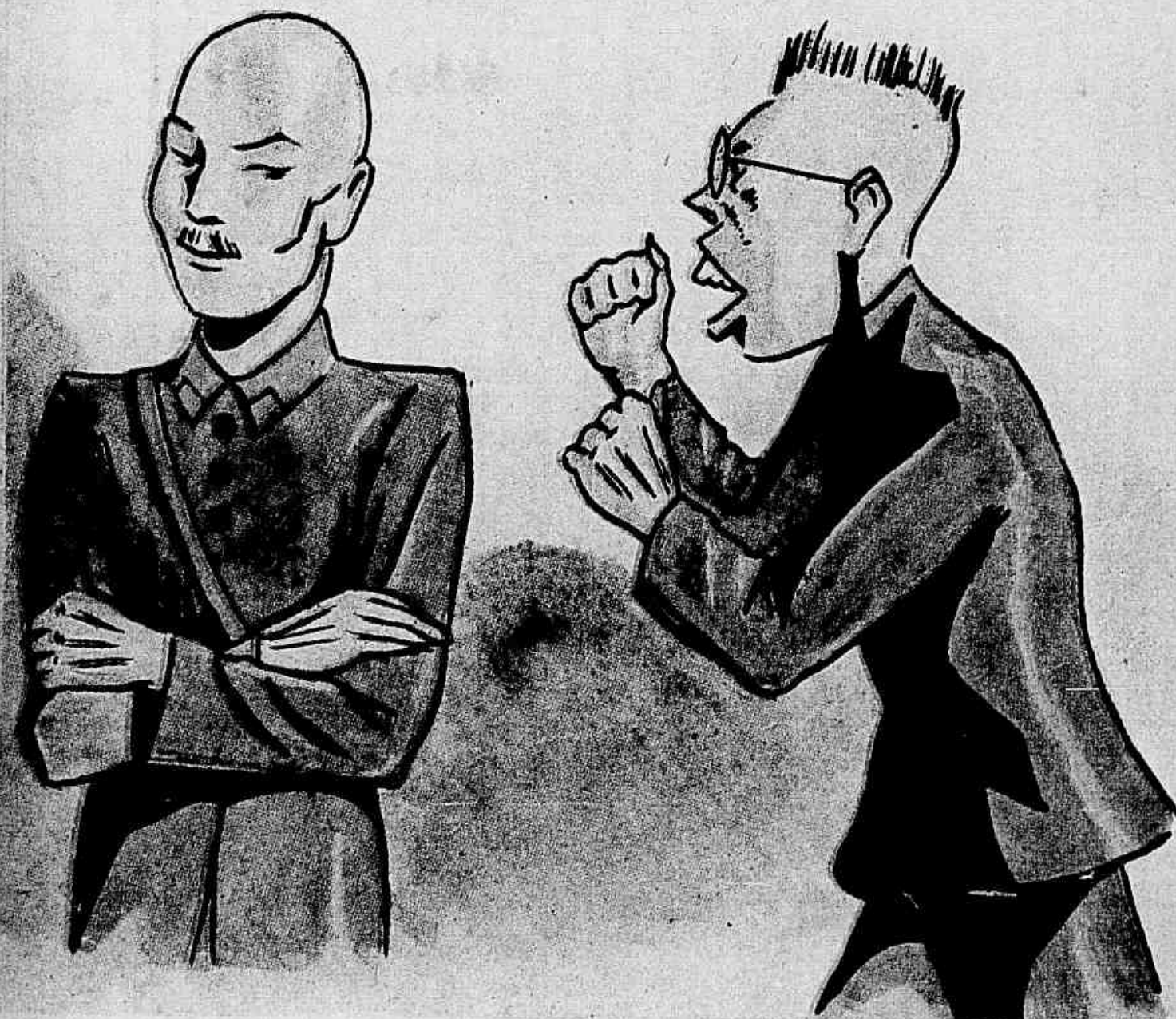
Churchill e Roosevelt em Quebec:
"A Vida Assim é Melhor".



Hitler, Goering e Goebbels:
"Tres Marinheiros na Chuva".



Mussolini:
"O fugitivo".



Hirohito e Chiank-Kay-Check:
"Tensão em Shangai".

Colcha de RETALHOS

De Monteiro Lobato.

Ilustração de Goulart

Upa!

Cavalgo e parto.

A natureza, por estes dias de março, acorda tarde. Passa as manhãs embrulhada num roupão de neblinas e é com espreguiçamentos de mulher madraça que despe os véus da cerração para o banho de sol. A névoa esmaia o relevo da paisagem, desbota-lhe as cores. Tudo parece coado através dum cristal despolido.

Vejo a orla de capins tufados como debrum pelo fio dos barrancos; vejo o roxo-terra da estrada descorar passos adiante; e nada mais vejo senão, a espaços, o vulto lavado d'alguns jacarés marginais.

Agora vejo uma porteira.

Aqui, a encruzilhada do Lobrego.

Tomo a dextra, em direitura ao sítio do José Alvorada.

Este sujeito mora-me a talho de pegar um roçado no capoeirão convisinho aos Perequitos nata de terra, que, pelas bocas do caeté legítimo, da unha de vaca e da caguera está a clamar foice e covas de milho.

Não é difícil a puxada: com cinquenta braças de carreador, bôto a roça no caminho velho.

Tres alqueires, só no bom. Talvês quatro. A noventa por um — nove vezes quatro trinta e seis: tresentos e sessenta alqueires de oito mãos. Descontadas as bandeiras que o porco estraga, e o que comem a paca e o rato... Será a filha do Alvorada?

— Bom dia, menina. O pai está em casa?

E' a sua filha única. Pelo geito não vai em mais de catorze anos. Que frescura! Lembra os pés d'avenca viçados nas grotas noruegas. Mas arredia e itê como a fruta do gravatá. Olhem como se acanhoul! D'olhos baixos, finge arrumar a rodilha. Veiu pegar agua a este corço, e é milagre não se haver esgueirado por detrás daquela moita de taquaris ao avistar-me.

— O pai está lá? insiste.

Respondeu um "está" enleiado, sem erguer os olhos da rodilha.

Como a vida do mato asselvaja estas veadinhas! Note-se que os Alvoradas não são caipiras. O velho quando comprou a situação dos Periquitos, vinha da cidade; lembro-me até que entrava em sua casa um jornal.

Mas a vida lhes correu dura na luta contra terras ensapadas e secas onde se encurtam as colheitas dobrando o trabalho. Foram-se rareando as idas á cidade e, ao cabo, de todo se suprimiram. Depois que lhes nasceu a menina, rebento floral em anos outonigos, a que a geada queimou o café novo — uma taina, treis mil pés — o homem, amuado, nunca mais espichou pé fora do sítio.

Si o marido deu assim em urumbeva, a mulher, essa enraizou de peão para o resto da vida. Costumava dizer: mulher na roça vai á vila tres vezes, uma a batizar, outra a casar, a terceira a enterrar.

Com tais casmurrices na cabeça dos velhos, a pobresinha do Pingo d'Agua — tinha esse apelido a Maria das Dores — era natural que se tolhesse na desenvoltura ao extremo de ganhar medo á gente. Fora uma vez á vila, com vinte dias a batizar. E já lá ia nos catorze anos sem nunca mais ter-se arredado dali.

Ler? Escrever? Patacoada, falta de serviço, dizia a mãe. Que lhe valeu a ela ler e escrever que nem uma professora, si des'que casou nunca mais teve geito de abrir um livro? Na roça como na roça.

Deixei a menina ás voltas com a rodilha e embrenhei-me por um atalho conducente á morada.

Que ruinaria...

Da casa antiga aluira uma aba, e o restante, alem da cumieira selada, tinha o oitão fóra do prumo.

O velho pomar, roído de formiga, sucumbira de inanição; tres ou quatro laranjeiras macilentas, roídas de broca, sopesando o polvo, retrançado de herva de passarinho, abrolhavam ainda rebentos ouriçados de paús, na ancia de sobreviver.

Fôra disso, mamoeiros, a silvestre goiaba, e arazás, promiscamente com o mato invasor que só respeitava o terreirinho batido, fronteiro á casa. Tapera, quasi, e enlurados nela, o que é mais triste, almas humanas em tapera.

Bati as palmas: ó de casa!

Apareceu a mulher.

— Está o seu Zé?

— Inda agorinha saiu, — mas não demora, foi queimar um mel na massaranduva do pasto. Apeie e entre.

Amarrei o cavalo a um moirão de cerca e entrei. Acabadinha a Sinh'Ana Rosa. Toda rugas na cara, e uma cor... Estranhei-lha.

— Doença, gemeu, estou no fim. Estomago, fígado, uma dor aqui no peito que responde na cacunda... Casa velha é o que é.

— Metade cisma, disse-lhe para consolo.

— Eu é que sei, retrucou ela suspirando.

Entrementes surgiu da cozinha uma velhota no cerne, bem apessoada, rija e tesa, que me saudou, e:

— Está espantado do geito da Nhana? Esta gente de agora não presta... Olhe que eu com 70 no lombo não me troco por ela. Criei a minha neta, inda lavo, cosinho e coso. Admira-se? Coso sim!...

— Mecê é gabola porque nunca padeceu doença, — nem dor de dentel... Mas eu? Pobre de mim! Só admiro de inda estar fóra da cova.

— Ai vem o Zé.

Chegava o Alvorada. Ao ver-me, abriu a cara.

— Ora viva quem se lembra dos pobres! Não pego na sua mão porque estou assim! E' só melado. Bonito, ein? Estava difícil, num ôco muito alto e sem geito, mas sempre tirei. Não é jiti não, é mel de pau.

Depôs a cuia de favos num mocho e se foi á janela lavar as mãos sob a canéca dagua que a mulher despejava. E pondo os olhos no cavalo:

— Hoje veiu no picaço... Bom bicho! Eu sempre digo: animais aqui no redor são este picaço e a ruana do Zé de Lima. O mais é cavalaria de moenda.

Neste momento entrou a menina, de pote á cabeça. O pai apontou a cuia de mel.

— Está aí, filha, o doce da aposta. Perdi paguei. Negócio é negócio. Que aposta? Ah! Ah! Ah! Brincadeira. A gente cá na roça quando não tem serviço com qual-quer coisa se diverte. Vinha passando um bando de maritacas. Eu disse atôa: são mais de dez. Pingo negou: não chega lá. Apostamos. Eram nove. Ela ganhou o doce. Doce da roça mel é. Esta songuinha só vendo, não é o que parece, não!

A loquela do Alvorada não desmedrara com o atrazo da vida. Em se lhe dando a corda tagarelava como gente da cidade.



Expôs-lhe o meu negócio. O homem refranziu a testa e reflexionou um bocadinho, de queixo preso. Depois:

— Eu hoje, franquesa, não valho mais nada. Des'que caí naquela peste de mundêu da ponte preta fiquei assim como quebrado por dentro. Não escoro serviço, e para lidar com camaradas no eito não basta ter boca. Sem puxar a enxada de par com êles, a coisa não vai. Lembra-se da empreitada do ano retrazado? Pois saí perdendo. O tranca do Mina me quebrou um machado e me furtou uma foice. Com esses prejuizos não livre o jornal. Desde então fiz cruz em serviço alheio. Si inda teimo neste sapeseiro é por via da menina; senão largava tudo e ia viver no mato como bicho. E' o Pingo que inda me dá um pouco de coragem...

A velhinha sentára-se á luz da janela e, abrindo uma caixeta, pusera-se a cozer, de óculos na ponta do nariz.

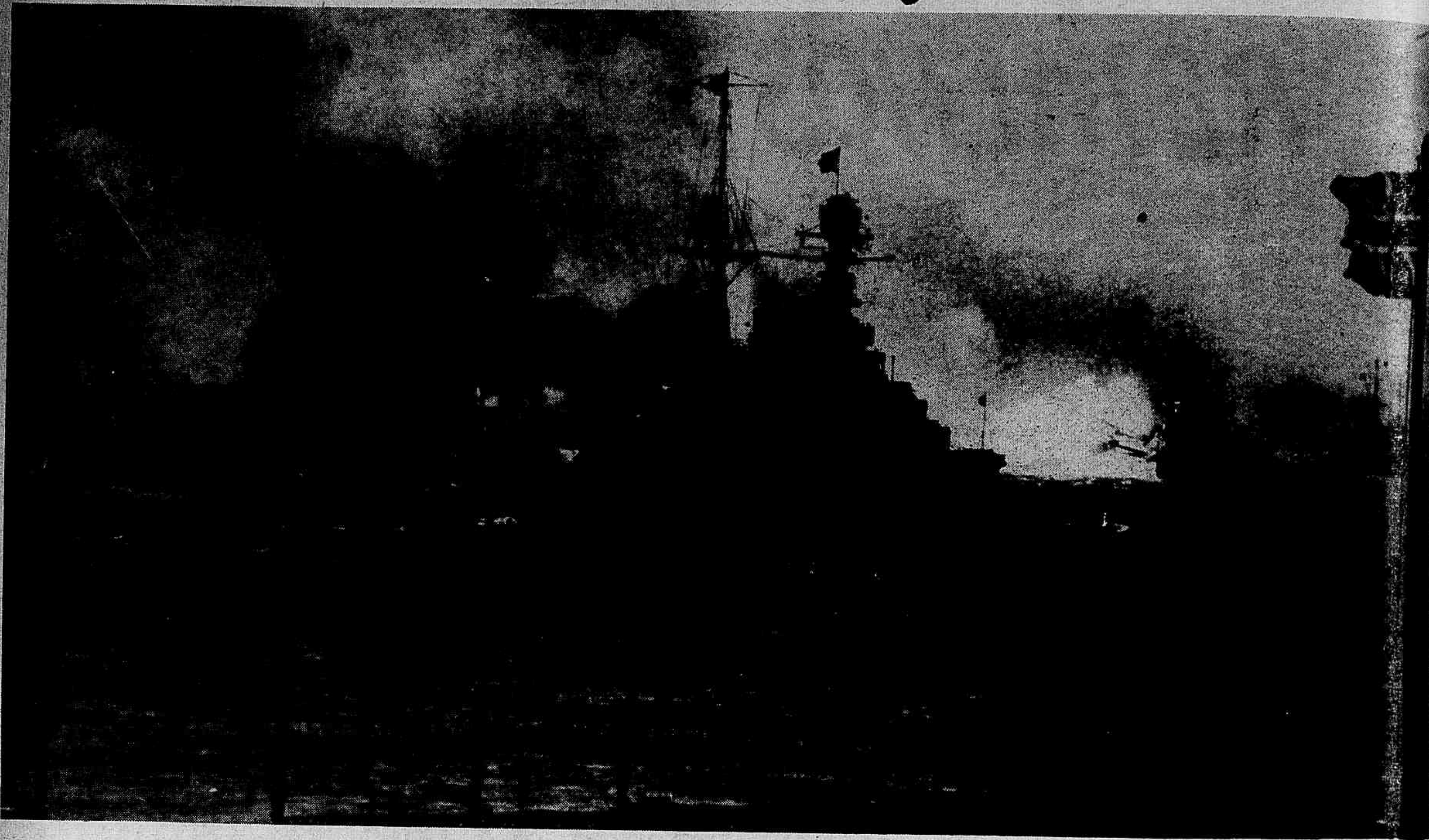
Aproximei-me admirativo;

— Sim, senhor! Com setenta anos!

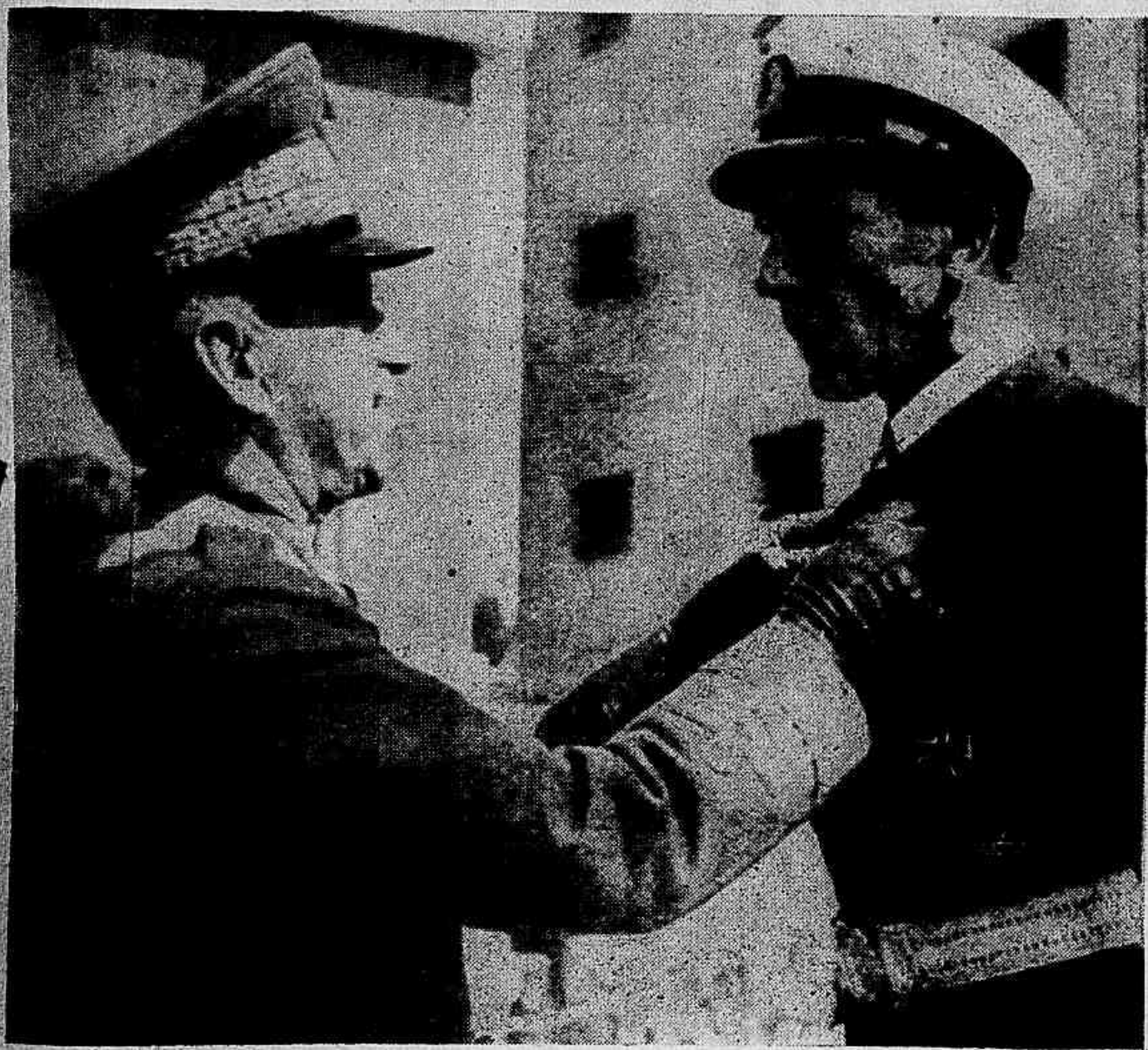
Sorriu-se lisonjeada.

(Continua na pagina 44).

O mundo em guerra



CRUZADORES INGLÊSES atirando com os seus grandes canhões numa batalha travada nas costas italianas.



O REI DA ITALIA CONDECORA UM NAZISTA. O Rei Vitor Emanuel prega uma medalha no uniforme do Capitão Rechel Kort de um navio de guerra, durante uma homenagem às "vitórias" da Marinha Italiana.

BERLIM NA DEFENSIVA. Esta fotografia recebida via-Genebra mostra civis alemães cavando trincheiras na bem conhecida Tiergarten berlinêsa. A população alemã também prevê a invasão da Europa...

Por DALMO BARRETO

EMQUANTO as forças aliadas completavam a vitoriosa campanha no Mediterrâneo contra a Sicília, avistavam-se em Quebec os *leaders* aliados afim de estudarem novos planos e concretizarem as ações para os futuros objetivos das forças aliadas no continente europeu.

Terminada a campanha insular o poderio anglo-americano fez-se logo sentir com maior peso sobre toda a península, perseguindo sem cessar as tropas nazistas em fuga, destruindo os meios de comunicação, entroncamentos ferroviários e centro de reabastecimentos. A esquadra em audaciosas investidas bombardeava os portos e pontos de resistencia na península.

Estas operações, são para os italianos o prenuncio do grande castigo que terão a suportar pelo serventilismo a que vêm sendo sujeitos aos nazistas, por fraqueza dos seus dirigentes.

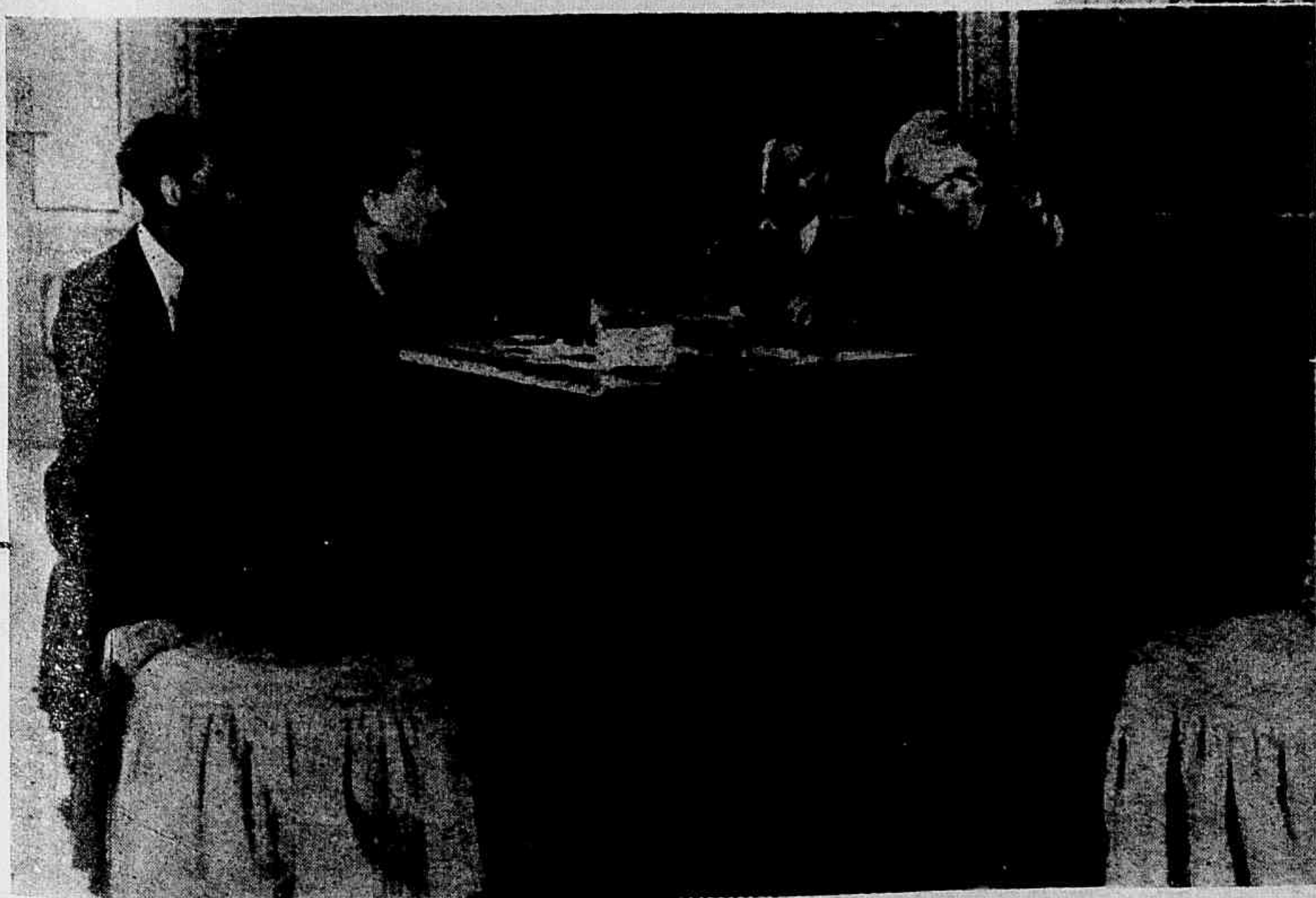
Si bem que a marcha para Berlim poderá ser feita por diversas rotas, a Itália ainda é indicada como sólida cabeça de ponte, cujas razões já foram previstas por vários observadores. Eis o motivo porque vêm sendo castigados implacavelmente todos os pontos vitais da península. Desalojar os nazistas, dismantelar os seus meios de transporte e reabastecimentos, destruir os seus depositos de materiais e ainda completar a depressão moral em que já se encontra o povo italiano, são as tarefas neste setor.





O CARDEAL DA SICILIA DA' AS BOAS VINDAS AO GENERAL PATTON EM PALERMO. O Cardeal La-vitrano palestra com o General George S. Patton logo após a entrada dos americanos em Palermo.

O COMANDO ALIADO NA ITALIA. O Major Elves servindo como governador militar de Noto é visto aqui discutindo os negócios da cidade com uma delegação de cidadãos que foram procurá-lo logo que estabeleceu seu quartel-general na cidade recém-ocupada.



Mas isto ainda não é consequência do encontro Roosevelt — Churchill. A sentença lavrada em Quebec não foi o que apreciámos. Esta será oportunamente revelada.

A ofensiva russa vem se desenvolvendo animadamente. Com a queda de Karkov ficaram os alemães sem base de importância na parte oriental do Dnieper e a margem deste rio poderá ser ocupada sem maiores dificuldades, deixando aberto o caminho para Kiev e em consequência grande ameaça às forças nazistas de Targanrog e litoral do mar de Azov.

Resta portanto aos aliados tirar proveito dos êxitos russos e com uma nova frente, fóra do Mediterrâneo, conseguindo completar a "debacle da Wehrmacht," iniciada na frente oriental.

Os restos do regime nipo-nazi-facista desmembram-se como juntas desarticuladas. Os países neutros, os satélites ou semi-satélites já começaram a tomar atitudes de personalismo. A Espanha e a Suécia como dois exemplos perfeitos, decidiram-se e já não desejam mais a condição de humildes servos obedientes.

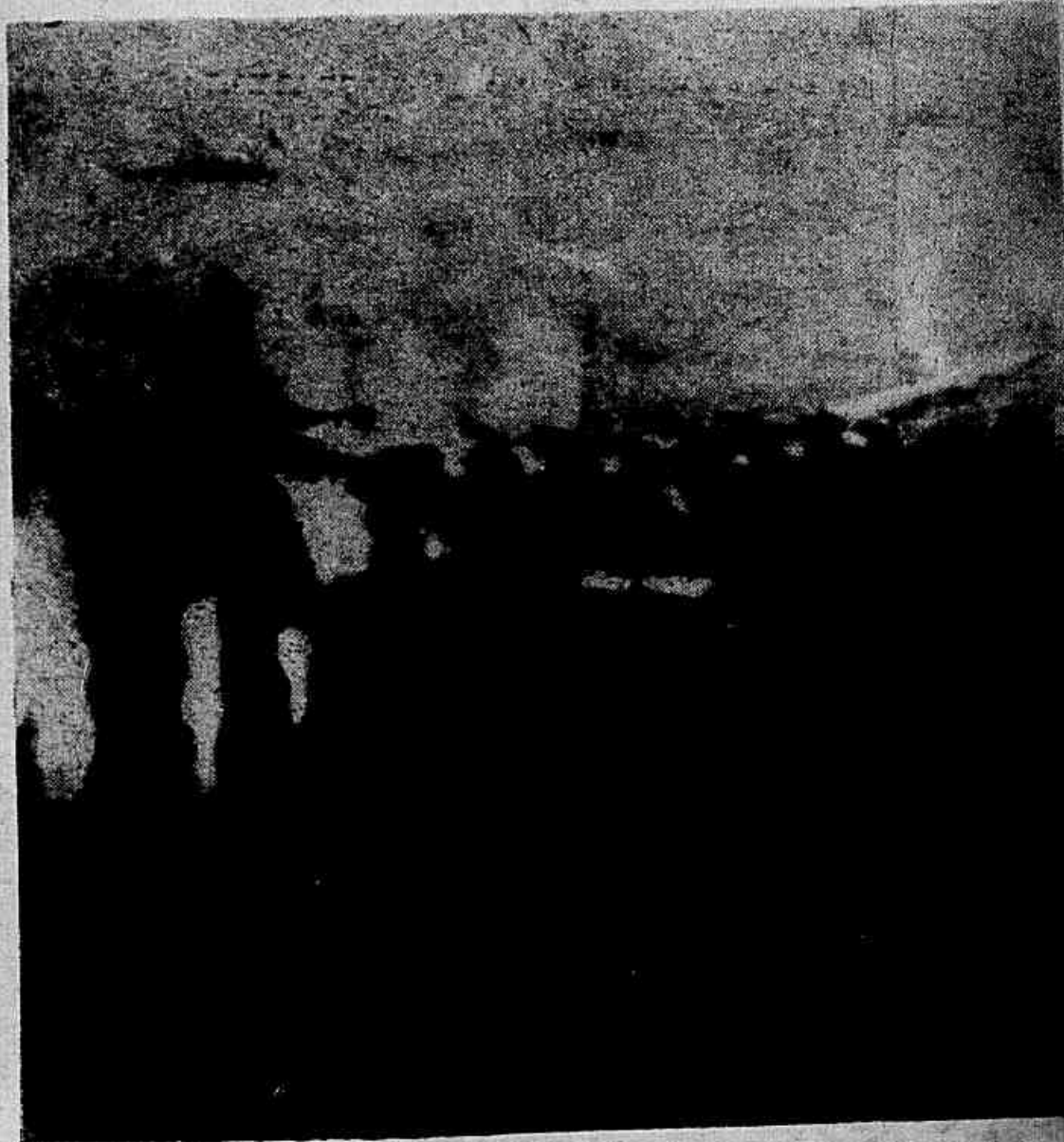
A força material (e por consequência a política) dos ditadores vai se extinguindo aos poucos. Na Europa estão na defensiva em todos os setores da vasta frente. Na Ásia praticamente estacionados e no Pacífico os americanos e australianos vão recuperando ilha por ilha e num metódico e paciente trabalho fazendo o oceano de sorvedouro de navios e aviões nipônicos.

Alemães e japoneses entreolham-se a espera de um socorro mútuo. E nesta expectativa, por trás dos muros de suas fortalezas os nipo-nazistas esperam neurastênicos a sentença de Quebec.



TANQUES CANADENSES GALGANDO AS MONTANHAS ROCHOSAS, durante um treinamento em que as tropas canadenses preparam-se para a invasão da Europa.

AVIÕES NAZISTAS SOB O FOGO INGLÊS NA CÔRSEGA. Um gigantesco Messerschmidt 323 apanhado por uma bomba explode antes de ser derrubado por um caça inglês na altura do Cabo Corso, na Córsega.





FORJANDO AS ARMAS PARA A BATALHA DA EUROPA



De **TOM WINTRINGHAM**

IMAGINEMOS que tudo está pronto; a invasão da Europa começaria no momento em que apertássemos o botão. Seis ou sete homens encontram-se para dar o decisivo cheque-mate e concluir as decisões mais urgentes. Por trás de cada um existem conselheiros e oficiais de estado-maior. A sua frente estão mapas, resumos, planos. Um estadista indaga: "Que faremos si isto ou aquilo acontecer?" Um chefe de Estado-Maior vira sua cadeira e recebe um mapa com linhas azues, verdes e vermelhas e diversos alfinetes espetados. O plano para o caso em que "isto ou aquilo aconteça" está ali; sua confecção aparenta ser tão fácil e imediata como a maneira pela qual uma enfermeira passa ao cirurgião o instrumento de que necessita. O Chefe do Estado-Maior olha para o mapa e passa-o adiante sem uma palavra.

Um dedo aponta uma seta vermelha no mapa. "Este ponto já foi trabalhado? Inclusive Q?" "Sim, senhor". Após um momento, o estadista inclina a cabeça olha através da mesa para ver si alguém terá perguntas a fazer — e num momento todos se compenetraram de que a coisa começou. A inclinação de cabeça foi, na realidade, a pressão do botão; aqui acaba o planejamento, e começa a ação.

Como se alcança esta fase, quando aparentemente sem esforço, a resposta à pergunta "isto ou aquilo", aí está, sobre a mesa, em forma de mapas, listas, tabelas, etc.? Muito trabalho árduo que dura meses e até anos custa a elaboração de tais planos.

A política os modela, em primeiro lugar, e a todo momento. Isso não nos diz respeito neste artigo. A política — o Gabinete de Guerra — repousa sobre algo que é essencial a todo plano: o objeto a ser atingido. Ser claro o objetivo a atingir, não consentir que nenhuma consideração desvie desse rumo: eis a base de todo plano militar. No entanto, este princípio, da persistência do objetivo, não significa que o plano começa com uma idéia fixa do que irá acontecer, da qual nenhum



desvio seja possível. Os planos começam com a idéia do principal objetivo: o que se vai fazer depende de um grande numero de outras coisas.

Estas coisas estão grupadas juntamente no espírito dos oficiais de estado-maior, e nos papéis de suas gavetas sob o nome de "fatores". São todos fatos, estimativas e — declaremo-lo francamente — hipóteses, sobre o presente, o passado e o futuro, que podem afetar o planejamento de qualquer operação. As informações integram apenas parte dos fatores que devem ser tomados em consideração: estimativas e hipóteses devem fazer parte dos mesmos porque a névoa da guerra cobre não só o presente como o futuro. Quantas divisões tem Hitler na Holanda? Nosso Serviço Secreto no-lo informa e conserva a informação sempre em dia. Qual é o seu poder de combate? Sob isso é possível fazer uma estimativa bastante aproximada. Quantas divisões e de que qualidade terá de possuir von Rundstedt se efetuarmos um desembarque que ocupe Cherburgo em tres dias? A esse respeito temos de formular hipóteses. Ha materiais para essa hipótese: sabemos — talvez, pois isto é apenas um exemplo, uma hipótese minha — que durante nosso grande raid a Dieppe duas divisões alemãs na Holanda foram avisadas afim de estarem prontas a penetrar na Bélgica. Conhecemos as teorias militares de von Rundstedt, o que fez no passado, suas qualidades. Não existe porem uma quantidade suficiente de informação utilizavel sobre alguns dos fatores para que se possa fazer uma estimativa real. Temos de conceder larga margem ás alternativas e deixar margens em hipótese não é de todo certo.

O mapa — geografia — fornece muitos dos "fatores" sobre os quais se baseiam os planos militares. O leigo pode pensar que isto é um mero assunto de viagem, uma simples questão de dispormos dos melhores mapas. Nada disso. Os mapas mudam. O



crescimento das cidades modifica-os; os bombardeios modificam-nos. Completamente aparte das defesas do inimigo, a linha da costa muda um pouco aqui e acolá, enquanto o mar e o continente dão-se um ao outro batalha. As angras mudam de posição: praias e marés e trilhos também variam. O reconhecimento aéreo e a fotografia são necessários para manter os mapas em dia: fotografias de toda espécie ajudam a dar-lhes carne e sangue — ou tijolos e cimento. E a geografia que é estudada pelos homens que planejam uma segunda frente não é a pura geografia dos rios e bafas, das praias e cidades. Nos mapas que mostram a geografia, as defesas do inimigo devem ser superpostas — e as comunicações do inimigo.

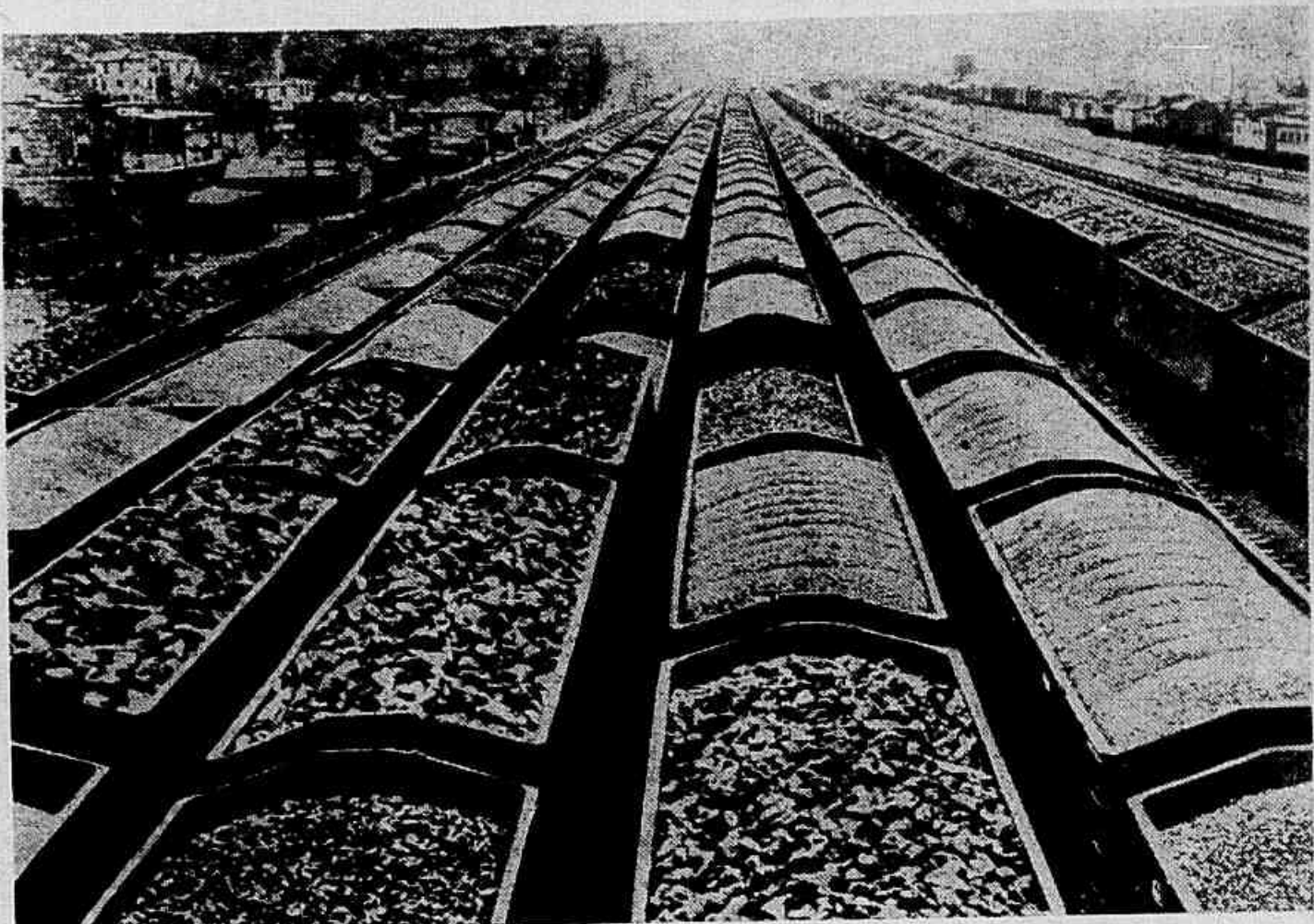
O inimigo estabelece suas defesas de acordo com a moderna arte da guerra — e também de acordo com os princípios que são tão velhos quanto a guerra. Um destes princípios ditou, por exemplo, a posição da Torre de Londres e de Windsor Castle. A Torre guarda Londres de qualquer desembarque nos bancos de lama do estuário e barra o caminho através do Tamisa para o oriente da cidade. Windsor barra o caminho através do ocidente e está colocado a distancia suficiente para tornar a passagem perigosa a um exército que cruze o trecho entre Londres e Windsor se ambas lhe são hostis ao flanco. Os princípios baseados nos quais os alemães colocam suas defesas são um desenvolvimento modernizado dos princípios que os romanos conheciam há dois mil anos e os normandos há mil. Mas estes princípios são sempre relativos a outros fatores tais como: de que maneira pode um exército locomover-se, de que modo poderá atravessar este rio ou desembarcar naquela praia? O plano, entre estes princípios e variantes tem de procurar e obter os pontos de melhor acesso. Deve tratar as defesas inimigas não como coisas estáticas sobre um mapa, mas como sistemas em desenvolvimento que podem ser inutilizados, pelo menos perdidos graças simplesmente a uma aceleração do golpe que os destruirá.

A época do ano, a temperatura, a alimentação que se poderá ou não encontrar na região, o estado dos caminhos, si os rios são navegáveis, as fases da lua, a extensão do dia — tudo isto entra nos fatores físicos que devem ser considerados. A tempera das populações locais, sua rapidez em revoltar-se, sua habilidade em tomar e ocupar os pontos vitais das estradas ou destruir as pontes — eis questões políticas sobre as quais devem fazer-se estimativas. Em seguida, do nosso próprio lado, ha questões de produção, transporte, segredo, treinamento. As tabelas de produção para tal ou qual canhão fornecem os numeros desejados para Novembro, digamos, mas o periodo de treinamento necessário terá de levar a operação a Maio. E' preciso ver si o treinamento pode ser apressado, si a produção pode ser intensificada ou o número das baterias empregadas ser reduzido.

O transporte e o segredo estão juntos um do outro no meu esquema — e estreitamente unidos na prática. Si todos os trens que se dirigem para X — um grande porto, são retirados, muitas pessoas podem descobrir porque. E, si a razão for que grande parte de nosso exército está sendo embarcada naquele porto, o inimigo pode receber aviso. Da mesma maneira, si o exército inglês começasse um intenso treinamento em sentido diferente, — apto talvez aos pantanos da Holanda, mas não á secura do solo francês, os alemães poderiam prevêr o que estaria para vir.

Transporte, segredo, treinamento, abastecimento — todos estes e outros fatores neutralizantes condicionam nosso esforço, em qualquer parte que seja. Cada um deles tem de ser estudado, analisado, trabalhado continuamente. E o trabalho sobre "fatores" não acaba mas é dilatado até que a fase seguinte do plano seja alcançada.

Esta fase é a consideração das maneiras. Que alternativas de fazer a tarefa nos são abertas? Em primeiro lugar, o número delas parece muito grande. Eis aqui um ex-



cito: ha quinhentas praias nas quais ele pode desembarcar. Daí por diante os "fatores" começam a ser relacionados a estas maneiras possíveis e uma porção delas desaparece. Não são possíveis. Ou são possíveis, mas custariam muito. Estas praias são defendidas muito poderosamente, estas também ficam distantes de um porto que podia ser facilmente tomado. Não ha lugares úteis para desembarques perto de um terceiro grupo de praias, e porisso riscamo-las. As maneiras começam a ficar reduzidas.

Estas alternativas são ainda mais estreitamente estudadas e relacionadas aos "fatores" envolvidos, particularmente a reação do inimigo. "Jogos de guerra" são jogados, nos quais os oficiais recebem o comando de divisões alemãs e "brincam" com estas contra uma força invasora que deve desembarcar nas praias M e S, e deveriam tomar os portos T, X e Y, com ocupação aérea da área U-V e a população local armada e revoltada no ponto Z. Estes "jogos de guerra" são estudados e criticados por oficiais cuja obrigação principal é estudar a técnica alemã da guerra e por oficiais cujo principal dever é analisar nossa técnica e ver si está melhor que a deles.

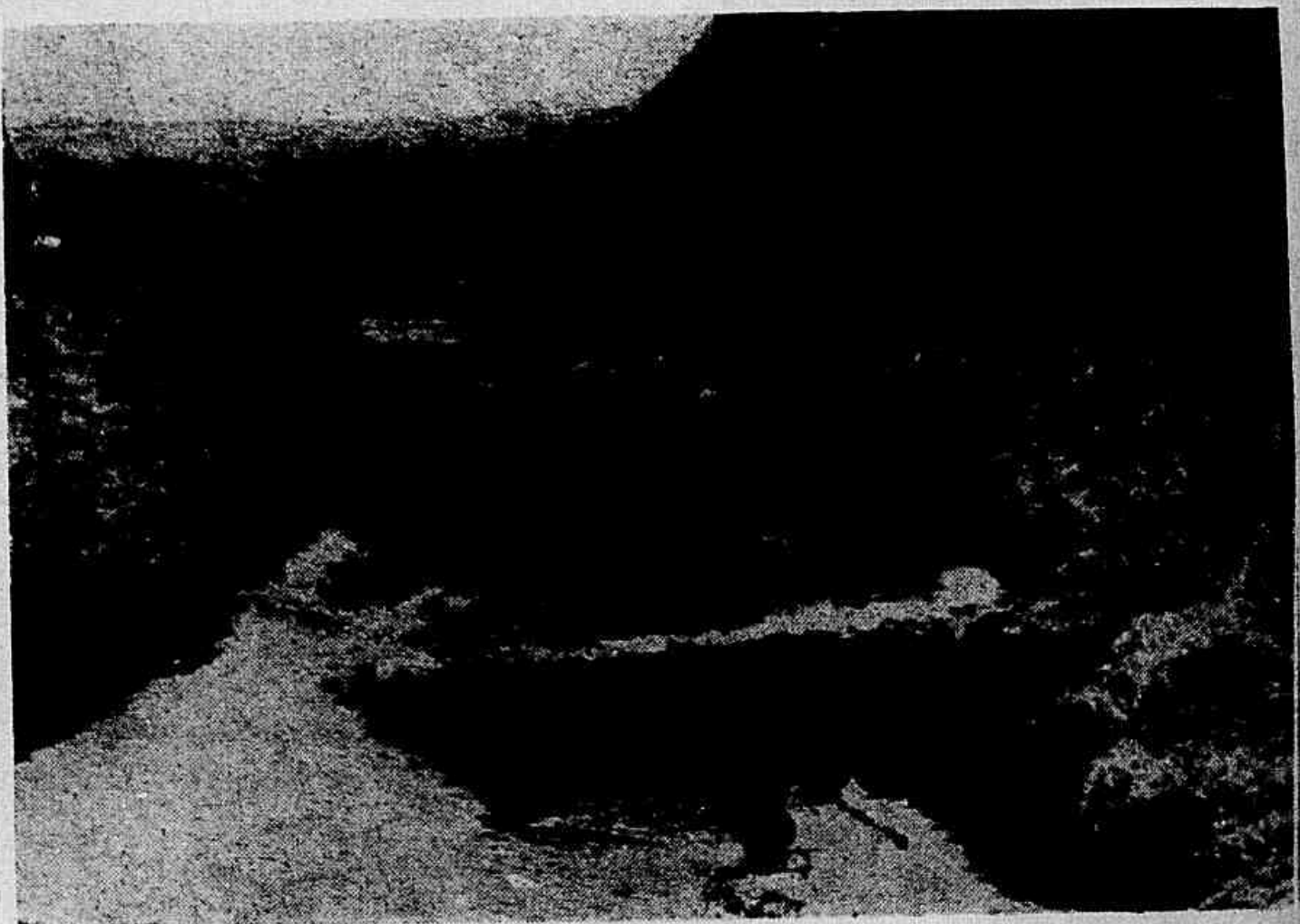
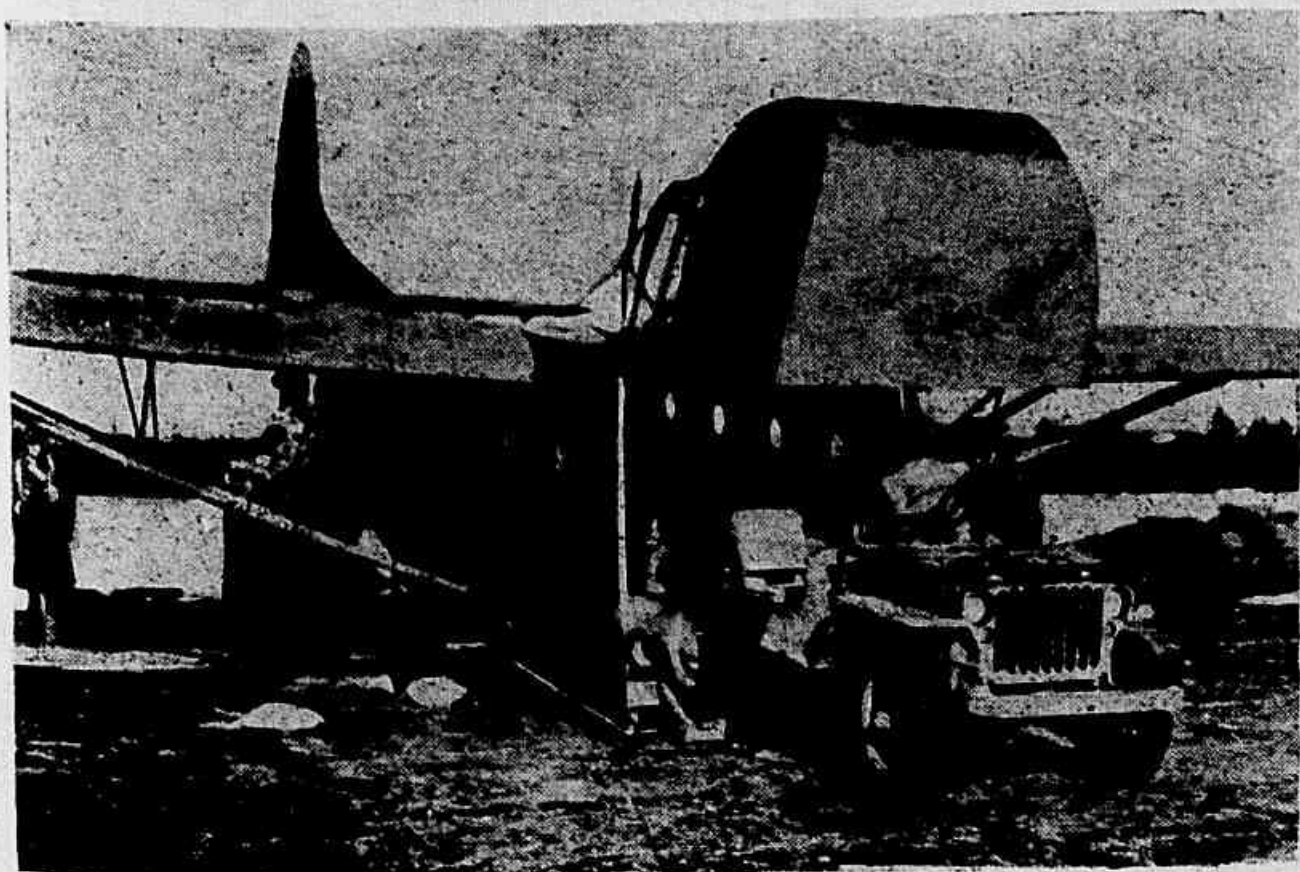
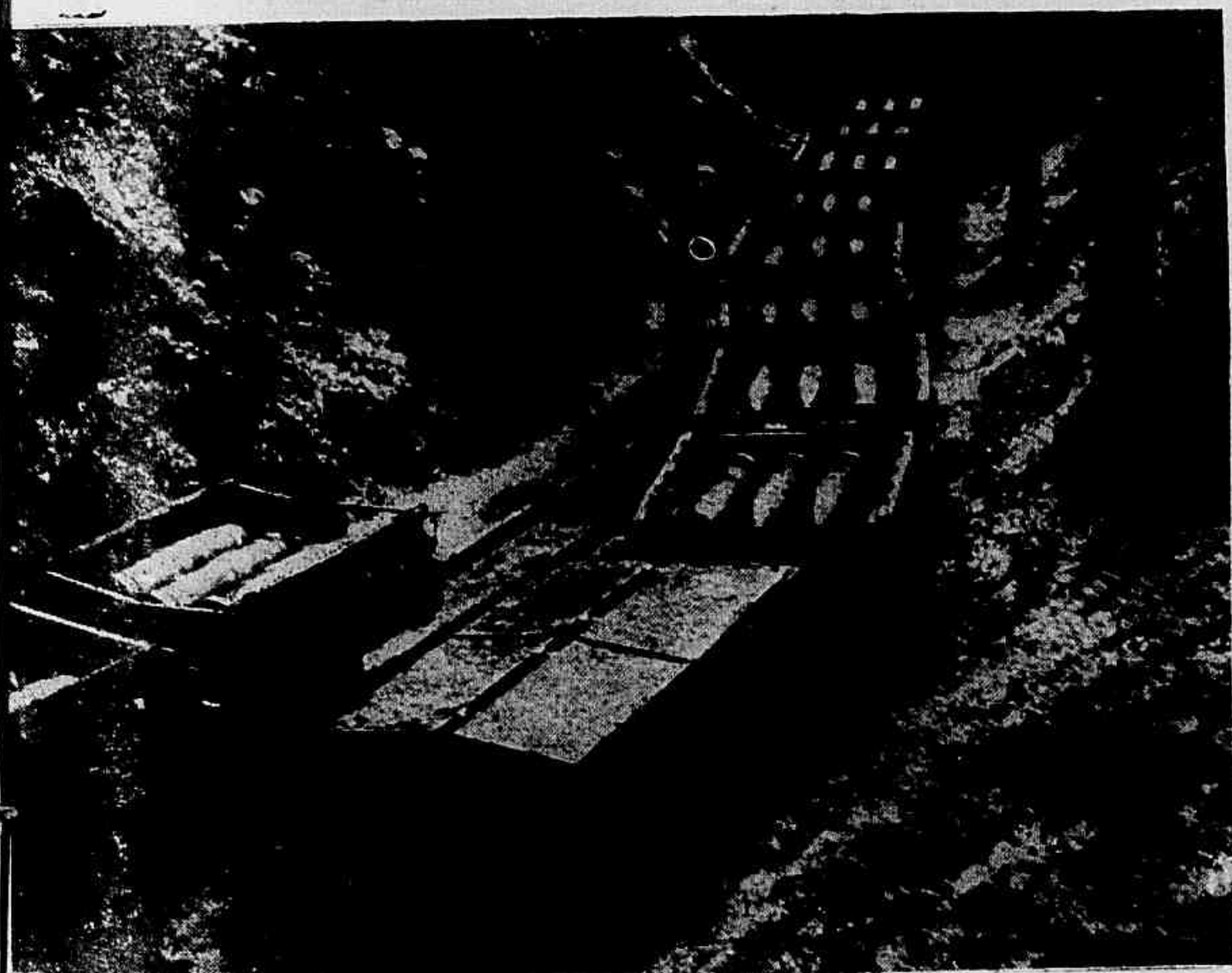
As "maneiras" propostas têm também de ser consideradas com relação á experiencia passada: Galipoli, os desembarques japoneses na Malaia e na Nova Guiné, Dieppe, etc. Algumas das "maneiras" diferem principalmente das outras na importancia que se dá a determinados princípios da guerra a expensas de outros. O principio, por exemplo, de concentrar o esforço principal, e o principio da surpresa.

A surpresa é realçada, pois pode haver desembarques muito longe — na Noruega, na Holanda e na França setentrional, talvez — e os alemães ficariam na incerteza por dias ou semanas sobre qual seria o esforço principal. Na França, ameaças sobre Lille, sobre Paris e sobre Cherburgo teriam a finalidade de ocultar ao inimigo qual seriam nossos grandes objetivos. No entanto, qualquer dispersão de forças poderia expô-las ao perigo de os alemães envolverem-na uma por uma: nossas forças desembarcadas num ponto não poderiam suportar as que desembarcassem em outro. Si, por outro lado, o principio da concentração é realçado, pode haver fintas mas haverá um tão poderoso esforço que logo ficará patente como o ataque principal.

As "maneiras" essenciais são agora pesadas uma em face da outra. Finalmente, a que permanece ante a critica torna-se o plano. Não ha, porem, um só plano com todas as alternativas postas á margem. E' um plano com "ramificações". Inclue "divagações", — diríamos "luxos", mas não estamos certos que serão definitivas. Inclue combinações alternativas a encarar conforme ou não ás reações inimigas. Inclue variante otimistas e pessimistas. Pode responder á pergunta do estadista: "Que faremos si isto ou aquilo acontece?"

Objetivo, fatores, maneiras, planos — sem dúvida qualquer pessoa que saia a comprar um chapéu novo fará tudo isso da mesma forma. O objetivo está definido: um chapéu assim como aquele... Os fatores incluem as finanças, a temperatura das ruas, a hora em que as lojas se fecham, a amigavel assistencia dos Armazens Centrais. As "maneiras" incluem a condução, experimentando primeiro o local, depois buscando o Centro. O transporte — até mesmo o segredo — entrou em cena. E, no caso de muitas pessoas, parece usualmente ser um plano com "ramificações". Inclue alternativas — ou, pelo menos, incluía outrora, nos dias de lazer em que sair a compras era um esporte.

Multiplique-se este processo milhões de vezes, e ter-se-á a maneira militar de planejar que permanece idêntica á da Sra. Fulana comprar um chapéu. E, contudo, muito diversa; todo o nosso futuro dela depende. Si a Sra. Fulana compra um chapéu igual ao que tinha dantes ninguém se importa muito com isto. Por outro lado; si aqueles que estão planejando uma Segunda Frente cometem erros; nenhum de nós escapará ás consequências.



O Brasil vingará os seus mortos



Ha um ano atraz, as aguas territoriais da nossa Pátria estremecida, se abriam num abismo criado pela perfidia e pela insidia sanguinária dos países totalitarios. Na calma dos nossos mares, onde apenas corriam largos e amplos os caminhos pacificos asseguradores do intercambio entre os diversos Estados, o Eixo, armou, como um criminoso de tocaia, a cilada torva e soez que enlutou tantos lares e levou o desespero à muitas familias brasileiras.

Mas um povo que tem na sua historia paginas de soberbo heroismo, lições impereciveis do seu alto espirito de independencia e desafronta, não podia demorar com a resposta. E, seguro e forte, o revide veio pela voz do povo, num brado unissono e incisivo: GUERRA! Não descansemos, enquanto ao luto que entristece os nossos lares, não juntarmos a certeza de que a Nação guarda a memoria dos seus mortos e garante para os que ficaram a honra suprema de vingá-los.

O preclaro presidente Vargas, com a segurança de atitudes que tão bem o caracteriza, houve por bem, na defesa da soberania brasileira e consultando o brio indomavel do povo que descende de Caxias, Osório, Tamandaré, Barroso, Floriano, numes tutelares da grandesa pátria, decretar o estado de guerra com os países agressores, formando ao lado das nações que se empenham na luta pelo restabelecimento da Liberdade e pelo resurgimento do Direito.





Tres escoteiros de um grupo de St. Marylebone, de Londres, com as máscaras contra gases.

Parte do trabalho desses valentes jovens é atuar como "localizadores de bombas". O primeiro jovem, em cima, viu cair uma bomba incendiária e o seu camarada transmite o aviso por sinais.

Em baixo:

O pequeno John Cox, de Stepney, distrito de Londres, severamente atingido pelas bombas. Uma bomba incendiária caiu sobre o telhado de uma igreja onde John se encontrava de serviço. Os pesados sinos do templo desprendem-se e vararam o telhado, mas John dirigiu calmamente a evacuação das pessoas para um abrigo próximo. Foi recompensado com a Medalha de Prata Escoteira.

Em baixo:

Escoteiros evacuados para uma cidade litorânea do oeste da Inglaterra, onde aprendem a desempenhar uma parte no esforço belico.

Eles estão preparados



TUDO começou em 1899. Robert Baden-Powell, um general britânico, defendia a cidade sitiada de Mafeking com uma pequena força que diminuía sensivelmente graças à escassez de alimentos, à malária e à febre tifoide. Quando se viu reduzido a um número de soldados tão diminuto que não podia dispensar sequer um deles para a entrega de uma mensagem pediu voluntários entre os jovens da cidade. A pequena tropa de rapazinhos que se apresentou, todos eles esfarrapados e famintos, não oferecia um aspecto brilhante, mas o general confiou neles, que provaram ser merecedores dessa confiança, chamando-os de seus *Mensageiros*. Nascera o movimento escoteiro. Poucos anos mais tarde esse movimento tinha um humilde início na Grã-Bretanha, de onde foi se propagando firmemente pelo mundo, englobando tanto rapazes, como moças, no movimento irmão das pioneiras. E nos 50 anos que decorreram desde então todos os seus membros se mostraram fieis à palavra de ordem *Estar preparado*.

O jogo de escoteiro e pioneiro, resultante das velhas histórias de aventuras e cavalaria, bem como das lendas indias, é muito do agrado dos jovens de ambos os sexos, onde quer que seja brincado. É um divertimento com que podem treinar corpos e espírito, aprendendo a ser cidadãos uteis e felizes. E na Grã-Bretanha de hoje escoteiros e pioneiras preparam-se para o serviço futuro do país — aprendendo tudo o que podem sobre cousas tais como aviação e enfermagem, ao passo que prestam ao mesmo tempo todos os serviços possíveis ao esforço belico.

Há escoteiros nas cidades da Grã-Bretanha em guerra que provaram ser tão valentes como os que pertenciam àquele primeiro e pequeno grupo de 50 anos atrás. Levam mensagens, usualmente em bicicletas, para os Serviços da Defesa Civil. E durante a blitz de 1940-1941 mostraram que podiam executar a sua missão, não obstante o grande perigo. Mas de cem medalhas foram concedidas a escoteiros que arriscaram a vida para levar a cabo o trabalho, durante os raids. Embora a idade mínima seja de 16 anos para o serviço de mensageiro, uma das muitas histórias de atos de bravura fala justamente de um rapazinho de 14 anos que obtivera permissão para ingressar no serviço. Certa noite foi encarregado de entregar uma mensagem numa zona em que caía uma chuva de bombas. Conseguiu entregá-la, passando entre os estilhaços que silvavam ao seu lado. Mas não voltou diretamente, pois em caminho viu um incendio e conseguiu extingui-lo, trabalhando sozinho com uma bomba. Salvou uma criança de um outro edificio em chamas. Foi, em seguida, recolhido na rua gravemente ferido e transportado para um hospital, onde faleceu. As suas últimas palavras foram: *Informa o mensageiro Belfall. Entreguei a minha mensagem.*



Grupo de escoteiros aprendendo o alfabeto Morse.

Os escoteiros estão executando 180 tarefas diferentes, inclusive trabalhos agrícolas, colheita de plantas medicinais para os laboratórios, primeiros socorros durante os raids aéreos. As pioneiras trabalham nos hospitais — lavando, fazendo leitos e outros serviços. Encarregam-se também das hortas de homens que foram convocados para o serviço militar.

Uma cidade sitiada. Um bando de garotos maltrapilhos. A visão de um homem magro, nervoso, bronzeado. Desse conjunto surgiu uma cadeia de rapazes e moças entusiastas, ansiosos por servirem, ansiosos por aprenderem a servir ainda mais. E, deles, surgiu por sua vez uma organização da Juventude Internacional que está desempenhando uma parte da guerra e que auxiliará a pensar os ferimentos do mundo, quando voltarem os tempos de paz.

Mesmo em serviço, é preciso almoçar. Enquanto toma conta da cabina telefônica, vai saboreando a refeição.

Escoteiros aprendendo a enviar sinais semaforicos.

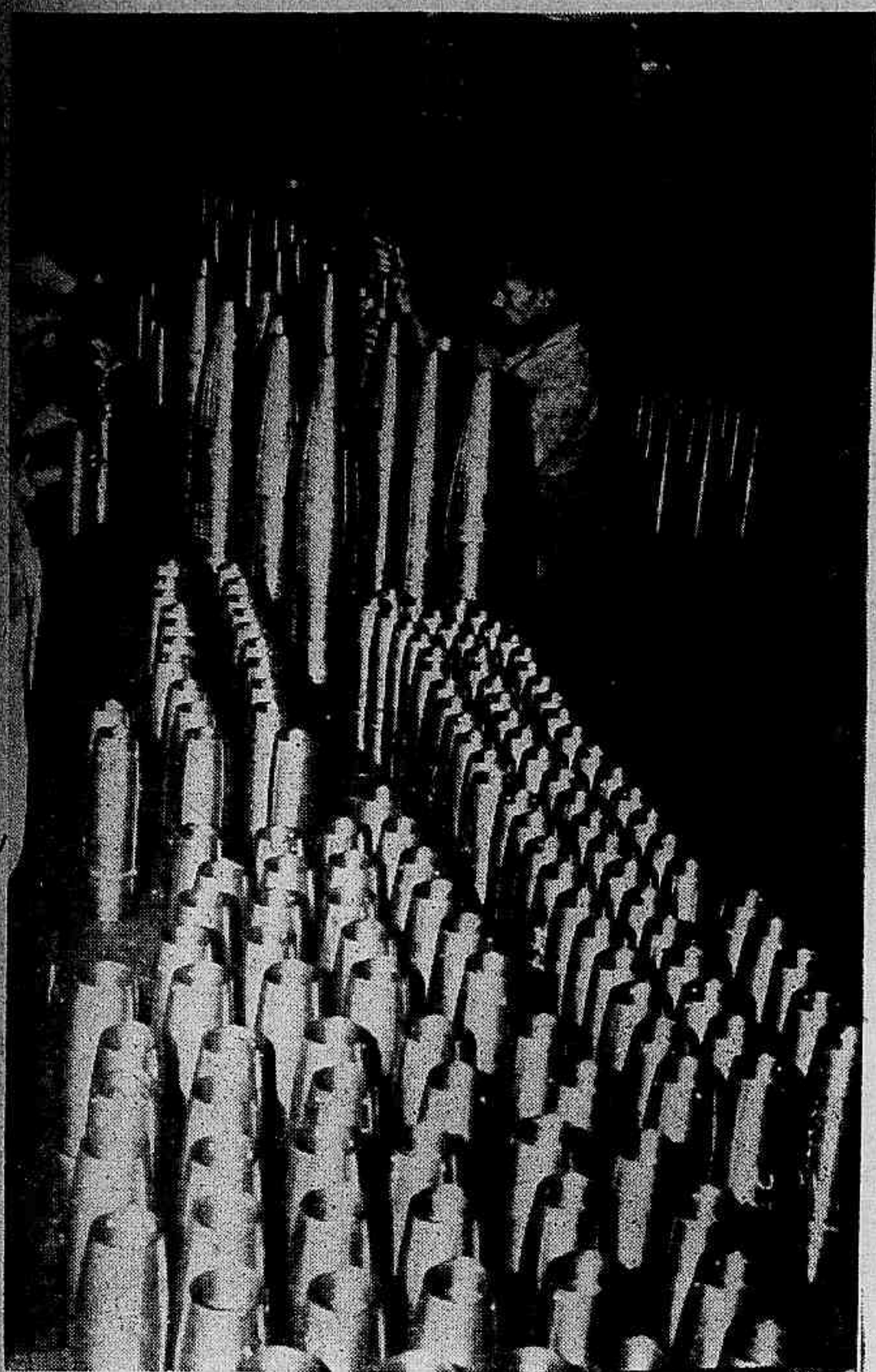
Cortando madeira, auxilia o esforço belico nacional.

Aprendendo a identificar, no espaço de 20 segundos, a silhueta de qualquer avião.

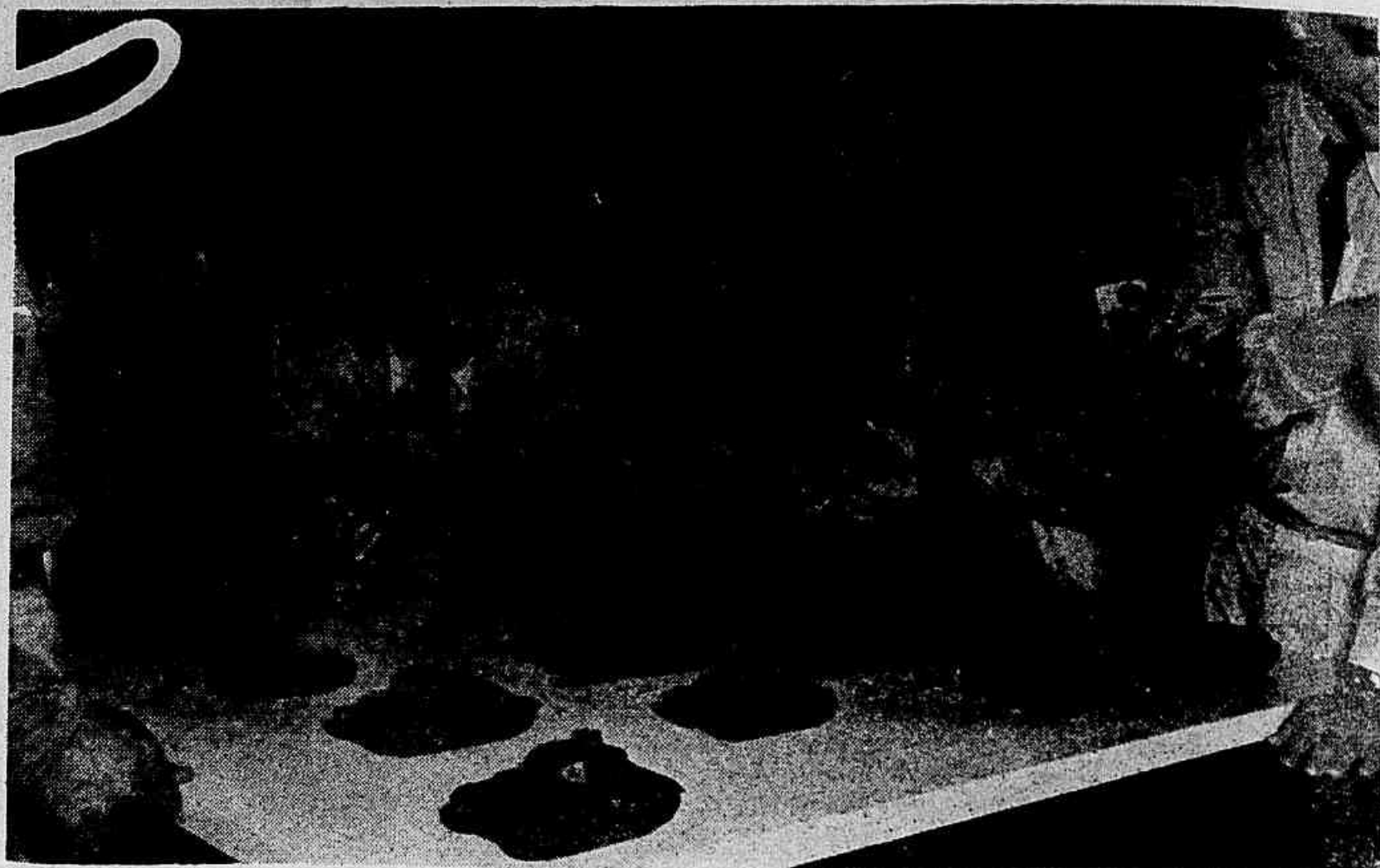
Copyright B. N. S.
especial para a REVISTA
DA SEMANA.

Transportadores de padiolas, com os seus capacetes de aço.

PARA A DEFESA DA Liberdade



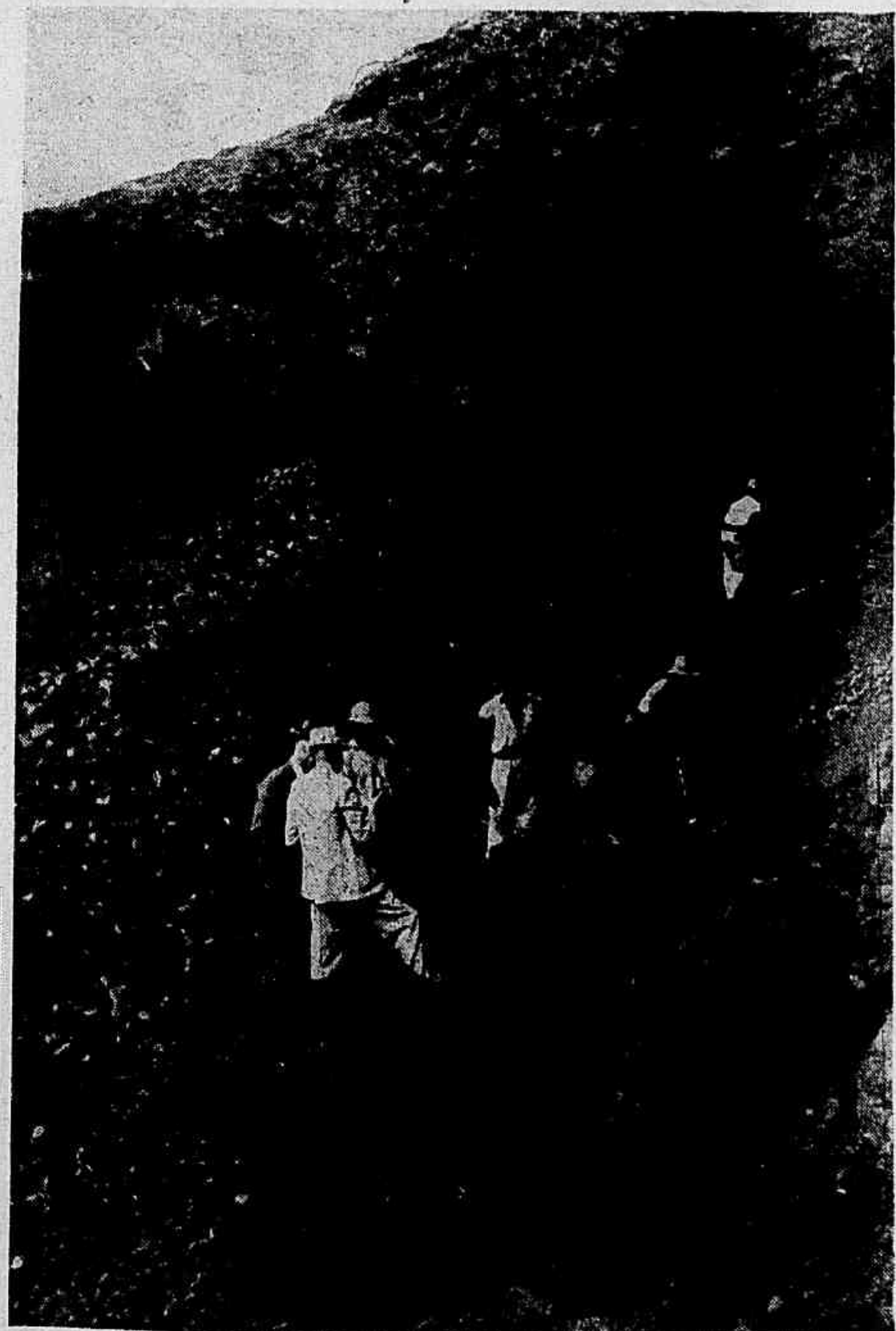
O Brasil, numa esplendida afirmação da vontade ferrea que o anima, produz suas próprias armas, preparando-se para desempenhar papel decisivo na conflagração inspirada pelo regime que nega a liberdade.



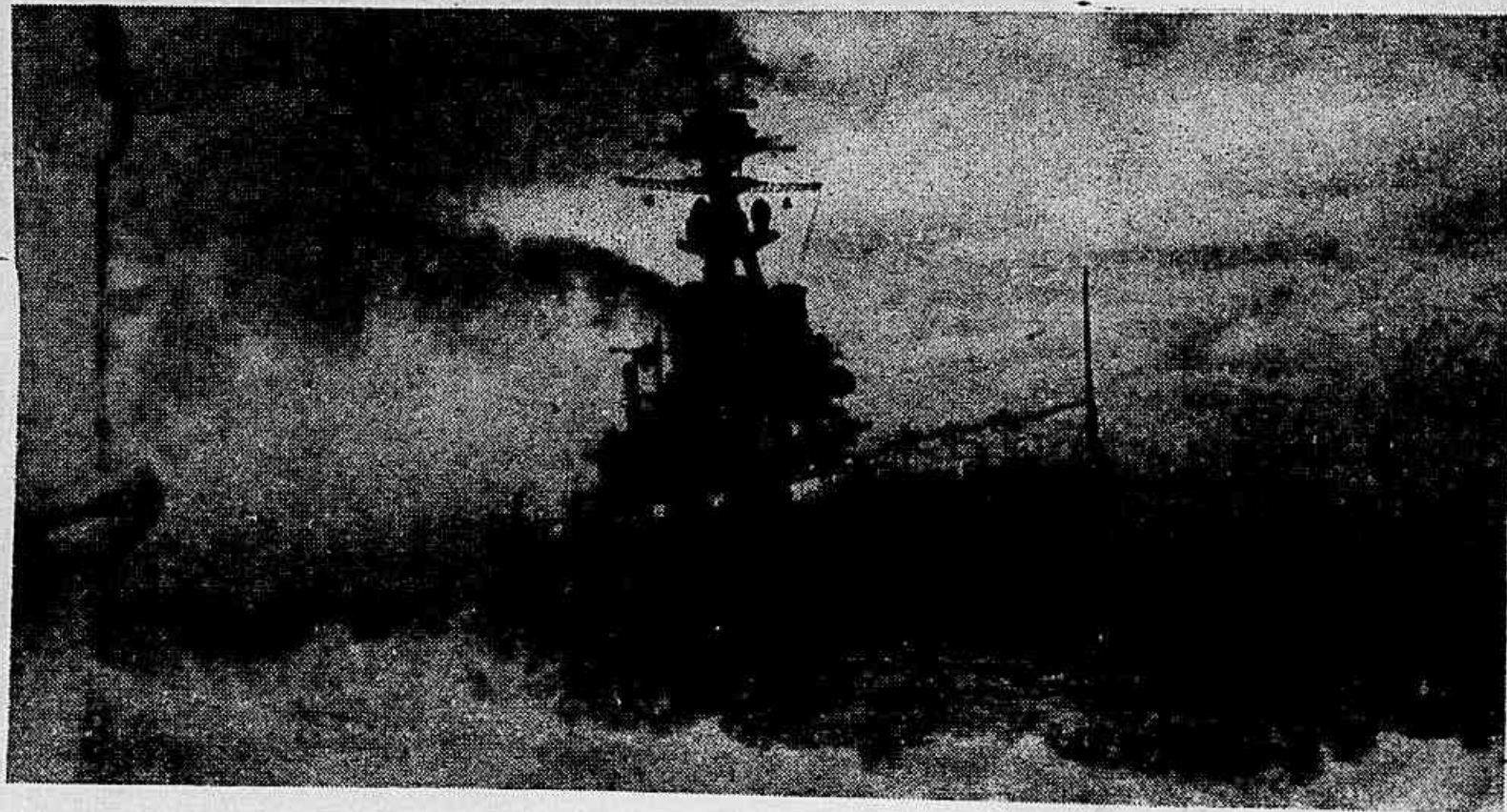
Os cadetes do ar seguem atentamente, certos da grande parte que lhes cabe na luta as lições do seu instrutor.



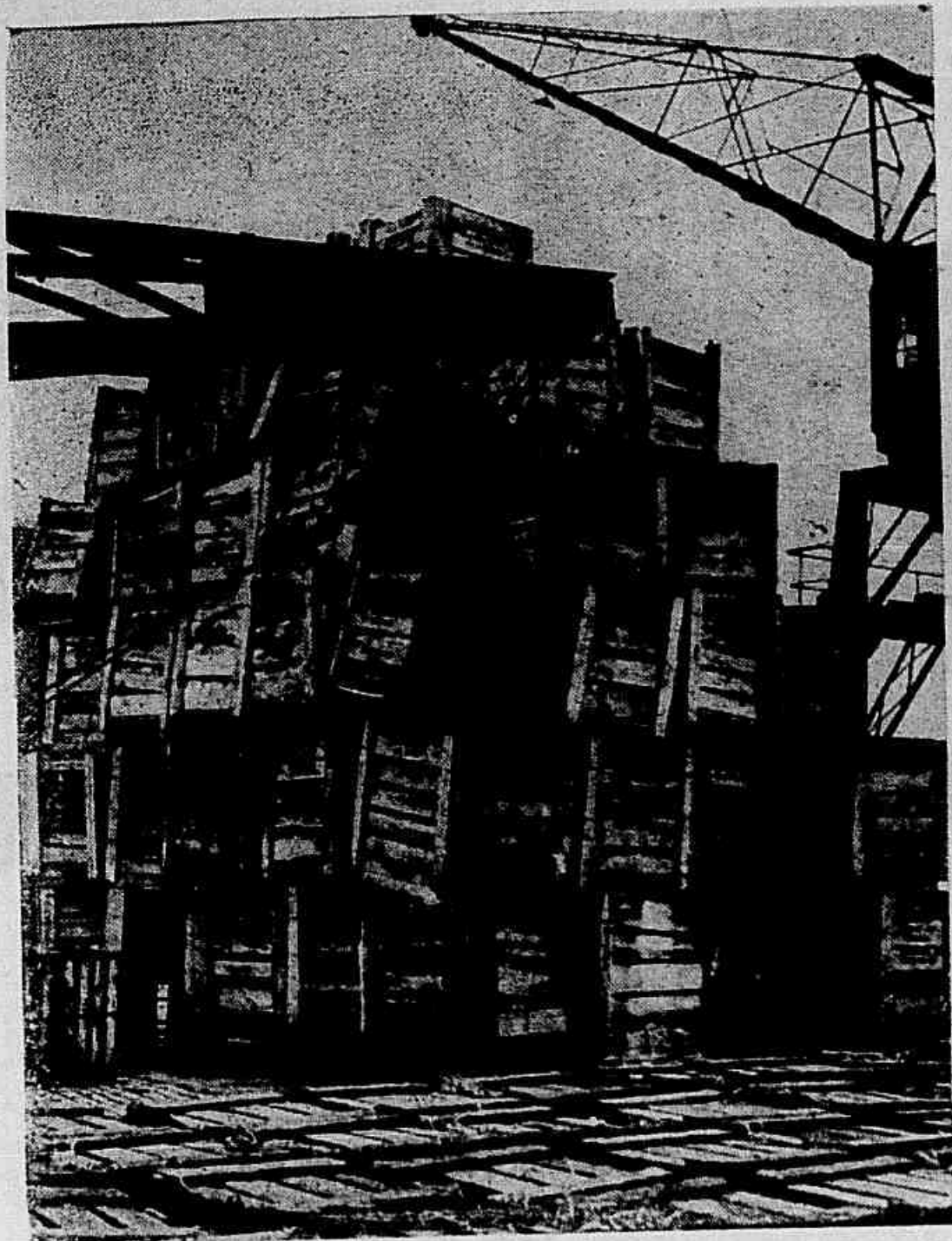
Moças do Brasil na difícil missão de minorar o sofrimento das feridas.



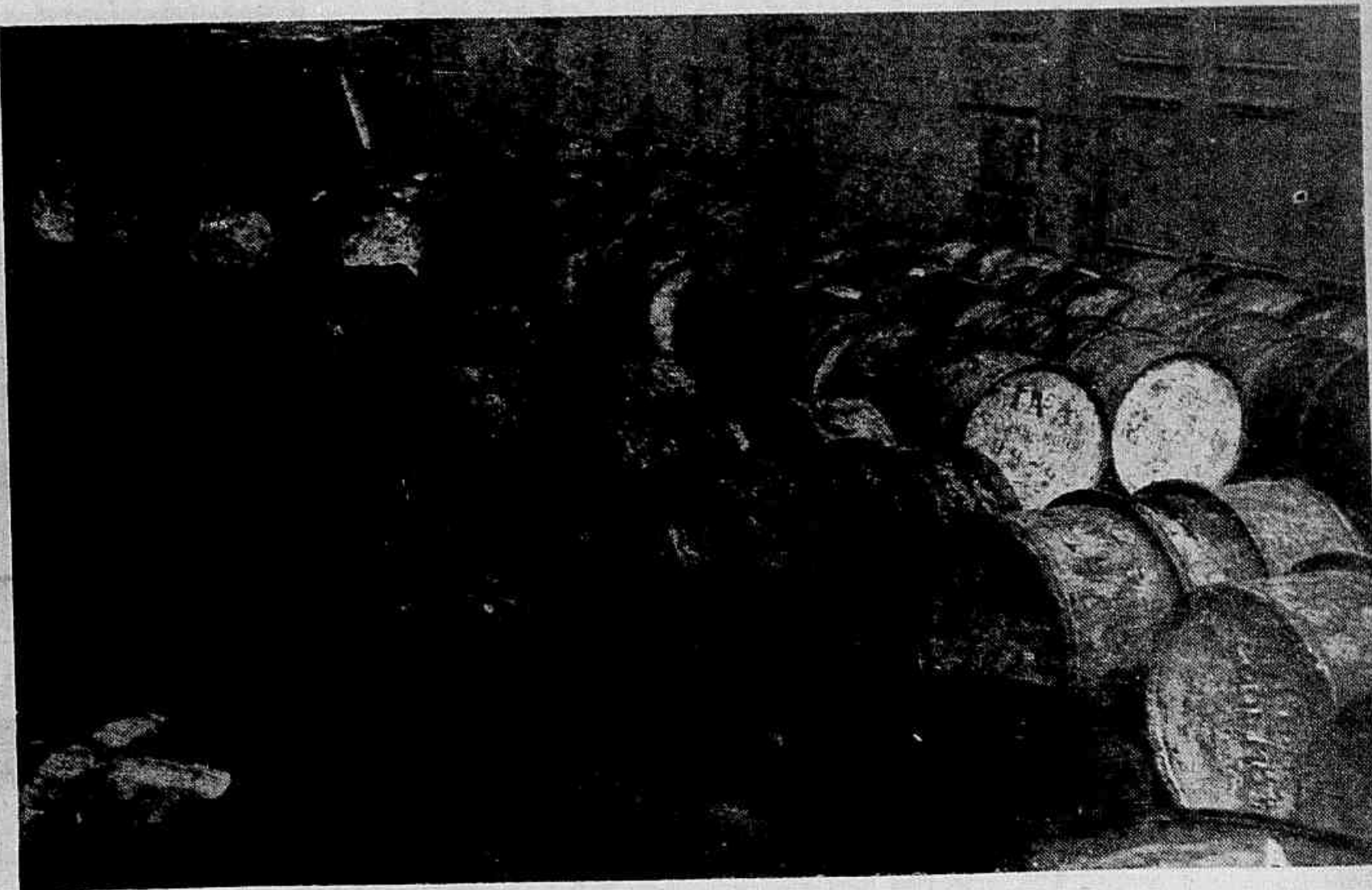
Ferro do Brasil para o esforço de guerra das nações que se empenham unidas e tortes, na luta pelo Direito e pela Justiça.



Navios da esquadra, fazem-se ao mar, em manobras de intenso realismo, preparando-se para dar combate ao inimigo que fere de emboscada.



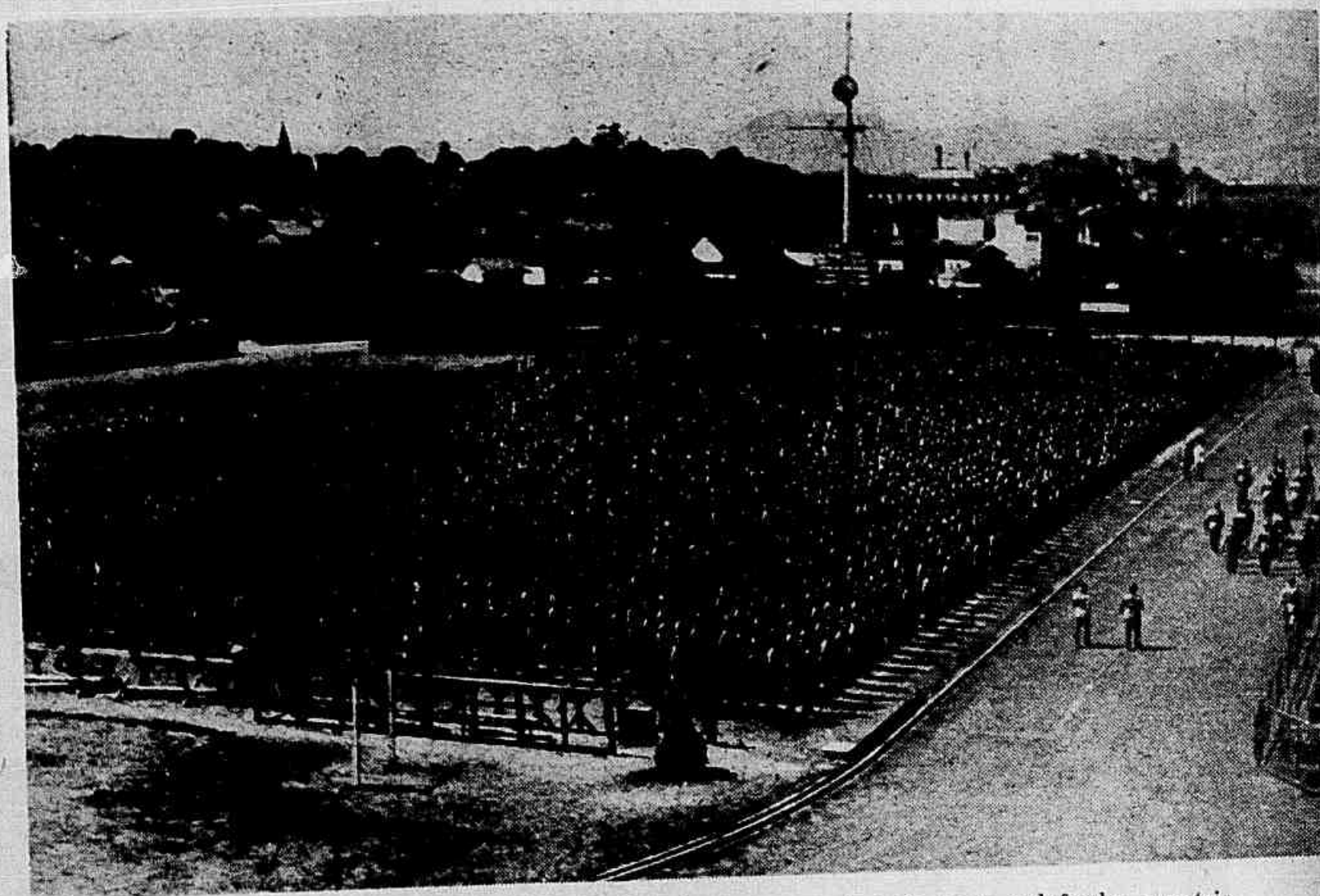
Para a instalação da nossa siderurgia, visando o aproveitamento de enormes reservas de minério, chega constantemente da América do Norte o aparelhamento indispensável, imediatamente encaminhado para Volta Redonda.



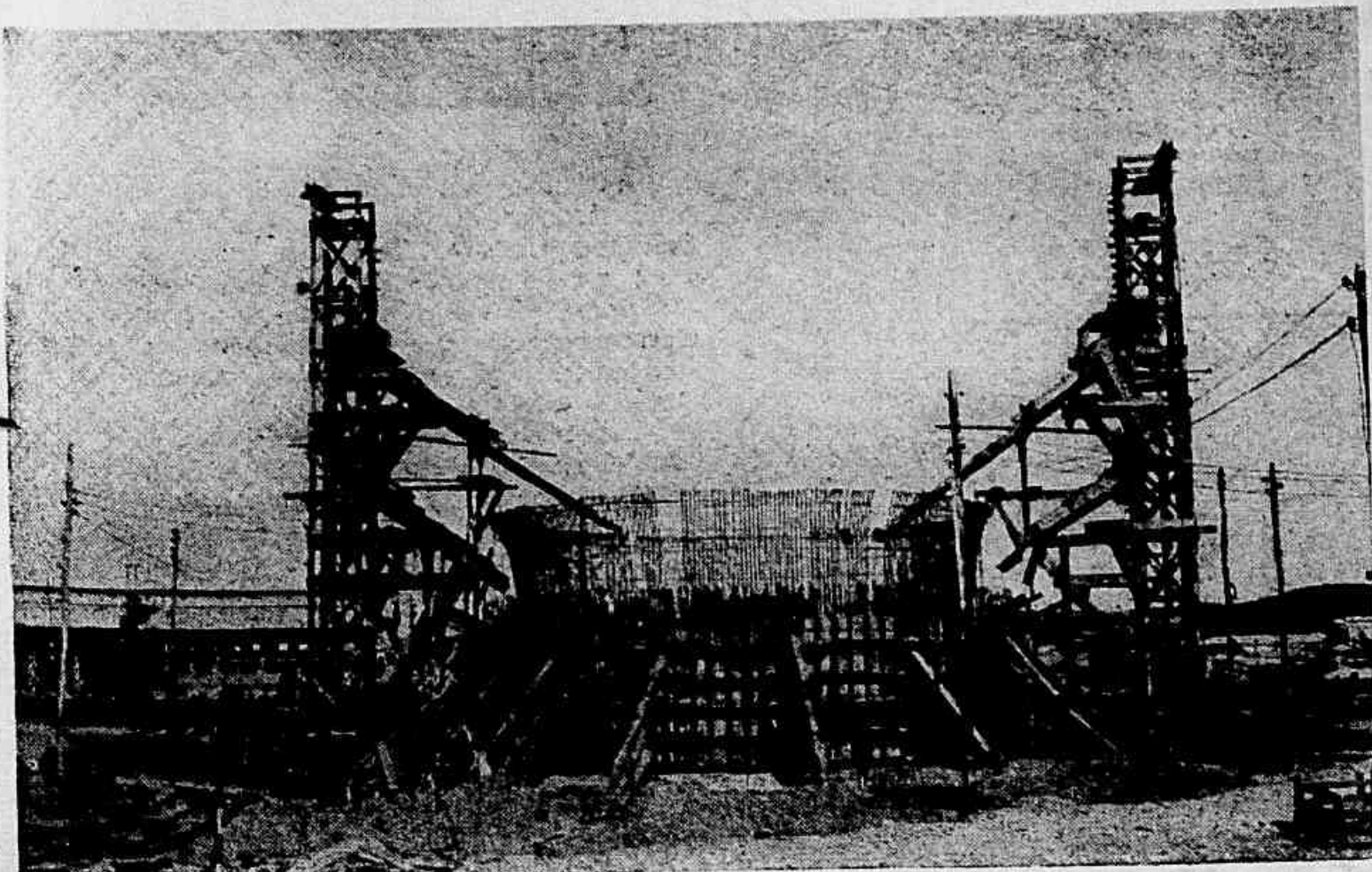
Petroleo de Lobato, arrancado ao solo de inumeraveis riquezas, para o nosso esforço de guerra.



Paraquedista brasileiro executa um salto espetacular, num exercicio de grande atualidade, atendendo a moderna tática de guerra.



Reservistas do Brasil prestando solene compromisso de amar e defender a patria, prontos para garantir a intangibilidade da honra nacional.



Pelo ar segue para os Estados Unidos o precioso cristal de rocha das minas brasileiras.

Como nasce e se desenvolve dentro de um programa esclarecido superiormente delineado, a industria do ferro.



ASPECTO DA BENÇÃO DA BANDEIRA oferecida à expedição Roncador-Xingú, que percorrerá as vastas regiões do Brasil Central, ainda virgens do passo do homem civilizado, revivendo em pleno século XX a epopéia dos bandeirantes.



INAUGURAÇÃO DO SALÃO onde foram expostos os quadros de pintores franceses, no Explanada Hotel.

De SÃO PAULO



A CONVITE DO GOVERNO DO ESTADO, as senhoras bolivianas, que vieram ao nosso país afim de fazer entrega da imagem de Nossa Senhora de Copacabana, permaneceram tres dias, sendo o clichê um aspecto da recepção na Liga das Senhoras Catolicas.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PELE



GRUPO FEITO POR OCASIAO DO "COCK-TAIL" oferecido á imprensa, pela "A Colmeia", entidade que se destina a prestar assistencia moral e material aos alunos dos cursos secundários.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e esperezas e a tendencia para a pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

Visitando Greer Garson

Atendendo o telefone ela reclinou-se sobre seu leito. O livro que aí vemos não é um truque de fotógrafo. Miss Garson costuma realmente lê-los.

Um sorriso entre dois galãs: Walter Pidgeon "Rosa da Esperança" e Ronald Colman ("Na Noite do Passado"). Ao receber o "Oscar" ela disse: "Sinto-me como Alice no País das Maravilhas."

E-la no momento de ir buscar o prêmio da Academia pelo seu desempenho em "Rosa de Esperança".

GREER GARSON gosta de música, mas não tem nenhum snobismo a respeito. Sentada a um canto de sua biblioteca ela percorre os albums de discos, á procura de um fox ou uma rumba em moda. Miss Garson possui dois pianos. Ela toca piano muito bem.

Durante parte da manhã ela percorre a sua correspondência, reclinada numa rede, á beira da piscina e á sombra das árvores de seu jardim.

Ha poucos anos Greer Garson recebeu o *Oscar* da Academia Award em 1942 por seu trabalho em *Miss Miniver*. Ha poucas semanas Miss Garson foi transferida para o vestiário que Norma Shearer ocupava na Metro Goldwyn Mayer. Atualmente ela desempenha o papel principal em *Madame Curie* que qualquer atriz daria a vida para obter. Por tudo isso Greer Garson é hoje considerada em Hollywood a primeira dama do cinema.

Miss Garson vive numa casa despretenciosa em Bel Air, Hollywood. Afé tem ela doze quartos, quatro acres e uma piscina. Greer Garson é uma mulher de cabelos vermelhos flamejantes, olhos verdes, lindas pernas e largo espirito. De regresso à Inglaterra, conseguiu um diploma escolar, quando tinha 16 anos e estava em vias de ser uma funcionária em Londres, quando, em vez disso, tornou-se atriz. Um sucesso no palco londrino trouxe-a a Hollywood e foi ignorada. Apenas por acaso, obteve um papel ao lado de Robert Donnat em *Adeus, Mr. Chips*. Daí ela subiu.

Greer Garson, quando em vez, espanta Hollywood que não se espanta facilmente. Como todas as figuras do cinema ela gosta de exhibir-se, mas com elegancia. Tem espirito, gosta de lêr e é ambiciosa. Enlouquece os diretores, criticando os papeis que lhe dão, mas apreciam-na por que, ao fim, seu trabalho é perfeito.

Miss Garson vive socegradamente com sua mãe. Solteira, ela decidiu obter umas férias para desposar o ator Richard Ney. Depois resolveram aguardar o fim da guerra, e até que ele regressasse da Marinha...

Ditando sua correspondência á secretária, Greer Garson permanece dramaticamente de pé por trás da mesa de chá. Inglesa até a raiz dos cabelos ela gosta de tomar chá todas as tardes.

MISS GARSON trabalhando em seu jardim. Vêmo-la limpando sua piscina com uma rede especial. Dizem que tem paixão por flores.



E' duro mas dá resultado, hein ?



Este bole pesa nada menos que 400 libras. Mas as garotas compreendem a situação e dão trabalho á musculatura.



Está na hora de mudar de turno e Pal Smith apressa-se a chamar a nova turma...

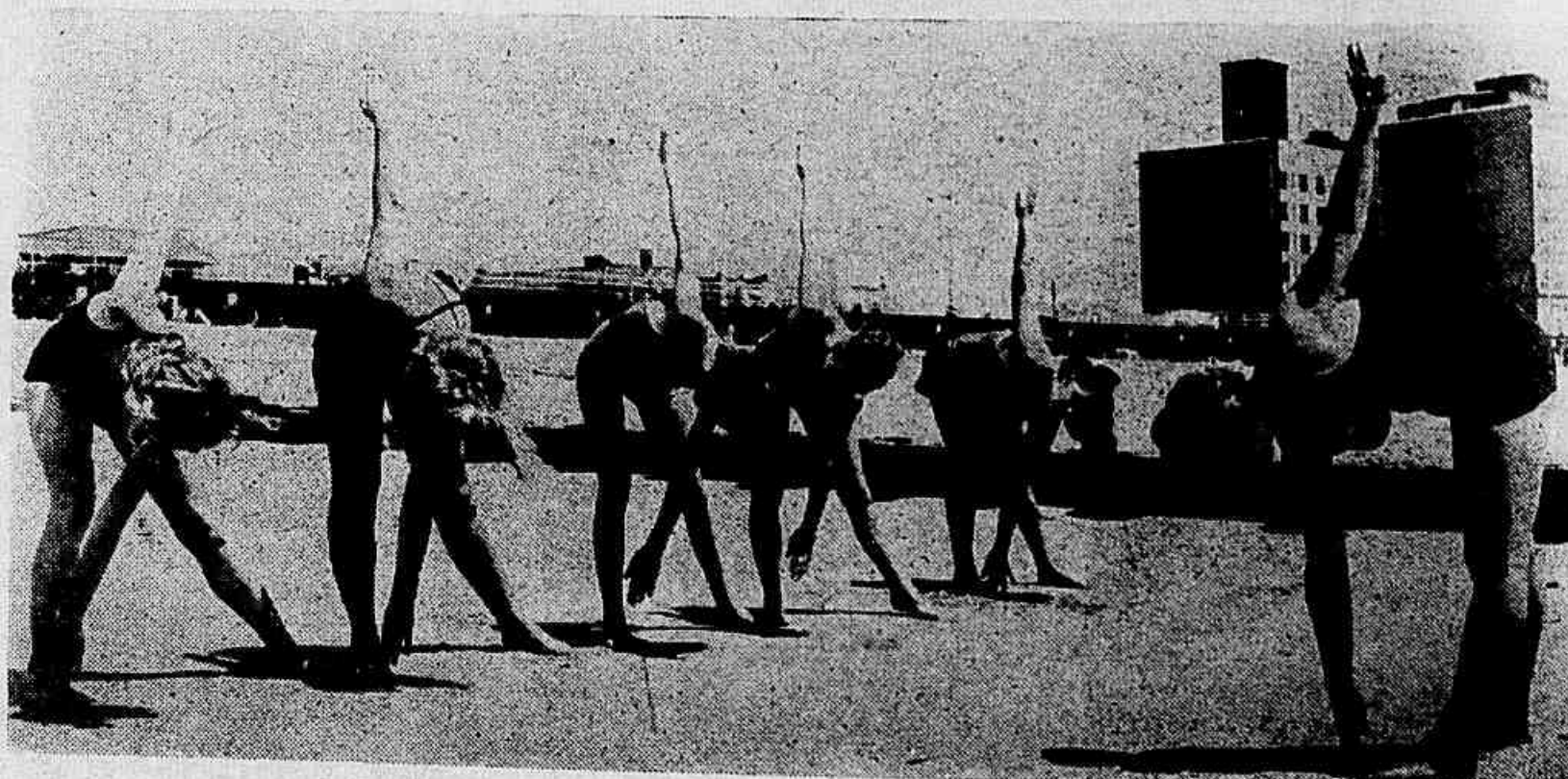
S.O.S. SEREIAS!

UMA REPORTAGEM FOTOGRAFICA DE
SAN SHERE
ESPECIAL PARA A
"REVISTA DA SEMANA"

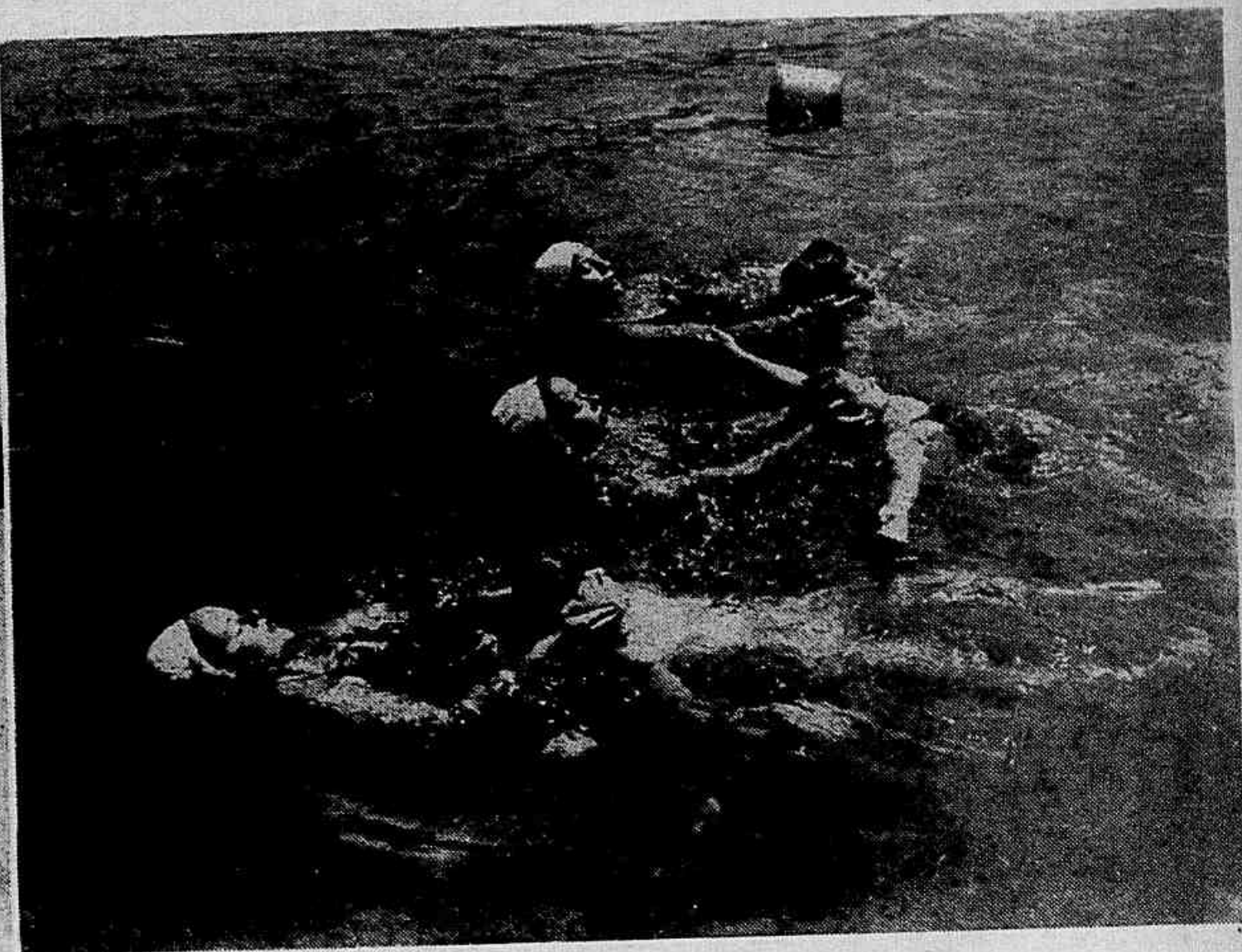
S.O.S. Sereias!" E' esse o novo apelo dos quase-afogados de Long-Beach, New York, porque a guerra, convocando os rapazes para o serviço ativo no front deu origem a que as inirépidas e encantadoras jovens novayorkinas se dedicassem a esse nobre mister.



A salva-vidas, Jo Valente atende a um garoto que teve o joelho ferido num choque com uma onda forte.



Ginástica todas as manhãs é obrigatorio. Porisso com o capitão Jo Valente não ha mais nem meio mas...



Como se carregassem navios, as sereias trazem os pequeninos que beberam a gua... demais.

Quando as vítimas sabem cooperar a tarefa é muito mais fácil, não ?



1

2

O chefe dos salva-vidas Paul Boesch demonstra o método do inalador. Mas as pequenas conhecem também os outros métodos de respiração artificial.



1 — Anita Kaufman (à esquerda) observa o horizonte a ver se encontra algum candidato à respiração artificial. Caso encontre algum o Capitain Jo apitará imediatamente: é um sinal de S.O.S. Sereias!

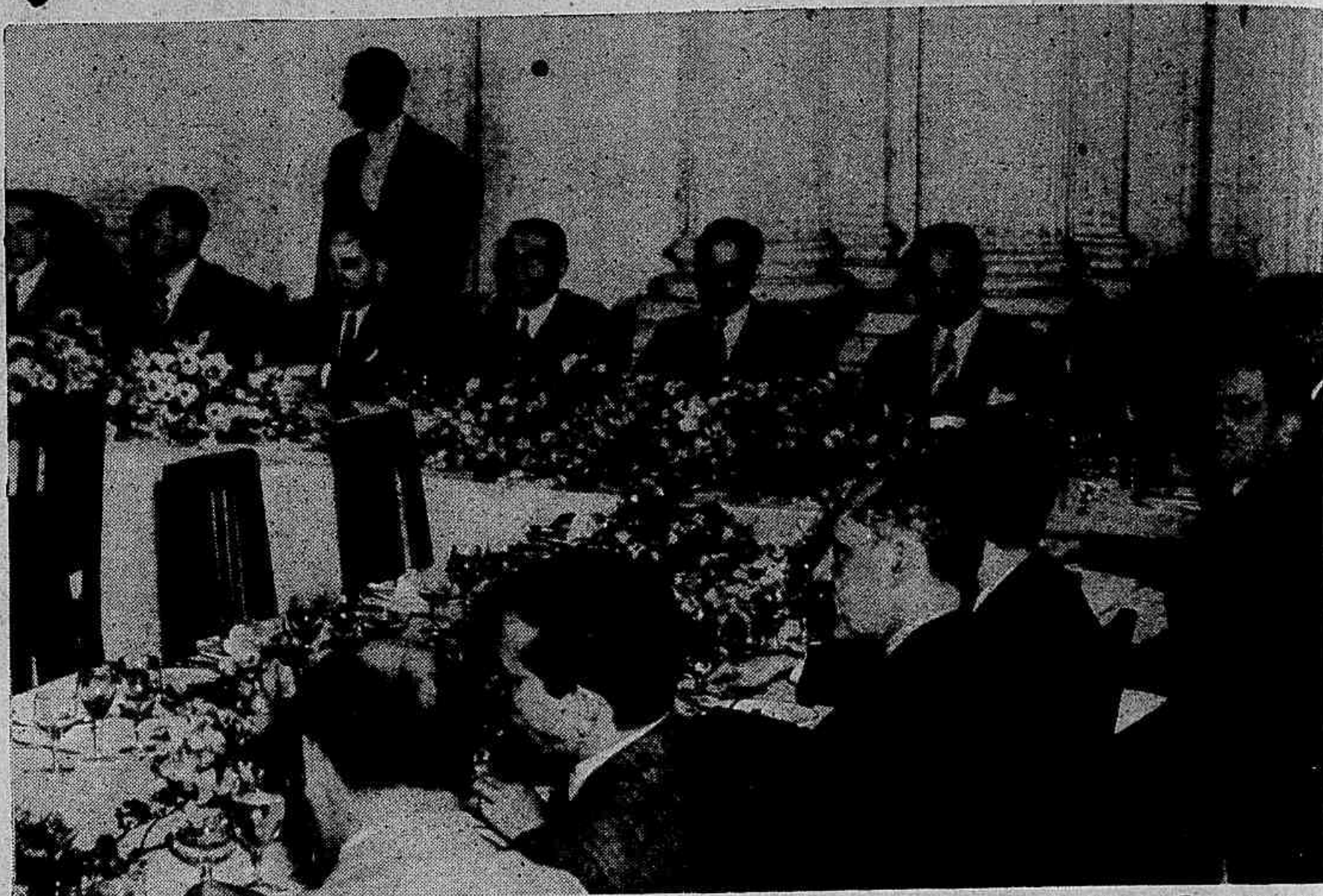
2 — Ai está a Capitain Jo no vestiário. Está muito frio ai?

E' muito bom, hein Chefe Boesch, ter um corpo discente dessa qualidade, não é ?

Aqui as pequenas estão usando o inalador e o método de respiração artificial da Cruz Vermelha sob a supervisão do Chefe Boesch.



O Jockey Club mundano



Os Srs. Dr. João Borges Filho, Dr. Manoel Mendes de Campos e Carlos Mendes de Campos, novos beneméritos do Jockey Club Brasileiro, foram alvo de expressiva homenagem por parte dos associados daquela organização turfística. Esta manifestação de simpatia e apreço constou de um almoço, realizado domingo último no Hipódromo da Gavea, e presidido pelo Ministro Salgado Filho. A' sobremesa falou, oferecendo a homenagem o Dr. Pinheiro Guimarães, tendo os Drs. João Borges e Manoel Mendes Campos agradecido em brilhantes palavras. São desse almoço de homenagem os quatro flagrantes que aqui estampamos.



"Made
in
Hollywood"

DUAS das mais elegantes novíssimas da Universal, Grace Mac Donald e Marie Maclana apresentam esses chapéus em antilope e veludo com matelassé para que você aproveite essas sugestões de bom gosto.

Virginia



Eis como a encantadora e travessa estrelinha Virginia Weidler (*Metro*) aparece no ténicolor "Com elas. ninguém pode" onde se apresentará numa sucessão de modelos encantadores desenhados por IRENE. Este, por exemplo, compõe-se de calças de tom marinho tendo um lindo bordado nos bolsos e nos suspensórios transpassados na frente. Blusa de seda branca e mangas $\frac{3}{4}$.



Gracioso modelo em listras branco-vermelhas, composto de blusa e saia, esta superposta a um *short* elegantíssimo.

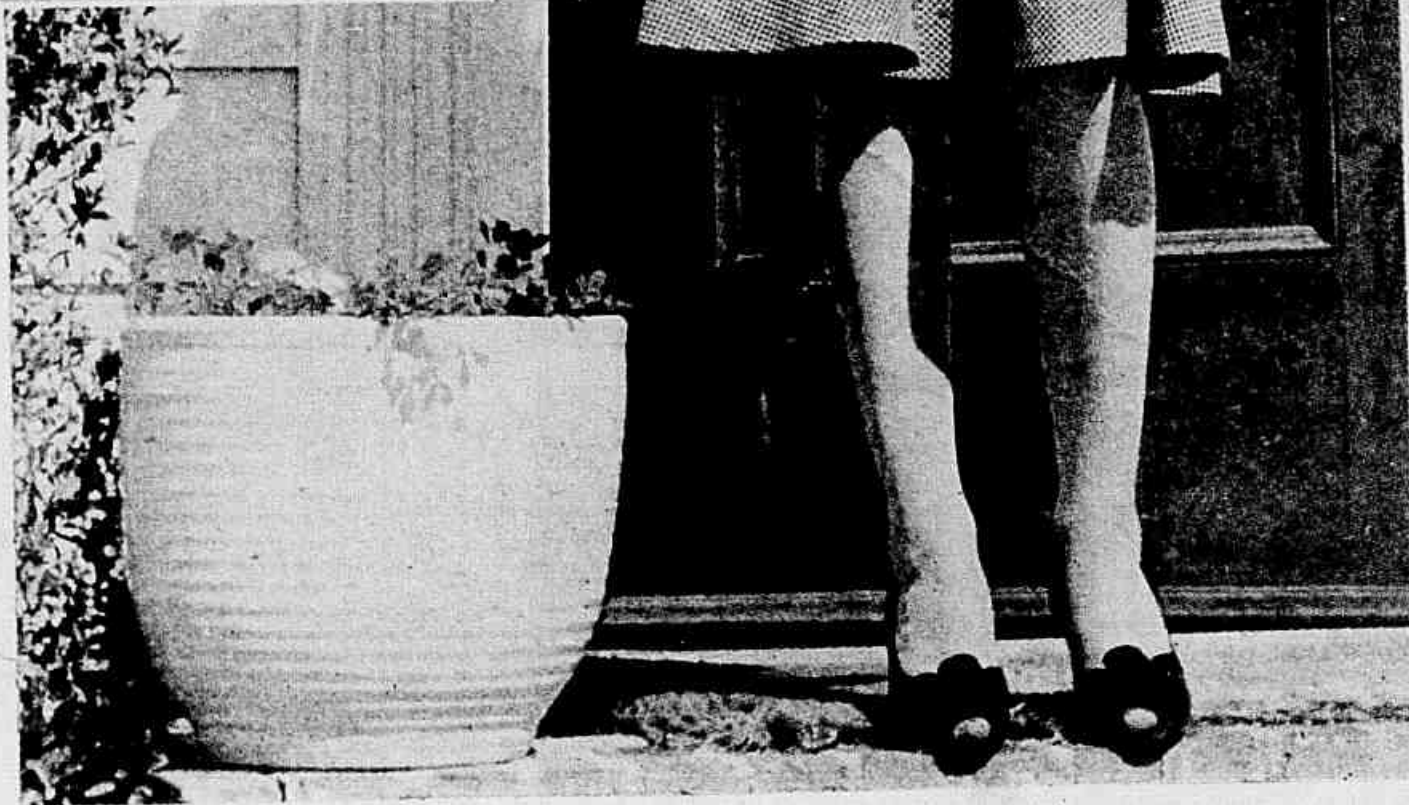
Agora um pijama onde se pode observar o contraste entre os *slacks* de crêpe bege do mesmo tom da gola e a blusa em cor verde esmeralda e botões do lado. Mangas cheias.

PREFERE O CAMPO MAS GOSTA MUITO DE FESTAS

FOTOS
DA METRO
EXCLUSIVAS
PARA
A "REVISTA
DA
SEMANA"



E agora uma sinfonia em *tulle* branco. Um curto peplum e saia *bouffant*. Respondam, os senhores os *fans* "ela", de fato, não está "Caçando estrelas?"



Sim, é um *tailleur* e, por sinal, elegantíssimo em flanela bege claro e blusa branca e boina, bolsa e sapatos em Havana escuro bordados em verde e branco.

Em lã axadrezada branca e preta, largo cinto de veludo negro e blusa branca de mangas fartas é este modelo provavelmente inspirado nas camponesas eslavas.

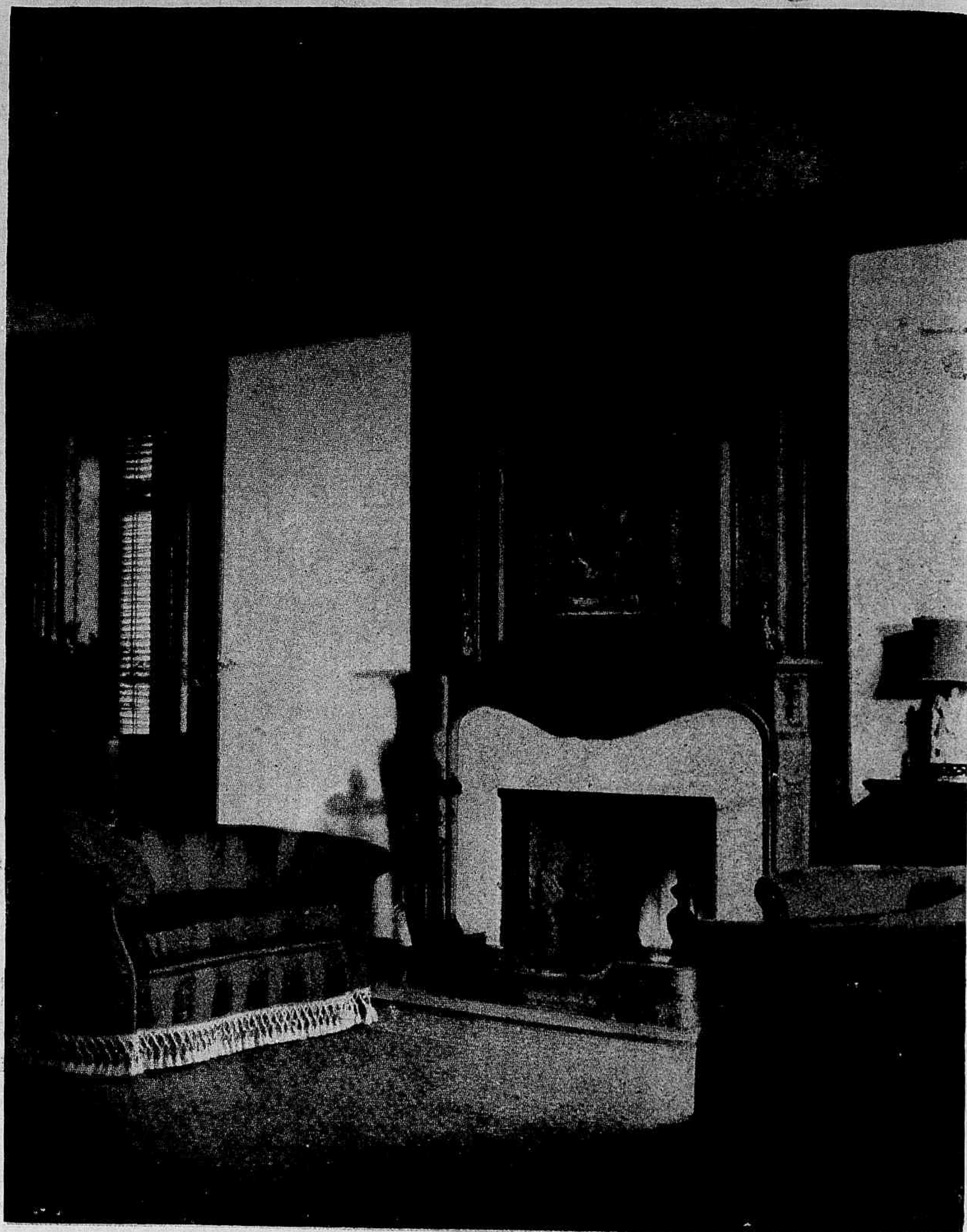


O Lar

Adaptação de um Modelo Europeu

Apresentamos hoje aos nossos leitores mais uma sugestão para a ornamentação de um luxuoso *living-room* decalcado, quer pelo estilo arquitetônico do aposento, quer pelo seu mobiliário, em modelo puramente europeu.

Os moveis ocupam o centro da sala e são amplos e pesados. Ao lado da lareira, utensilios de limpeza, ali colocados para emprestar á peça o aspecto típico de um aposento de clima frio.



MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANTES NEM FILIAIS

A PARTIDA DE BILHAR

Conto do escritor francês ALPHONSE DAUDET

O combate dura há dois dias. Os homens passaram a noite de mochila às costas, debaixo duma chuva torrencial. Estão por isso extenuados. E há três longas, horrendas horas que os deixam ficar ali, encostados às armas, na lama espessa das estradas, nas poças dos campos alagados.

Entorpecidos pela fadiga, com os uniformes cheios de água, cerram-se uns contra os outros, para se aquecer, para se amparar. Alguns positivamente dormem em pé, apoiados à mochila do vizinho; e é nesses semblantes distendidos, abandonados ao sono, que melhor se nota o cansaço, as privações. A chuva, a lama, a falta de fogo, a falta de comida, um céu baixo e negro, o inimigo ali perto ou até em toda a volta... É sinistro. Mas que foi? Que aconteceu?

Os canhões, com a boca voltada para a floresta, dão a impressão de espreitar alguma coisa. As metralhadoras alapardadas parecem olhar dum modo fixo e ansioso o horizonte. Tudo pronto para um ataque. Mas por que não se ataca? Que é que se está esperando?

Esperam-se ordens. E o quartel general não as manda.

No entanto está ali bem perto, o quartel general. É aquele magnífico castelo Luiz XIII, cujos tijolos bem vermelhos, lavados pela chuva, reluzem a meia encosta, entre os matos de verdura. Verdadeira residência principesca, bem digna de arvorar o galhardete dum marechal de França. Por trás dum grande fosso e duma rampa de pedra que os separam de estrada larga, os relvados sobem até ao terreiro, unidos e verdes, ladeados de vasos em flor. Do outro lado, do lado da habitação, as aléas formam barras luminosas; o tanque, onde nadam cisnes, ostenta-se como um espelho; e, sob um vasto pavilhão, pavões e faisões dourados batem as asas e abrem os leques. Embora os donos estejam ausentes, não se nota o abandono, o desgoverno determinado pela guerra. A auriflama do chefe do exército preservou até as flores dos canteiros; e chega a impressionar, tão perto do campo de batalha, a serenidade opulenta que resulta da ordem das coisas, do correto alinhamento dos relvados, da profundidade silenciosa das avenidas.

A chuva que lá embaixo amontoa o barro nos caminhos e cava buracos tão profundos, é aqui um adorno elegante que aviva o rubro dos tijolos, refresca a verdura da grama, dá lustro às folhas das laranjeiras e às penas brancas dos cisnes. Tudo reluz, tudo respira tranquilidade. Se não fôra a bandeira hasteada ao alto da fachada e sem os dois soldados de sentinela ao portão, ninguém acreditaria que fosse aquilo um quartel general. Os cavalos descansam nas cocheiras. Aqui e além encontram-se varredores, ordenanças em pequeno uniforme madrugando pelas imediações da cozinha ou algum jardineiro de calças vermelhas, passando o encinho pela areia das alamedas.

A sala de jantar, cujas janelas dão para o pátio, mostra uma mesa já meio desarrumada, com garrafas desarrolhadas, copos embaciados e vasos sobre a toalha levemente amarrotada — um epílogo de refeição, depois que os convivas se retiraram. Na sala ao lado, ouvem-se risos, palraria, chocar de copos e o bater das bolas do bilhar. O marechal joga a sua partida — e eis porque o exército espera ordens. Uma vez que o general inicia a partida, pode a terra tremer, pode desabar o firmamento; nada impedirá que ele a termine.

O bilhar! É o fraco deste grande cabo de guerra. Aqui está ele, atento e grave como no campo de batalha, com o peito coberto de medalhas, com os olhos brilhantes, as maçãs do rosto inflamadas, na excitação causada pelas iguarias, o fogo, os grogs. Os ajudantes de ordens cercam-no solícitos, respeitosos, enchendo-se de admiração a cada uma das suas tacadas. Há um roçar constante de dragões e penachos, um entrecostar de medalhas e agulhetas; e observar tão belos sorrisos, tão finas reverências de

cortezãos, tantos uniformes bordados na alta sala de teto de carvalho trabalhado, abrindo para o pátio de honra e para o parque faz lembrar os outonos de Compiègne e descansa um tanto o espírito da visão da soldadesca que espera lá embaixo, pelas estradas fora, formando grupos tão sombrios sob o chuvisqueiro.

O parceiro do marechal é um capitãozinho de estado maior, espartilhado, frizado, campeão de bilhar e capaz de dar "capote" a todos os marechais deste mundo. Sabe, porém, conservar-se a respeitosa distância do chefe e tem todo o cuidado em não ganhar nem ser facilmente derrotado. O que se chama um oficial de futuro...

Atenção, jovem amigo... O marechal vai um pouco na dianteira. Trata-se de levar a partida assim até ao último ponto, que será do marechal, está visto. E desse modo você terá feito mais pela sua promoção do que se estivesse lá fora com os outros, sob as torrentes de chuva que lhe encharcariam o belo uniforme, lhe enferrujariam os alacões — e esperando ordens que não vinham nunca.

É realmente uma partida de sensação. As bolas correm, arremetem, fogem, cruzam as suas côres. As tabelas estão duma elasticidade perfeita... De repente passa no céu a claridade dum tiro de canhão. Um barulho surdo faz bater as vidraças. Toda a gente estremece. Os oficiais olham inquietamente uns para os outros. Só o marechal nada viu, nada ouviu; debruçado sobre a tabela, prepara uma bola a recuar. São a sua especialidade as bolas a recuar!

(Continua na página 48)

PROGRAMAS DE ONDAS CURTAS em português DOS EE.UU. PARA O BRASIL

Transmitindo simultaneamente das seguintes estações:

WCBX - 17.83 Mgs. (Faixa de 16 ms.)	das 18.00 às 20.45	★
" - 9.49 " (Faixa de 31 ")	das 21.00 às 24.30	
WRCA - 15.15 " (Faixa de 19 ")	das 18.00 às 24.30	★
WGEA - 11.85 " (Faixa de 25 ")	das 18.00 às 24.30	

Hora do Rio **Domingo**

18.00	Síntese da NBC
18.15	O Mundo Hoje
18.30	Resumo dos Programas
18.45	Melodias de Broadway
19.00	A Vida em Opereta
19.15	Seleções de Óperas
19.30	Rádio Jornal
19.45	Salão de Concerto
20.00	Música Semi-Clássica
20.15	Resenha dos Programas
20.30	Notícias
20.45	Música da América
21.00	Bandas Militares
21.15	Notícias
21.30	Olga Coelho e Trio Cherro Gil
21.45	Reinaldo Henrique e a Orquestra Panamericana
22.00	Notícias
22.15	Orquestra Filarmônica de Nova York
22.30	Resumo das Notícias
22.45	Devaneio Musical
23.00	Encerramento

Hora do Rio **Terça**

18.00	Resumo dos Programas e Notícias
18.15	Cancões das Nações Unidas
18.45	Resenha Literária
19.00	Notícias
19.15	Chopiniana
19.30	Conheça Nova York
19.45	Rádio Jornal
20.00	Enoch Light e sua Orquestra
20.15	Fred Waring e sua Orquestra
20.30	Resenha dos Programas
20.45	Notícias
21.00	Orquestra de Raymond Scott
21.15	Notícias Desportivas
21.30	Música por Tucci
21.45	Notícias
22.00	Andre Kostelanetz e sua Orquestra
22.15	Eva Garza e Orquestra Panamericana
22.30	Notícias
22.45	Trio Cherro Gil
23.00	A Ópera Municipal de St. Louis
23.15	Resumo das Notícias
23.30	Orquestra Panamericana
23.45	Encerramento

Hora do Rio **Quinta**

18.00	Resumo dos Programas e Notícias
18.15	O Clube do Swing
18.30	Musica Norte Americana
18.45	Notícias
19.00	Orquestra "Pops" de Boston
19.15	Rádio Jornal
19.30	Enoch Light e sua Orquestra
19.45	Fred Waring e sua Orquestra
20.00	Resenha dos Programas
20.15	Notícias
20.30	Orquestra de Raymond Scott
20.45	Notícias Culturais por Gaspar Coelho
21.00	A América do Norte Canta
21.15	Notícias
21.30	Olga Coelho
21.45	Eva Garza, Trio Cherro Gil e a Orquestra Panamericana
22.00	Notícias
22.15	Trio Cherro Gil
22.30	Banda da Marinha dos EE.UU.
22.45	Resumo das Notícias
23.00	Devaneio Musical
23.15	Encerramento

Hora do Rio **Sexta**

18.00	Resumo dos Programas e Notícias
18.15	Momento Musical
18.30	Revista Cultural
18.45	Notícias
19.00	Música do Novo Mundo
19.15	Música de Dança
19.30	Rádio Jornal
19.45	A Página Feminina
20.00	Música Semi-Clássica
20.15	Resenha dos Programas
20.30	Notícias
20.45	Orquestra de Walter Gross
21.00	Cartas em Revistas
21.15	Alma de Minha Pátria
21.30	Notícias
21.45	Poros Senderos da Musica
22.00	Comentário
22.15	R. Henriquez e Orq. Panamer.
22.30	Notícias
22.45	Trio Cherro Gil
23.00	Orq. de Concertos CBS e Solistas
23.15	Resumo das Notícias
23.30	Orquestra de Paul Barron
23.45	Encerramento

Hora do Rio **Segunda**

18.00	Resumo dos Programas e Notícias
18.15	Magia Tropical
18.30	A Semana em Revista
18.45	Divirtam-se Conosco
19.00	Notícias
19.15	Tesouro Musical das Américas
19.30	Música de Dança
19.45	Rádio Jornal
20.00	Sammy Kaye e sua Orquestra
20.15	Música Semi-Clássica
20.30	Resenha dos Programas
20.45	Notícias
21.00	Orquestra de Walter Gross
21.15	Música de Manhattan
21.30	Notícias
21.45	Eva Garza e Trio Cherro Gil
22.00	O Desfile das Américas
22.15	Notícias
22.30	Trio Cherro Gil
22.45	Convite à Musica
23.00	Resumo das Notícias
23.15	Orquestra de Raymond Scott
23.30	Encerramento

Hora do Rio **Quarta**

18.00	Resumo dos Programas e Notícias
18.15	Valses Famosos
18.30	Serenata Tropical
18.45	Notícias
19.00	Seleções de Ópera
19.15	Dinah Shore - canções
19.30	Rádio Jornal
19.45	Contrastes Musicais
20.00	Aviação Americana
20.15	Música Semi-Clássica
20.30	Resenha dos Programas
20.45	Notícias
21.00	Orquestra de Walter Gross
21.15	Notícias de Hollywood
21.30	Concertos de Jazz
21.45	Notícias
22.00	Eileen Farrell e a Orq. de CBS
22.15	Reinaldo Henriquez e a Orquestra Panamericana
22.30	Notícias
22.45	Eva Garza e Orquestra Panamericana
23.00	Notícias
23.15	Música de Manhattan
23.30	Resumo das Notícias
23.45	Quarteto Golden Gate
24.00	Encerramento

Hora do Rio **Sabado**

18.00	Resumo dos Programas e Notícias
18.15	Orq. de Alfred Wallenstein
18.30	Bolet. Latino-Americano
18.45	Notícias
19.00	Chopiniana
19.15	Musica Popular
19.30	Rádio Jornal
19.45	Caravana Tropical
20.00	Fred Waring e sua Orquestra
20.15	Resenha dos Programas
20.30	Notícias
20.45	Orquestra de Raymond Scott
21.00	Bandas Militares
21.15	Notícias
21.30	A Hit Parade
21.45	R. Henriquez e Orquestra Panamericana
22.00	Notícias
22.15	Orquestras de Variedades
22.30	Musica de Hoje e Ontem
22.45	Resumo das Notícias
23.00	Orquestra de Harry James
23.15	Encerramento

TRANSMISSÕES EM "ONDAS DIRIGIDAS" PARA O BRASIL.

Noticiário Elegante

ANIVERSARIOS

dia 28:

Senhoras: Octavia de Mendonça Vi-
eira Souto e Ermelinda Brasil de Almeida.
Senhores: general Tasso Fragoso,
ministro aposentado do Supremo Tri-
bunal Militar; capitão de corveta Ma-
rio Rebelo de Mendonça, oficial de ga-
binete do ministro da Marinha e o prof.
Arnaldo de Moraes.

dia 29:

Senhora Mayde da Silva e Souza
e senhorinha Julia Pedrosa Lima.
Senhores: dr. Isaias Alves; dr. Can-
dido de Moraes Mello e dr. Paulo Man-
zo, consultor juridico da Associação dos
Empregados no Comércio.

dia 30

Senhorita Clotilde Mattos.
Senhores: tenente coronel Carlos Pfa-
tzgraff Brasil; dr. Ubaldino do Amaral
Neto e dr. Henrique Carlos Meyer.

dia 31:

Senhor: Ministro Hermenegildo de
Barros.

Setembro:

Senhores: dr. Valentim Bouças e
Oetavio Pacheco.

Dia 2:

Senhores: drs. Alfredo Paulo Ew-
banks, Lafayette Gomes Ribeiro e Al-
fredo Costa.

dia 3:

Senhores: capitão Belmiro Bretas
Duarte; dr. Nereu Ramos e dr. Mario
Camara.

Na residencia do sr. João Luso, nosso confrade, quando se comemorava
o aniversário de sua exma. snra., havendo comparecido a recepção ele-
mentos de destaque da sociedade, notando-se a poetisa Stella Leonardos
da Silva Lima e o sr. Claudio de Souza, da Academia Brasileira de Letras.



Flagrante da audiencia
do chefe do governo ao
ministro da Instrução
Publica da Bolivia, sr.
Ruben Terrazas.

O sr. ministro da Educação, dr.
Gustavo Capanema, quando da
chegada do seu colega da Bolivia.



Diplomáticas

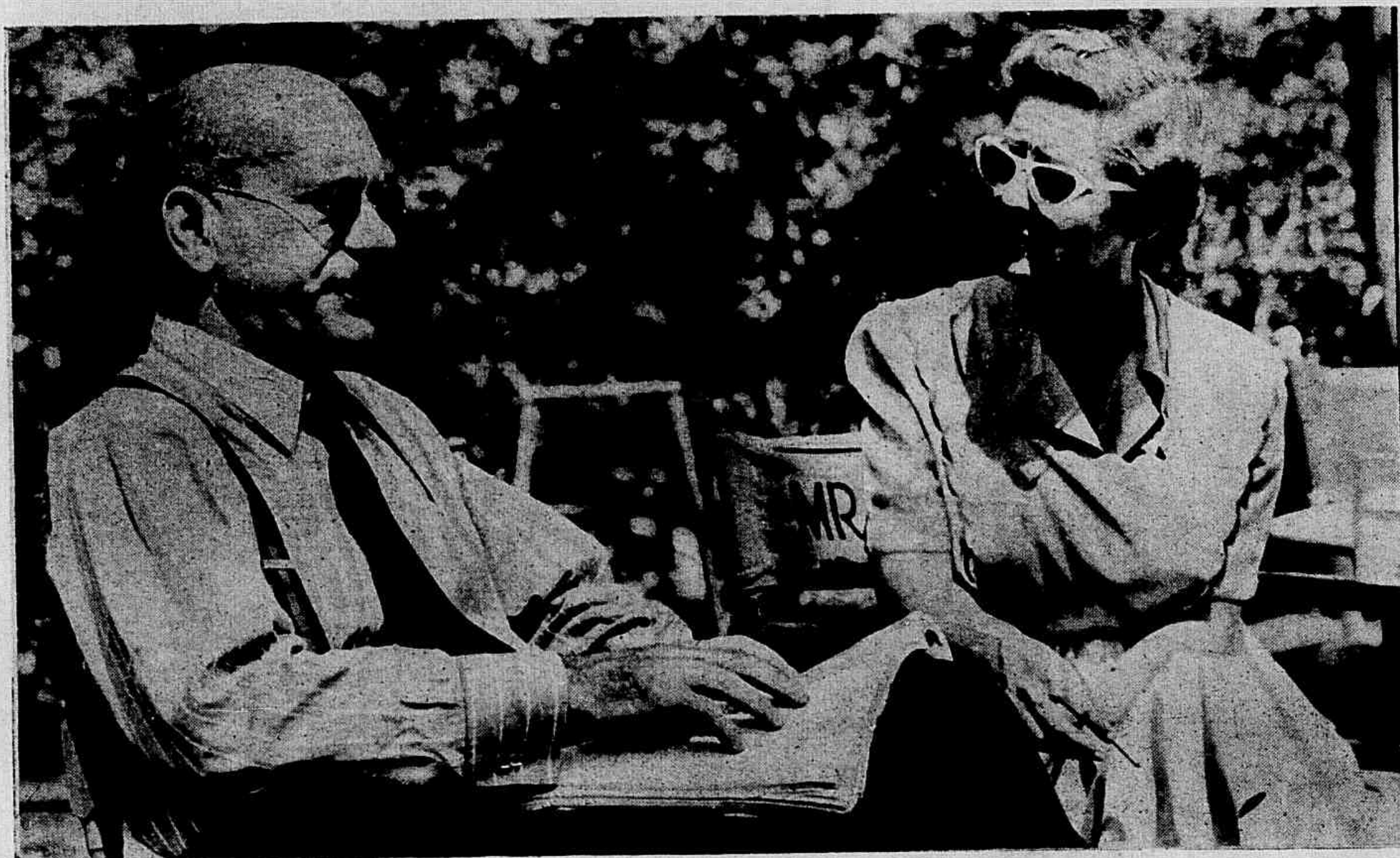
Adoro
a moda
atual
porque...



De Maria Luiza

1 — Os novos "clips" de lapela, em palha e vidro, substituem admiravelmente os de metal (racionados pelas necessidades bélicas) e são mais econômicos.

2 — Os "slacks" (que nas praias já são usados a todas as horas) fazem-se acompanhar de blusas esportivas e práticas, mas intensamente femininas devido aos padrões exóticos e cores alegres.



3 — Os novos guardas-chuva brancos ou de tons fortes, bordados ou com aplicações contrastantes, são um prior de feminilidade e alegrem os dias sombrios.

4 — Até mesmo as mais famosas *glamours-girls* abandonaram as atitudes sofisticadas e as piteiras exóticas, para vestir-se e fumar com a simplicidade de colegiais em férias.

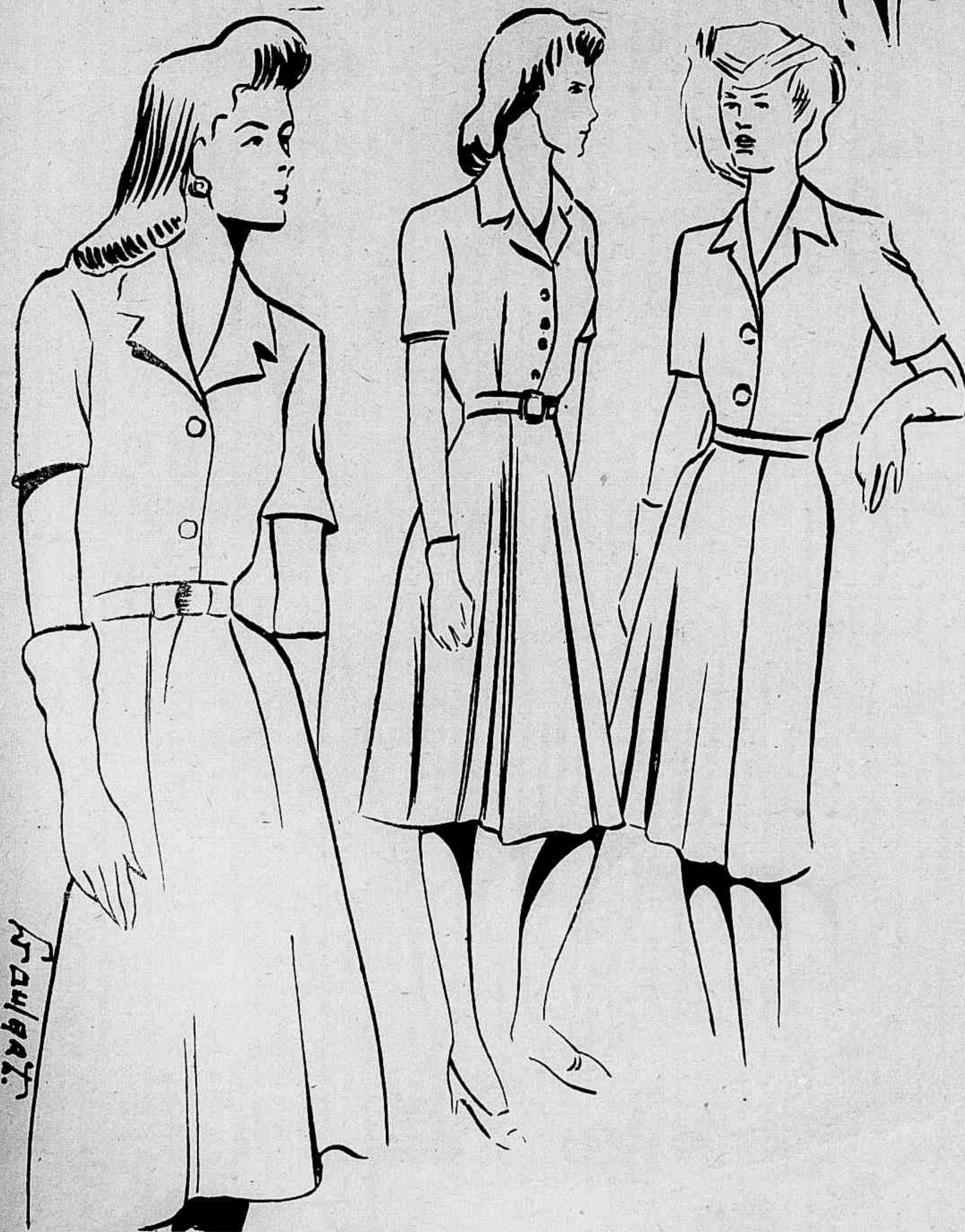
Desfile de modelos

JOSET WALKER, um dos grandes desenhistas de moda de U. S. A. declara textualmente:

"as roupas refletem sempre nosso modo de viver. Por isso mesmo os modelos esportivos tiveram por berço e centro de desenvolvimento a America.

Como vocês sabem nossas garotas sempre deram grande atenção aos esportes. Os desenhistas conhecem o seu publico e oferecem o que ele deseja; logo, no tempo de guerra, o máximo aproveitamento num minimo de material; lapelas, debruns e abas são excluidos ou limitados.

Se uma pequena quer apenas uniforme procura os Waacs ou os Waves. Mas se deseja trabalhar somente para a defesa as chances são bem maiores para sua feminilidade.



Entretanto Vera Maxwell, a perita nas *toilettes for night* previne que a "moda sabe triunfar ainda entre restrições do momento."

Eis porque GOLLART apresenta, nesta página, modelos esportivos e para tarde como atestados valiosos da opinião de dois dos maiores figurinistas da atualidade.

Vestidos e Peles
PASSEIO, 42

Lebelson Modas

Sempre Novidades
TELEFONE 22-4617

CUIDADO!
Aqui
atacam os
micróbios!

2 HORAS DEPOIS
DE ESTAR NA
BOCA COMEÇAM
A FERMENTAR!

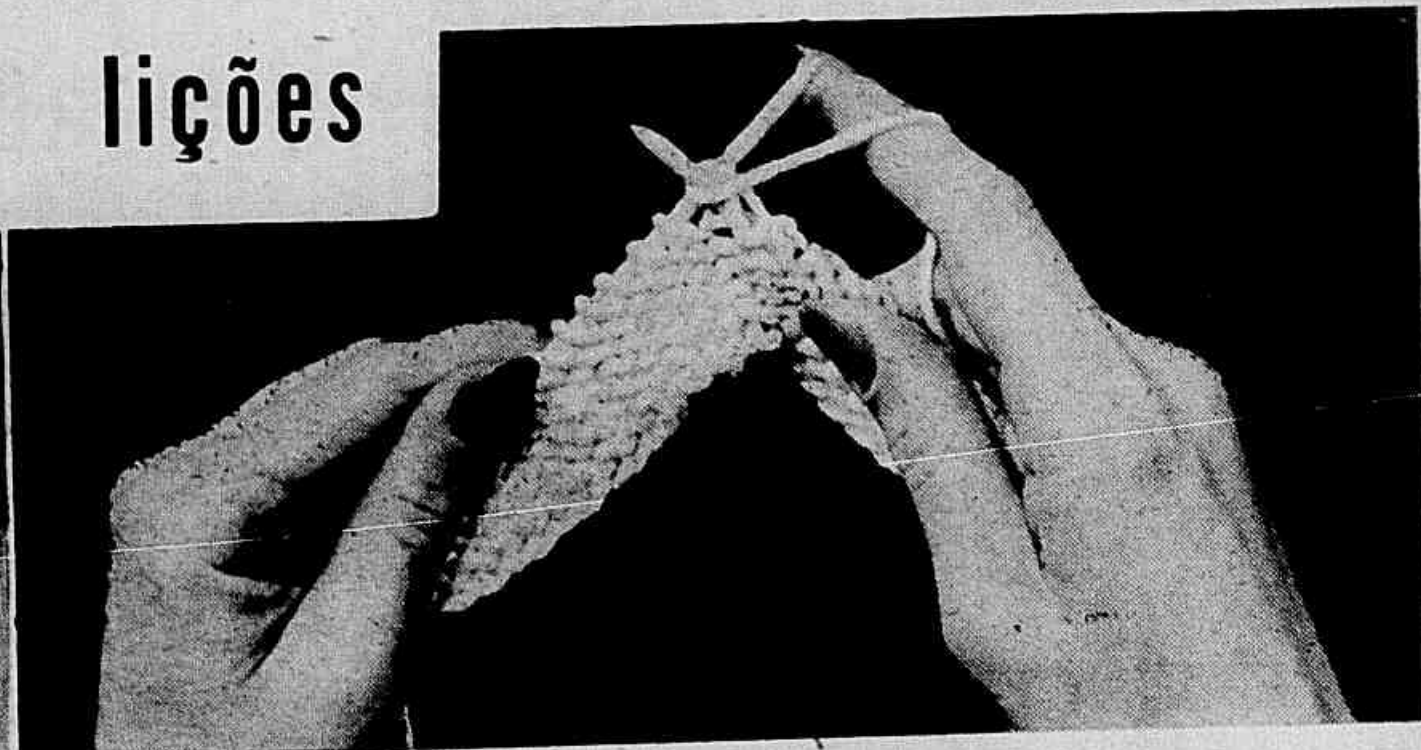
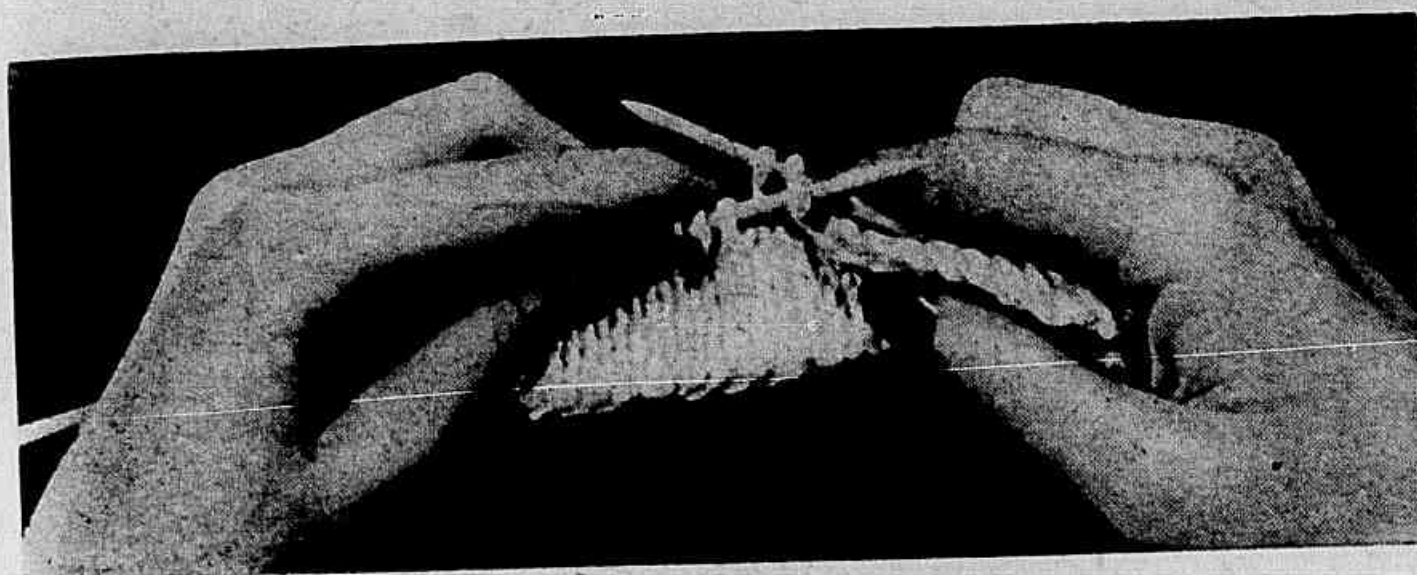


Os resíduos alimentares que ficam nos interstícios dos dentes, fermentam 2 horas após as refeições. Somente um dentifício medicinal como o Odorans, pôde penetrar nesses restos de alimento e embebê-los, evitando assim a fermentação, causa da cárie e do mau hálito. Faça de Odorans o complemento da sua higiene bucal em bochechos e gargarejos diários.

ODORANS

O DENTIFÍCIO MEDICINAL

Aprenda "tricot" em três lições



(By-line Feature) - (Fotos de TONY SARNO)
- conclusão -

A última etapa é o arremate.

Faça os primeiros dois pontos, coloque a agulha da mão esquerda — na direção da esquerda para a direita — pela frente do primeiro ponto que tricoteou.

Levante-o sobre o segundo ponto e deixe-o cair da agulha da direita; remova a agulha da mão esquerda da alça e um ponto fica arrematado.

Agora tricoteie um terceiro ponto e deixe cair o segundo ponto sobre ele. Quando ficar somente um ponto, arrebente o fio perto da agulha e puxe a ponta do mesmo através da última laçada e aperte.

UM PONTO BASICO

Segure as agulhas como para a execução do ponto de *tricot*, propriamente dito, conservando sempre o fio a frente da agulha. Passe a agulha livre da mão direita, do lado direito para o esquerdo, através da frente da primeira laçada sobre a agulha da mão esquerda, enrole o fio em volta da agulha da mão direita — da direita para a esquerda; puxe a laçada para atrás, através do ponto e para a agulha da mão direita deixando o ponto deslizar da agulha esquerda. Completando-se este ponto, o resto é repetição.



Luas em duas cores em fio de algodão.

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mm. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

Linda sweater proprio para esportes que você, com as lições dadas, já poderá confeccionar.



...nos tons ardentes do **BATON COLGATE!**

PRENDA na armadilha de seus lábios embelezados com Baton Colgate, os beijos do seu bem amado... Torne seus lábios mais provocantes... mais irresistíveis e... muito mais beijáveis! O Baton Colgate importado da América é feito com KARANUVA, supremo embelezador dos lábios! É o baton que oferece duas consistências: tipo normal e tipo oleoso para lábios secos. Escolha dentre 5 maravilhosas cores — do Variável ao resplandecente Vermelho Amazonas! Use, desde hoje, Baton Colgate. Experimente, especialmente, o encanto inigualável da nova cor da moda: Vermelho Amazonas: exclusiva de Colgate!

O coração bate...
com BATON COLGATE



Colcha de Retalhos

(Continuação da pagina 3).

— E' para ver. E isto aqui tem coisa! E' uma colcha de retalhos que venho cozendo ha catorze anos des'que Pingo nasceu. Dos vestidinhos dela venho guardando nesta caixa cada isca que sobeja e um dia as cozo. Veja que galantaria de serviço.

E estendeu-me ante os olhos um pano variegado, de quadradinhos maiores e menores, todos de chita, cada qual de um padrão.

— Esta colcha é o meu presente de noivado. O ultimo retalho hade ser do vestido de casamento, não é Pingo?

Pingo d'Agua não respondeu. Metida na cosinha, percebi-a a espiar-me pela fresta da porta.

Mais dois dedos de prosa, um cafésinho ralo — escolha com rapadura — e,

— Bom, rematei levantando-me do mocho de tres pernas, como não pode ser, paciência. Apesar disso acho que deve pensar um bocado. Olhe que este ano se estão pagando os roçados a oitenta mil réis. Dá para ganhar, não?

— Que dá, eu sei que dá, mas também sei para quem dá. Um perrengue como eu não pensa mais nisso não. Quando era gente, muitas peguei a sessenta e não me arrependi. Mas, hoje...

— Nesse caso...

Transcorreram dois anos sem que eu tornasse aos Periquitos. Nesse intervalo, Dona Ana faleceu. Era fatal a dor que respondia na cacunda. E me não mais aflo-rava à tona da memória a imagem daquê es urupês, quando chegou aos meus ouvidos o zum-zum corrente no bairro de uma coisa apenas crível: o filho de um siti-ante visinho, rapás de todo pancada, furtára o Pingo d'Agua aos Periquitos.

— Como isso? Uma menina tão acanhada!

— E' para vê! Desconfiem das sonsas... Fugiu e lá rodou com êle para a cidade — não para casar nem para enterrar. Foi ser "moça" a pombinha.

O incidente ficou a azoinar-me o bestunto. A' noite perdi o sono revivendo cenas da ultima visita ao sítio e disso brotou a idéia de lá tornar. Para? Confesso, para curiosidade, para ouvir os comentários da triste velhinha. Que golpe! Desta feita ia-se-lhe a rijeza de cerne.

Fui.

Setembro entumecia gomos tenros em cada arbusto. Nenhuma neblina. A paisagem desenhava-se nítida até aos cabeços dos morros e às distantes serras azues.

Por amor à simetria, montava eu o mesmo picarso. Transpús a mesma por-teira. Atalhei pelo mesmo trilho.

No correjo, vi, com os olhos da imaginação, o vulto da menina envergo-nhada, com o pote descansado na lage, e toda às voltas com a rodilha. Mais uns passos e a tapera antolhou-se-me de-serta. As tres árvo-res do pomar extin-to eram já galhaça resaca e poenta. Só os mamoeiros sub-sistiam, mais cresci-dos, sempre apinha-dos de frutos. O res-to piorára, descam-bando para o lugu-bre. Ruiu o oitão e o terreirinho pin-talgara-se de moitas de guaxuma, cor-dão de frade e joás.

— O' de casa!

Silêncio. T r e s vezes repeti o apêlo. Por fim, surgiu dos fundos uma sombra acurvada e trêmula. Era a velhinha.

— Bom dia, nhá Joaquina. Está o seu Zé?

Não me reco-nheeu. O Zé fôra à vila vender aquilo para mudar de ter-ra. F ez-me entrar lo-go que me dei a co-nhecer, pedindo escusas da má vista.

Entrei p a r a a saleta vazia.

— Tem coragem de estar aqui sósi-nha?

— Eu? Sósinha estou em toda a parte... Morreu-me tudo, a filha, a ne-ta... Sente-se, disse, apontando para o mocho de dois anos atrás.

Sentei-me com um nó-na garganta. Não sabia que dizer. Por fim:

— O que é a vida, nhá Joaquina! Parece que foi ontem que estive aqui. Apesar das doenças, iam vivendo felizes. Hoje...

A velhinha limpou no canhão da manga uma lágrima.

Viver 72 anos para acabar assim...Felizmente a morte não tarda. Já a sinto cá dentro.

Confrangia-se-me o coração naquêl ermo onde tudo era passado; a terra, as laranjeiras, a casa, as vidas, salvo, trêmulo espectro sobrevivente como a alma da tapera, a triste velhinha encanecida cujos olhos poucas lágrimas estilavam, tan-tas chorara.

— Que mais agora? murmurou pausadamente em voz de quem já não é des-te mundo. Até a desgraça, eu não queria morrer. Velha e inutil inda gostava da vida. Morreu-me a filha, mas restava a neta que é duas vezes filha e era o meu con-solo. Desencaminham a pobresinha... Agora que mais? Só peço a Deus que me tire logo e logo.

Relanceei o olhar pela sala vazia. A caixeta de costura ainda estava sobre a arca, no lugar de sempre. Meus olhos pousaram nela marasmados.

A velha adivinhou-me o pensamento, e, erguendo-se, pegou da caixa com mãos tremulas. Abriu-a. Tirou de dentro a colcha inacabada, contemplou-a longamen-te. Depois, com tremura na voz, disse:

— Dezesseis anos! E não pude acabar a colcha... Ninguém imagina o que é para mim este pano. Cada retalho tem sua história e me lembra um vestidinho de Pingo d'Agua. Aqui leio a vidinha dela, des'que nasceu. Este, olhe, foi da pri-meira camiseta que vestiu...

Tão galantinhal! Estou a vê-la no meu braço, tentando pegar os óculos com a mãosinha gorda...

Este azul, de listras, lembra um vestido que lhe deu a madrinha aos tres anos. Ela já andava pela casa inteira, armando reinações, perseguindo o Romão, que um dia, por sinal, lhe meteu as unhas. Chamava-me *o' aquina*.

Este vermelho, de rosinhas, foi quando completou os cinco anos. Estava com êle por ocasião do tombo na pedra do correjo donde lhe veio aquela marquinha no queixo, não reparou?

Este cá de xadrezinho foi pelos sete anos eu mesma o fiz, e o fiz de sainha com-prida e paletó de quartinho. Ficou tão engraçada feita uma mulhersinha!

Pingo d'Agua já sabia temperar um virado quando usou este, de argolinhas roxas em fundo branco. Digo isto porque foi com êle que entornou uma panela, quei-mando as mãos.

Este roxo, usou-o quando tinha dez anos e caiu com sarampo, muito malsi-nha. Os dias e noites que passei ao pé dela, a contar histórias! Como gostava da Gata Borralheiral...

A velha enxugou na colcha uma lágrima, e calou-se.

— E este? perguntei, apontando um retalho amarelo, para aviva-la.

Pausou um bocado, a triste avó, em contemplação. Depois:

— Este é novo. Já tinha 15 anos quando o vestiu pela primeira vez num mu-tirão do Labrego. Não gosto dele. Parece-me que a desgraça começa aqui. Ficou um vestido muito assentadinho no corpo e galante, mas, pelas minhas contas, foi o cul-pado do Labreguinho engrasar-se pela coitada. Hoje sei disso. Naquêl tempo, nada suspeitava...

— Este, disse-lhe eu, fingindo recordar-me, é o que ela vestia, quando cá es-tive.

— E' engano seu. Era, quer ver qual? era este de pintas vermelhas, repare-bem.

— E' verdade, é verdade, menti, agora me lembro, era isso mesmo. E este der-raideiro?

Após uma pausa dorida, a pobre creatura sacudiu a cabeça e balbuciou:

— Este é o da desgraça. Foi o ultimo que lhe fiz. Com êle fugiu...e me matou.

Calou-se a lacrimar, trêmula.

Calei-me também opresso dum infinito apertão dalma.

Que quadoro imensamente triste aquêl fim de vida machucado pela moci-dade louca!...

E ficamos ambos assim imóveis, de olhos pregados na colcha. Ela, por fim, que-brou o silencio.

Era o meu presente de noivado. Deus não quiz. Será agora a minha mortalha. Já pedí que me enterrassem com ela...

E guardou-a dobradinha na caixa, envolta num suspiro.

Um mez depois morria. Soube que lhe não cumpriram a ultima vontade.

Que importa ao mundo a vontade ultima duma pobre velhinha da roça? Pieguices...



Êste é que é Remédio!

Realmente, RHODINE - a boa en-fermeira - é um ótimo remédio con-tra gripe e resfriados. Percebendo os primeiros sintomas, não delxe o mal progredir. Tome logo RHODINE. RHODINE é garantida pelos gran-des laboratórios da Rhodia, cujos produtos desfrutam de elevado con-senso na classe médica, devido ao alto padrão científico de suas fabricações.

MODO DE USAR RHODINE

Contra o resfriado comum, basta tomar 1 ou 2 comprimidos a qual-quer hora do dia. Mas, se o resfri-do já se transformou em gripe, to-me, ao deitar, 1 ou 2 comprimidos com um chá-de-canela bem quente.



O "R" da Rhodia é a MARCA-SÍMBOLO dos PRODUTOS de VALOR



RHODINE
CAFEINADA
A boa enfermeira

PANAM



Quero bom trato!

TIMBORÓL

É o melhor e mais eficiente sa-bão veterinário, por conter todos os elementos ativos do timbó.

EVITA E COMBATE AS PULGAS, CARRAPATOS, SARNAS, ECZE-MAS, FERIDAS, E, EM FIM, TODOS OS PARASITOS E DERMATOSES, ASSEGURANDO A HIGIENE E BELEZA DOS ANIMAIS.

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais completo para higiene e conservação dos dentes.



Sim, porque este casaco da encamiadora Jean Rogers foi confeccionado com "vitaminas"... Qual a razão?

É bem simples: com o racionamento da lã a nova estrelinha da Metro utilizou-se deste tecido recentemente lançado nos Estados Unidos e que tem a seguinte composição: 30% de fibras de leite, 10% de pêlo de cabra e 50% de lã autêntica.

E depois de andar a manhã inteira com o "casaco de leite" só resta à nossa garota tomar um gostosíssimo café com seu lindo conjunto "black and obite". Observem o chapéu, minhas senhoras!

A GAROTA, O LEITE E A MODA



tail de receitas

TORRADAS COM OVOS E TOMATES—Cobrem-se torradas com tomates fritos e guarnecem-se com rodela de ovos e sardinhas. Arrumam-se estas torradas em um prato, dispondo-as em forma de anel, no centro do qual se põem fatias de presunto ou carne defumada.

Servem-se como *hors-d'oeuvre* ou, com chá, cerveja, etc.

OVOS COSSACOS—Cortam-se alguns tomates grandes ao meio, tiram-se-lhe as sementes e enchem-se com salada russa. Sobre estes tomates colocam-se ovos cortados ao meio, regam-se com *mayonnaise* rala e enfeitam-se à vontade.

Servem-se como *hors-d'oeuvre* ou, com salada, ao jantar.

OVOS RECHEADOS COM SARDINHAS—Cortam-se ovos cozidos e depois de descascados pelo meio, no sentido do comprimento. Tiram-se as gemas que se passam por uma peneira e que se misturam bem com um pouco de *mayonnaise* sardinhas picadas e mostarda. Com esta massa recheiam-se as claras, deixando que o recheio se eleve bastante, formando um pequeno monte. Sobre este monte colocam-se duas sardinhas cruzadas e, sobre estas, um pedacinho de tomates. Arrumam-se estes ovos sobre torradas e guarnecem-se com folhas de alface.

Servem-se como *hors-d'oeuvre* ou, com salada, ao jantar.

GELE'A DE MORANGOS—Para cada meio quilo de morangos pesa-se 400 gramas de açúcar cristal. Tiram-se os cabos das frutas depois de lavadas e põe-se numa panela, alternadamente, açúcar e morangos.

Lave a panela ao fogo muito lento, e deixe ferver, mexendo sempre com cuidado. Tire a espuma de vez em quando.

Para se conhecer se está no ponto, deita-se 1 colher da geléa num prato com água.

Se formar uma bala bem mole, póde retirar do fogo, e arrumar logo em vidros. Retire com cuidado para não esmagar muito as frutas.

GELE'A DE PITANGA—Tome 2 quilos de pitangas, lave-as bem e leve ao fogo com água que as cubra. Deixe ferver. Ferva apenas 10 minutos, pois do contrario ficam amargas. Retire do fogo, passe por peneira o caldo e depois as pitangas por espremedor de batatas. Não esmague os caroços.

Depois do caldo bem limpo pese para cada copo de caldo, 1 de açúcar. Leve ao fogo até começar a abrir bolhas a fervura (ponto de fio).

Junte essencia de baunilha (1 colher de chá para meio litro) misture bem e deite em vidros já de antemão preparados. Esfriando, a calda toma logo o ponto gelatinoso.

GELE'A (Modo de acondicionar)—Modo de acondicionar qualquer geléa. No momento que levar a geléa ao fogo, ponha à parte também os copinhos ou vidro em água fria e deixe ferver até a geléa tomar ponto.

Encha até a beira do copo, ponha um papel impermeavel bem junto da geléa e quando estiver fria, derreta parafina e cubra todo o papel. Ponha novamente papel por cima e cole as bordas com clara de ovo.



**VEJA O QUE
QUAKER OATS
LHE PODE DAR!**



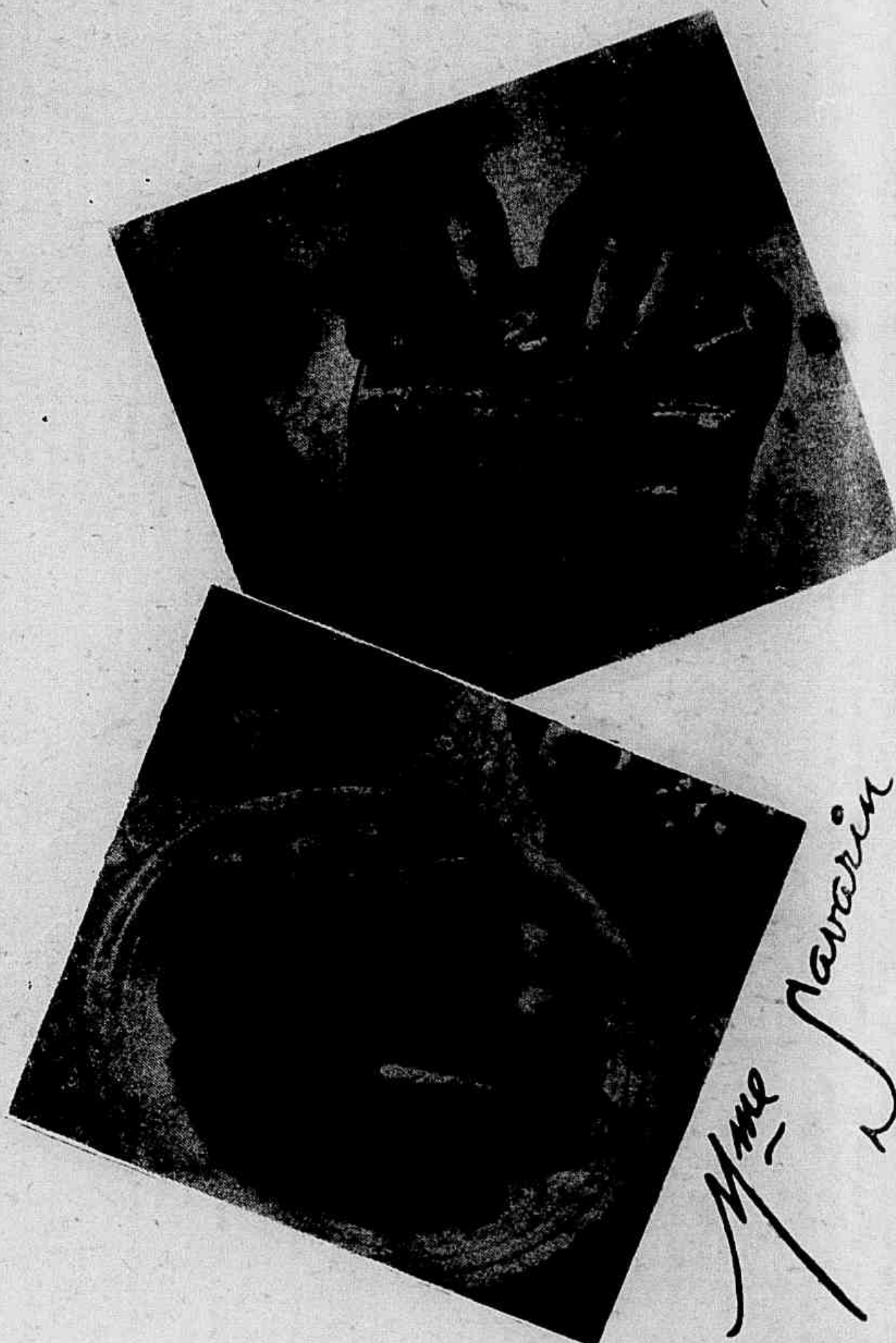
Em comparação com o arroz, a aveia Quaker Oats oferece 2 1/2 vezes mais proteína para o desenvolvimento dos músculos; 2 vezes mais calcio e 3 vezes mais fósforo para o fortalecimento dos ossos e dos dentes. Proporciona ainda 4 vezes mais ferro para o enriquecimento do sangue e 23 vezes mais vitamina B1 para o combate à fadiga. Compre hoje mesmo uma lata da deliciosa aveia Quaker Oats e tire proveito desses elementos adicionais, tão benéficos à saúde.

QUAKER OATS

PREPARADO EXCLUSIVAMENTE PELA QUAKER OATS CO.



35 v.



O assassinato superfluo

Continuação da página 9

cançar a janela através da qual o companheiro tinha espiado — oh, fazia anos, segundo parecia.

— A coisa está parecendo ruim, "sir" — disse o polícia. — Nós faríamos melhor dando volta de novo. — Na verdade, a janela do escritório era muito estreita para dar passagem.

O polícia tornou-se um homem de ação. Pediu a Mansbridge que esperasse junto à porta enquanto ele saltava pela janela, e Mansbridge novamente refletiu, com satisfação, que, se tivesse deixado quaisquer traços numa ou na outra janela, o corpulento polícia os teria eliminado completamente.

Um momento depois a porta foi aberta.

— Entre, "sir" — cochichou o polícia em voz rouca — e espere do lado de fora da sala onde está a luz, se não se importa. Eu apenas quero dar uma espiadela antes.

Marchou para o escritório e fechou a porta depois de passar. John Mansbridge esperou o que lhe pareceu uma eternidade, mas de fato não passou de alguns segundos. O polícia dominou a situação e voltou, ligando a luz do hall. O outro homem tinha estado em luta para manter o controle dos nervos, mas sentia que o suor lhe escorria pela cara. O polícia lançou-lhe um olhar de respeitosa simpatia e murmurando — "Receio que vá ser um choque para o senhor, "sir", — abriu caminho para o escritório.

John Mansbridge seguiu: sua volta ao horrível cenário que havia deixado apenas alguns minutos antes pareceu de certo modo agir como um estimulante para os seus nervos. Sua representação de horror e de choque foi convincente e durante o tempo todo sua consciência íntima o estava entusiasmadamente felicitando por aquilo.

— Como... como aconteceu isto? — arquejou ele.

— Ah, negócio esquisito — respondeu o polícia. — Não posso compreender o que aconteceu na sala.

— Sim, mas Felix, meu primo?

— Bem, isso tem que ser estudado, — foi a resposta conceituosa. — Pode ser que ele tenha caído sobre o fogão. Mas, é estranho. O senhor está vendo, "sir" — hesitou e depois prosseguiu — parece ser um caso de suicídio. Achei isto na mesa, com o copo em cima.

E estendeu um pedaço de papel, coberto com a caligrafia de Felix. John contemplou-o; como diabo deixara de examinar a mesa? Naturalmente havia achado o cheque para ir além, mas...

Através da névoa que o estonteava, leu as seguintes palavras:

"Eu, Felix Mansbridge, estando perfeitamente lúcido, declaro solenemente que morro por minha espontânea vontade. Tomei veneno..."

A sala e o papel rodaram-lhe diante dos olhos. De muito longe ouviu o polícia dizer "Vou telefonar para a estação". Depois um "Alô", mas dirigido, segundo parecia, não ao posto telefônico mas a si mesmo, e um braço vigoroso que o abalxava dentro da mesma cadeira onde Felix se sentara, a cabeça calva apenas aparecendo...

Houve um tilintar de vidros.

— Beba isto, "sir" — dizia o polícia, levando-lhe um copo aos lábios.

"Agora vejamos onde estamos — falava o inspetor para o sargento e o polícia; o último estava manifestamente constrangido com a importância em que sua parte no negócio o havia impellido.

"Primeiro fixemos os fatos conhecidos acerca dos movimentos deste homem, John Mansbridge. Sabemos o trem em que ele veio e a que horas deixou a estação; sabemos que ele esteve em "Quatro Penas" justamente na hora de fechar, e sabemos que ele saiu daí e passou por diante de Robson, que estava de serviço, na direção da casa do primo dele. Não há rodeio fora do caminho que é perfeitamente deserto à noite. De fato, não creio que ninguém o utilize senão você, Longden. E cerca de quarenta minutos ou três quartos de hora depois de John Mansbridge ter deixado a aldeia, você viu dois ou três fósforos riscados, enquanto descia a colina, em direção à casa. E quando chegou na casa, encontrou o homem martelando a porta. Está certo?

O sargento e o polícia concordaram.

— Muito bem. E eu posso acrescentar que estamos perfeitamente certos de que foi Mr. John Mansbridge que acendeu o cachimbo, porque ele tinha uma caixa de fósforos de cera — que não são comuns atualmente nas aldeias — e achamos nada menos de quatro fósforos usados da mesma espécie, justamente no ponto onde Longden mostrou aqui.

O polícia empertigou-se um pouco, como se percebesse uma palavra de elogio a si mesmo.

— Tudo muito bem e muito bom — continuou o inspetor. — Parece certo que o homem marchou da estação, como disse que ia fazer. Gastou o tempo justamente normal, e seus sapatos o testemunham. E eu não sei como ele poderia chegar ali de outro modo. Nós podemos, naturalmente, achar alguém que o encontrasse no caminho, mas eu penso que isso seria improvável. Por aqui concluímos.

Fez uma pausa por um momento, como a pôr os pensamentos em ordem e depois prosseguiu em sua conferência (como parecia ser).

— Agora consideremos esse Felix Mansbridge. Parece-me um caso liquidado de suicídio — o sargento fez como se fosse interromper — mas admito que não seja o que estamos pensando. O que somos levados a pensar é isto: que alguém invadiu a casa, começou a roubar a prata, foi perturbado, apanhou aquele bastão no hall, descarregou um golpe na cabeça do homem, depois duma luta, e fugiu. E o relógio quebrado lembra justamente que isso aconteceu cerca de cinco minutos depois de Mr. John Mansbridge ter deixado "Quatro Penas", e quando por conseguinte não podia estar na casa do primo. Receio que não posso engulir esta história.

— O senhor está certo, portanto, de que ele foi envenenado, "sir"? — perguntou o sargento.

— Perfeitamente. E não é tudo. Em primeiro lugar, embora não seja impossível que ele tenha sido morto numa luta, isto é surpreendente — considerando que o golpe foi dado por trás e de cima. Depois, em segundo lugar, há sua confissão de suicídio. O senhor vê, a hora está bem marcada.

— Como assim, "sir"?

— Pois não, ele fala em deixar o mundo com acompanhamento de Wagner.

— Maluquice — disse o sargento.

— Não é assim. Eu não tenho dúvidas que ele estivesse pensando no rádio. Olhe o programa desta noite e descobrirá um número de Wagner, e, verá porque, na minha opinião, ele somente tomou o veneno dez minutos depois da hora marcada no relógio quebrado. E, finalmente, há o fermento na cabeça: prestem atenção ao que eu digo, mas os doutores vão dizer que ele foi feito depois que o homem tinha morrido.

— Mas, em nome de que...?

— Puro acidente, sargento, na minha opinião. Resultado de obedecer muito estritamente a um plano marcado de antemão. Quem quer que tenha utilizado o bastão acreditava que Felix Mansbridge estivesse vivo — e isso significa assassinato premeditado.

Porque, em nome de seja lá o que fosse que você ia dizendo — iria um ladrão abandonar a pilhagem para ir na sala vizinha e abrir a cabeça do dono da casa e depois escapular, deixando o roubo? É racional que nunca houve ladrão nenhum.

— Então que é que o senhor pensa que foi, "sir"?

O inspetor encolheu os ombros.

— Estritamente falando, suponho que devemos lançar as mãos sobre um fugitivo suspeito, um visitante desconhecido — disse ele — mas desconfio que seria pura perda de tempo. Houve apenas um visitante — o primo, John Mansbridge.

— Mas, o álibi dele, "sir".

— Eu sei. E não vejo como vamos destruí-lo. Tudo o que posso dizer é que, de qualquer modo, ele chegou muito antes de você encontrá-lo, Longden. E, como nós podemos provar que ele chegou alguns minutos antes de Longden o achar na porta, não penso que seu álibi possa perdurar. Admito que não vejo como ele conseguiu isso, mas estou compenetrado de que é uma farsa.

— O senhor pode provar isso, "sir"? — fez o sargento, num tom que lembrava uma dúvida respeitosa.

— Certamente. Pois aqui está uma carta que foi achada no seu bolso. É dirigida a ele e datada de ontem. A mulher que cuidava de Mr. Felix Mansbridge disse que ele escreveu uma carta antes dela sair, porém não tinha selo e disse que podia deixá-la para o dia seguinte. Não tenho dúvida de que essa é a carta — pois nenhuma carta se achou na casa, pronta para remeter, e você pode ver que este envelope estava endereçado e colado. E a mulher disse que ele pôs a carta no bolso do paletó, no lado direito. Note que se realmente estava no lado direito, seria trabalhoso tirá-la do cadáver, na posição em que ele se acha, sobre o lado direito, defronte da lareira — noutras palavras, ela foi retirada antes do corpo cair ali. Isto é talvez um pequeno ponto.

— A coisa principal — é que a própria carta é dirigida a John Mansbridge e foi encontrada no bolso de John Mansbridge. Eu lembro que ele a encontrou depois que aquele que a escrevera estava morto e provavelmente antes de seu corpo ficar estirado sobre o capacho da lareira. Pois nós sabemos que ele não apanhou a carta na casa enquanto estava com Longden — e portanto deve ter feito isso uns bons cinco minutos antes, e seguramente muito antes disso.

— Que é que a carta diz, "sir"? — indagou o sargento.

— Uma alusão a um motivo, para dizer suavemente. É longa; aqui está o resumo. Felix diz que não recebeu resposta do bilhete; supôs que o primo não possa encará-lo; noutras palavras, ele não pode negar a falsificação do cheque. Felix diz que isso é irremediável. O primo nunca se convencerá de que ele, Felix, seja de fato um homem pobre — as grandes quantias mencionadas no testamento do pai foram tragadas por dívidas não solvidas. Nem, aparentemente, o primo acredita que Felix seja de fato um homem doente. Tão doente que, embora não seja provável que morra no mês seguinte, os médicos dizem que ele não pode viver mais de um ano. A falsificação do cheque foi o último golpe; ele não vai ter paz neste mundo, portanto partiu para o outro, e deixa o primo herdar seu seguro de vida e o pouco que reste. E não se preocupa; ele tornou bem claro à polícia que foi um suicídio, o que, graças a uma cláusula especial, põe invalida a apólice do seguro. Oh, sim, ele junta o cheque falsificado, que, diz ele, avisou ao banco estar em ordem. Alusões a um motivo, hein? E mostra bem claro o caráter de John Mansbridge. Um patife completo.

Houve outra pausa.

— Compreendo, "sir", disse o sargento lentamente. E o senhor não crê que John Mansbridge entrasse completamente inocente e achasse esta carta — digamos, cinco minutos antes de Longden o ver acendendo o cachimbo?

O inspetor sacudiu a cabeça.

— Não. Aquele encontro com Longden, aquelas estadias em "Quatro Penas" e na estação faziam parte do plano do homem. Acender o cachimbo foi deliberado — ele

Ele ficou pasmado Vendo o belo penteado!



Pasme também, senhorita, todos os rapazes que vejam o seu penteado. Use ÓLEO DE LIMA, produto cientificamente preparado, sem goma nem gordura. ÓLEO DE LIMA amacia os cabelos sem empastar, facilitando o penteado.



IA-OL 130

ÓLEO DE LIMA

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campoa

EXIMENTA-SE PER CONTRA A DOR
A VENDA EM TODA A PARTA

deve ter tido uma trabalhadora para saber a hora exata em que Longden descesse aquele caminho. Não podia pensar nisso de repente.

O polícia Longden temperou a garganta.

— Se me permite a ousadia, "sir", o senhor quer dizer que Mr. Felix estava morto antes de Mr. John chegar, e que Mr. John lhe arrebitou a cabeça sem saber que ele já estava morto?

— Tal e qual. Como ele chegou a tempo na casa e como entrou nela, não sei. Talvez tivesse uma duplicata da chave e a tivesse jogado fora no gramado. Mas, na minha opinião, embora ele tenha feito assim, veio aqui para matar o primo e no melhor dos casos, até que você ponha esta confissão nas mãos dele, **assassinou** o primo.

— Obrigado, "sir". Então, para todos os efeitos e intentos ele é um assassino?

— Não tenho nenhuma dúvida.

— Bem, "sir" — e o polícia passou a mão nas sobancelhas — isso simplifica as coisas. Eu não sei direito o que o senhor pode fazer, oficialmente, mas estou entendendo melhor. Posso dizer-lhe, "sir", quando acabei de telefonar e encontrei este Mr. John Mansbridge morto na cadeira — bem, eu mesmo não sabia se estava também morto ou vivo. Engraçado eu procurar animá-lo do choque de ver o corpo do primo, dando-lhe uma boa dose do mesmo whisky em que o primo tinha posto o veneno. Parece um ato de Deus, não é, "sir"?

Ele falou com muita crença, sem intenção de desrespeito.



Uma Contam às Outras...

UMA senhora descobre um dentífrico de sabor tão delicioso que escovar os dentes se torna um verdadeiro prazer. Ao seu primeiro contacto com a língua, toda a boca se sente tomada de admirável frescor. Que é que ela faz? Naturalmente, usa-o todos os dias — depois de cada refeição, se possível. E conta às amigas sua descoberta. Isto é o que sucede diariamente com o Creme Dental Squibb em todo o mundo. Porque, na verdade, ajuda a limpar os dentes com prazer

e segurança. Pureza e eficácia estão em primeiro lugar na fabricação do Creme Dental Squibb. Passa por mais de 100 rigorosas provas, antes de ser posto à venda. Sua fórmula científica não contém nenhuma substância raspante, adstringente ou sabão — nada que prejudique o esmalte ou irrite as gengivas. Outro detalhe importantíssimo — o Creme Dental Squibb é feito com eficaz *anti-ácido* — Leite de Magnésia Squibb. Por que não experimenta hoje mesmo esse delicioso dentífrico?

Creme Dental Squibb

250

ESCOVA ÂNGULO SQUIBB

Recurvada em ângulo adequado para atingir por igual os interstícios e a superfície de TODOS os dentes. Fios da mais alta qualidade — eficientes — duráveis.



A partida de bilhar

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 39)

Novo estampido e outro mais. Os tiros de canhão sucedem-se, precipitam-se. Os ajudantes de ordens correm às janelas. Estarão os prussianos atacando?

— Deixá-los atacar! diz o marechal, esfregando o giz no taco. — Capitão, é o senhor a jogar.

O estado-maior porém vibra de admiração. Turenne dormindo enquanto se decide uma emboscada não é coisa nenhuma, comparado àquele marechal que, no momento mesmo da ação, prossegue calmamente na sua partida de bilhar. Entretanto, vai aumentando a inferneira. Aos estrondos do canhão, mistura-se o estalejar das metralhadoras, o tamborilar dos fogos de batalhão. Um nevoeiro avermelhado, orlado de negro, sobe dos gramados distantes. Todo o fundo do parque está esbrazeado. Os pavões, os faisões gritam apavoradamente; os cavalos árabes, sentindo o cheiro da pólvora, empinam-se nas estrebarias. O quartel general entra em agitação. Telegramas sobre telegramas. Chegam estafetas a todo o galope. Pergunta-se pelo marechal.

O marechal está inabordable. Não disse eu há pouco que nada o impediria de terminar a partida?

— Capitão, é o senhor.

Mas o capitão está distraído. O que é a mocidade! Ei-lo que perde a cabeça, esquece a política do seu jogo e enfia duas séries de carambolas que quasi lhe fazem ganhar a partida. O marechal fica furioso. Na sua nobre fisionomia misturam-se a surpresa e a indignação. Naquele justo momento um cavalo a todo a brida rompe pelo pátio. Um ajudante de ordens coberto de lama atravessa dum salto o patamar:

— Marechal! Marechal!

Com as faces rubras como a crista dum galo, ofegante de cólera, o marechal aparece à janela, com o taco na mão:

— Que é? Que temos? Não há sentinelas aí?

— Mas, marechal...

— Basta. Já atendo. Que esperem as minhas ordens, com mil raios!

E fecha violentamente a janela. Que esperem às suas ordens... E' justamente o que os pobres diabos estão fazendo! O vento traz-lhes a chuva e a metralha. Batalhões inteiros são aniquilados, enquanto outros se conservam inuteis, de arma ao ombro, sem poder sair daquela inação. Esperam ordens. Como, porém, não são necessárias ordens para morrer, os homens caem às centenas sobre os arbustos, pelos barrancos, diante do grande castelo silencioso. Ainda depois de caídos a metralha os devora; e pelas feridas abertas corre sem ruido o sangue generoso da França... Lá em cima, na sala de bilhar, também as coisas se agravaram terrivelmente. O marechal tomou de novo a dianteira; mas o capitãozinho defende-se como um leão...

Dezessete, dezoito, dezenove...

Quasi não há tempo de marcar os pontos. Aproxima-se o estardalhaço da batalha. O marechal joga por um ponto. Já no parque estão caindo obuzes. Um deles rebenta em estilhaços o espelho da água; um cisne nada, louco de terror, num turbilhão de penas ensanguentadas. E' a última tacada.

Agora, silêncio. Só a chuva que cai nas alamedas, um rufar confuso ao fundo da colina; e pelos caminhos alagados alguma coisa como o atropelo dum rebanho que foge. O exército está em plena derrota. O marechal ganhou a partida.

SENHORA:

CONSERVE A SUA PELE PERFEITA, SAUDAVEL E LINDA, USANDO

OLEO DE VIOLETAS

DE

MME. GRAÇA

DELICIOSAMENTE PERFUMADO, FIXA O PÓ DE ARROZ E CORRIGE QUAISQUER IMPERFEIÇÕES E DEFEITOS.

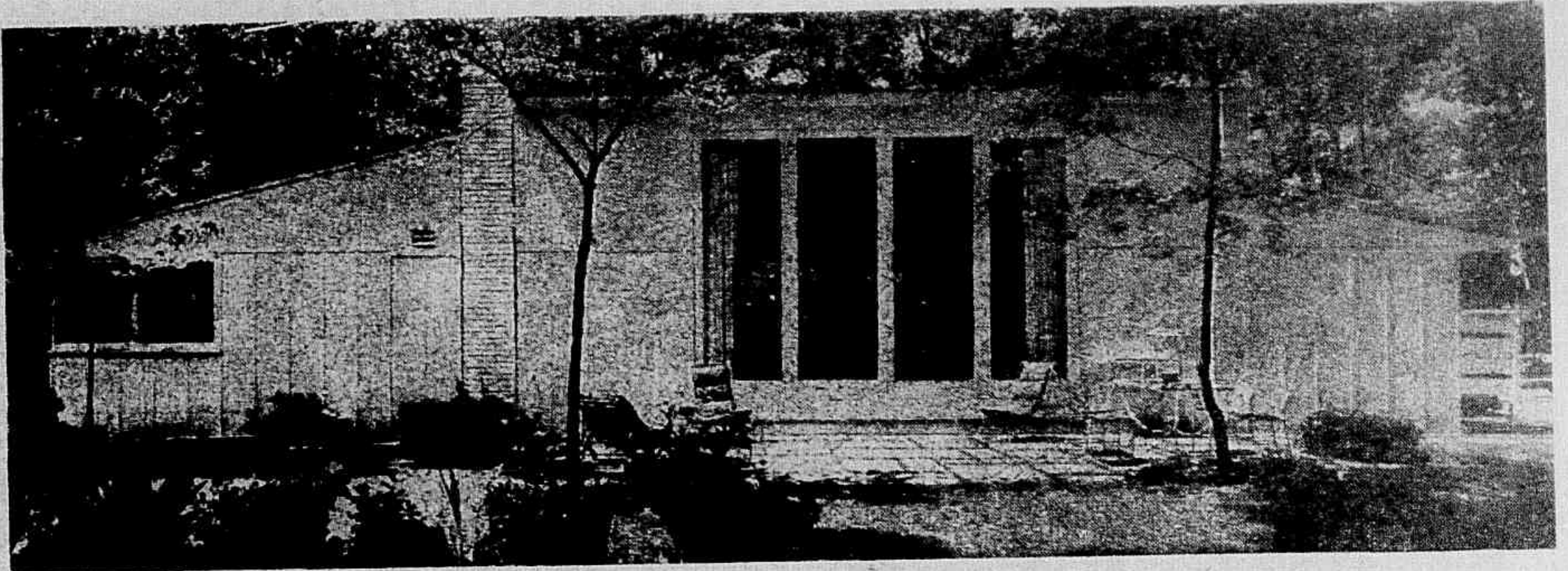


O "CREME ANTI-RUGAS", CONTRA RUGAS E FLACIDEZ DOS MÚSCULOS; A "LOÇÃO ACNEA", PARA ESPINHAS E CRAVOS; O "BALSAMO BRANCO", PARA CLAREAR — PRODUTOS DE MME. GRAÇA SÃO PERFEITOS.

CATALOGOS GRATIS PELO CORREIO.

Distribuidores: — ESPANHA PARAMÉIS & Irmão

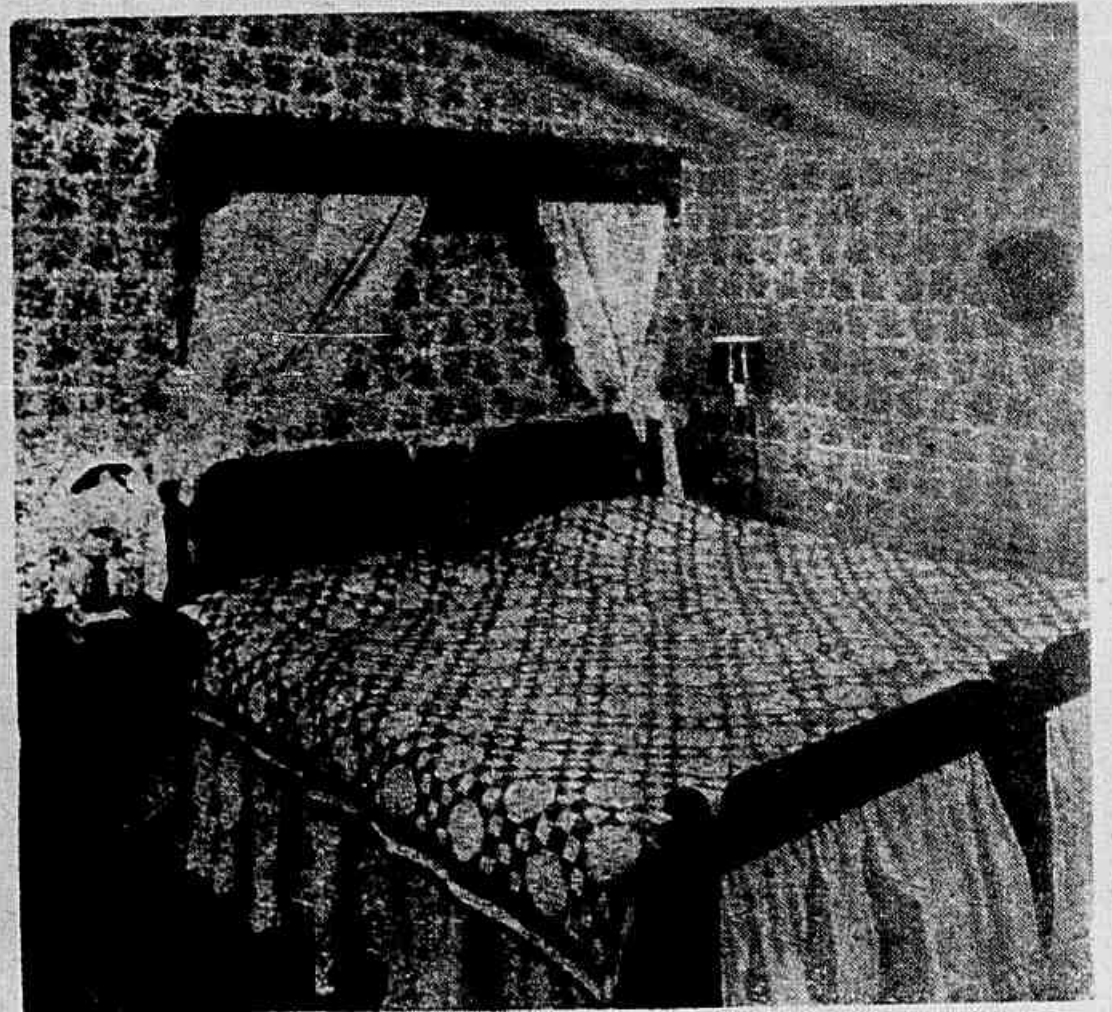
RUA DA ALFANDEGA, 181 — RIO.



1 Repare a terminação obliqua do teto. A frente é em pinho pintado de branco. Fresca e confortável tem os quartos de dormir dispostos à esquerda e a cozinha ao centro.



2 A larga porta envidraçada dá saída para o terrace. É decorada com cortinas para a emergência do mau tempo.



3 Um quarto de dormir estilo colonial não é absolutamente dissonante numa residência moderna (pelo menos, esta). Cobrem as paredes sugestivo papel pintado.



4 Um refeitório composto de mesa de jantar e cadeiras foi improvisado a um canto da cozinha. Assim a comida chega bem quentinha, não é?



5 Comodo banheiro com cortina de madeira. É forrado de linoleum.

Desenhado por
WILLIAM HAMBY

Esta pequena moradia sugere idéias para uma agradável casa de campo.

MOBILIARIOS FINOS EXPOSTOS EM GRANDES MOSTRUARIOS

Convidam-se as distintas famílias a visitarem os mostruários junto à fábrica de Móveis "Lamas", nos quais estão expostas as mais recentes criações de mobiliários nos diversos estilos, dotados de todos os requisitos para satisfazer quem pretenda adquirir móveis de qualidade e de bom desenho.

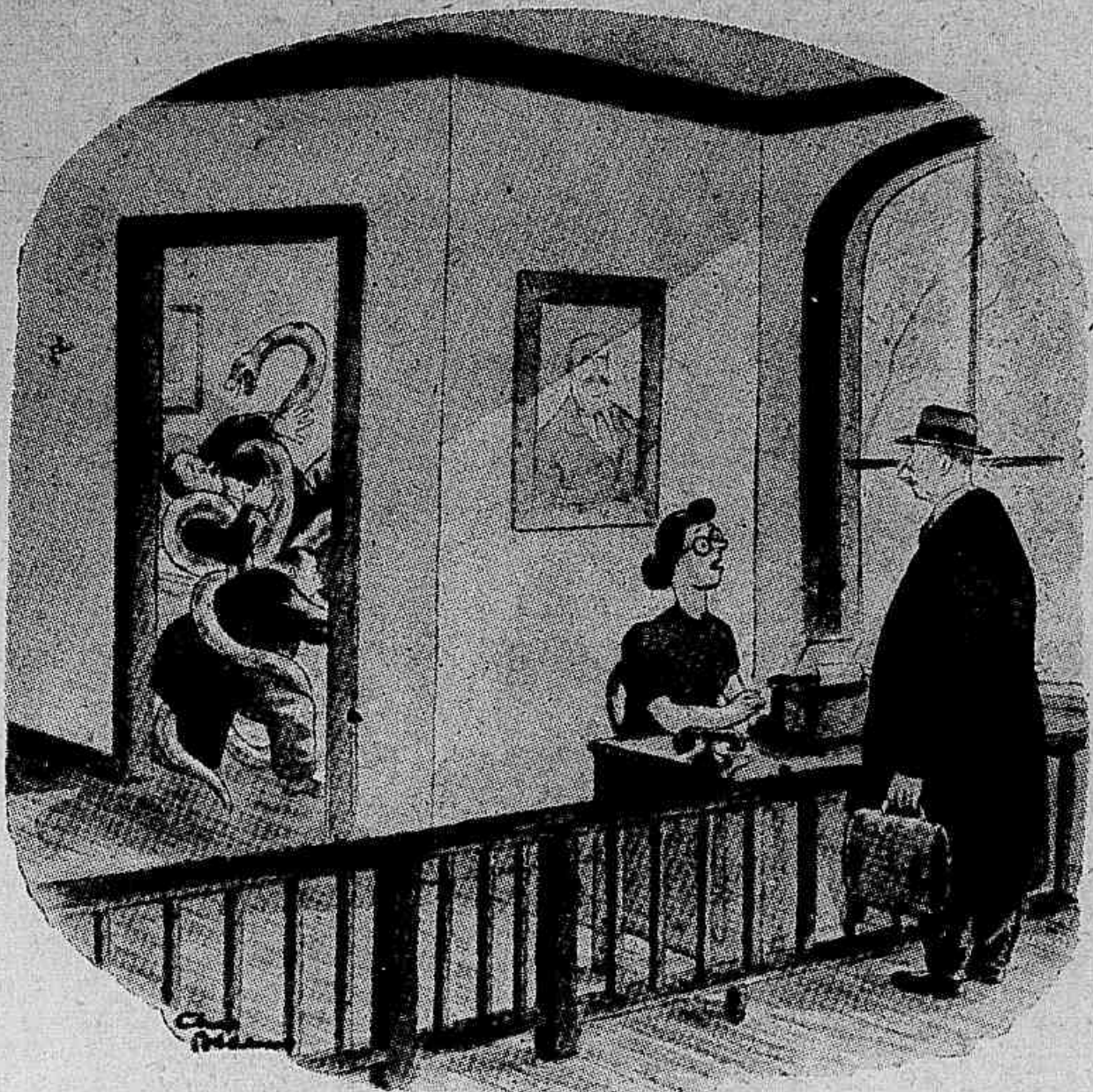
As exposições que a fábrica "Lamas" mantém no Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda, sendo os móveis "Lamas" vendidos exclusivamente nos mostruários anexos à fábrica, com facilidade, em certas áreas do pavimento.

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o território nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr. \$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da República, constará na própria capa do número a que se refere essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o território nacional o preço da capa.

Numeros atrasados desta
Revista em Sergipe
PROCURAR A LIVRARIA REGINA

OUTROS RIRAM



— Quer sentar-se um pouco? O zelador agora está ocupado.



— Eu estou curioso. Quem foi que me matou?

— A mim, um chapéu dura-me tres anos. No fim do primeiro, mandei-o limpar; no fim do segundo, mandei mudar o f. rro...
— E no fim do terceiro?
— Troco-o por outro no restaurante.



— Está vendo? E' tal qual o professor Godofredo disse. E es são levados!



TRANSPORTES E VIAS DE COMUNICAÇÃO NO BRASIL

★ Edição consagrada aos problemas rodovias, ferroviários e de cabotagem do país, e às vias de comunicação naturais do território brasileiro.

E as seções habituais

Pedido
O OBSERVADOR
Economico e Financeiro
Av. Graça Aranha, 182 - Rio

Número Avulso
Cr\$ 5,00

IA-OEF3

VINOVITA

TONIFICA O SANGUE
ESTIMULA O CEREBRO
DA ENERGIA AOS MÚSCULOS

Correspondência

RESPOSTAS AS CONSULTAS SOBRE MODAS

-por-
S U S A N



Mme. Fontes.

S. Paulo

Agradecendo as referencias a meu respeito envio tanto para Esterzinha como para Maria Amelia os modelos pedidos. Gloria Jean — a deliciosa estrelinha da Universal — encarna perfeitamente a graça natural tão peculiar à idade que o poeta definiu como a do "entreaberto botão, entrefechada rosa". Numa adolescência deveras promissora ela apresenta penteados para a escola e para o primeiro baile (de bacharelato, provavelmente) assim como preciosos modelos que delimitam precisamente o fim da meninice e o começo da juventude — repare o convencimento da mocinha que já pode usar "sallinhos"... As meninas gostaram?

UM NOME *incarelli* QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO

Hollywood



CHAMPANHE... HOLLYWOOD...
UMA SÓ CLASSE DE EXCELENCIA
PARA O REQUINTADO GOSTO
DE UM PUBLICO ELEGANTE.

Cia de Cigarros
SOUZA CRUZ



Record